

KIERA CASS

AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO

A SEREIA

SEGUINTE



A SEREIA

KIERA CASS

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SÉQUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Olá, meus leitores brasileiros!

Em primeiro lugar, queria agradecer demais pelo apoio ao longo dos anos com a série A Seleção. Vocês estão entre os meus leitores mais empolgados, e a animação e a generosidade de vocês sempre me impressionam. Sou grata para sempre!

Em segundo lugar, quero agradecer por terem decidido ler *A sereia*. Sempre fico assustada ao lançar um projeto novo, mas espero que vocês curtam este livro tanto quanto curtiram os outros.

Na verdade, *A sereia* foi o primeiro livro que lancei, embora eu não tivesse recorrido a uma editora tradicional na época. Foi uma grande aventura voltar a ele seis anos depois de lançá-lo pela primeira vez e ter uma equipe inteira me apoiando e me dando a chance de melhorá-lo.

O enredo é uma releitura moderna do mito grego das sereias. Conta-se que essas belas mulheres (que alguns diziam ter corpo de pássaro) cantavam às margens dos oceanos, e que os marinheiros se apaixonavam tanto que desviavam o navio para se aproximar, mas acabavam batendo em rochedos e morrendo afogados. As garotas que vocês estão prestes a conhecer aqui não têm asas nem nada parecido. São apenas jovens comuns que se depararam com uma irmandade misteriosa.

O que mais gosto nessas garotas é que, apesar de serem sobre-humanas em muitos aspectos, ainda são muito vulneráveis em outros. O coração delas é bem frágil, e a capacidade de amarem umas às outras (e algumas pessoas que talvez não devessem) foi o que mais me comoveu quando decidi escrever tudo isto.

Espero que vocês gostem da história de Kahlen e que não fiquem com medo de entrar na água depois!

Com muito amor,
Kiera

Para Liz.

*Porque ela é o tipo de garota para quem deveriam compor músicas,
escrever poemas e dedicar livros.*



É ENGRAÇADO PENSAR NAS COISAS A QUE NOS APEGAMOS, nas coisas de que lembramos quando tudo acaba. Ainda consigo ver os painéis nas paredes da nossa cabine e recordar com precisão como o carpete era macio. Lembro do cheiro da água salgada permeando o ar e grudando na minha pele, e o som das risadas dos meus irmãos no outro quarto, como se a tempestade fosse uma aventura emocionante em vez de um pesadelo.

Mais do que qualquer sentimento de medo ou preocupação, pairava no ambiente um ar de irritação. A tempestade acabara com nossos planos; não haveria dança no convés principal naquela noite. Essas eram as desgraças que assolavam minha vida, tão insignificantes que dava quase vergonha de admiti-las. Mas isso foi há muito tempo, quando a minha realidade parecia ficção de tão boa que era.

— Se esse chacoalhar não parar logo, não vou ter tempo de ajeitar o cabelo antes do jantar — minha mãe reclamou.

Levantei os olhos para ela do lugar em que estava, deitada no chão numa tentativa desesperada de não vomitar. O reflexo dela no espelho lembrava um cartaz de cinema, e para mim as ondas de seu cabelo pareciam perfeitas. Mas ela nunca ficava satisfeita.

— Você tem que levantar do chão — ela continuou, baixando os olhos para mim. — E se algum empregado entrar?

Caminhei com esforço até um dos divãs, como sempre fazendo o que me mandavam, embora não considerasse aquela posição necessariamente mais digna de uma dama. Fechei os olhos, rezando para a água se acalmar. Eu

não queria ficar enjoada. A nossa jornada até aquele último dia tinha sido bem comum, apenas uma viagem de família do ponto A ao B. Não consigo lembrar para onde íamos. Mas lembro que viajávamos em grande estilo, como de costume. Éramos uma das poucas famílias sortudas que sobreviveram à Grande Depressão com a fortuna intacta — e minha mãe gostava de deixar isso bem claro para as pessoas. Assim, estávamos alojados numa suíte bonita com janelas de tamanho considerável e mordomos particulares ao nosso dispor. Eu cogitava chamar um deles pela campainha e pedir um balde.

Foi então, no meio daquele torpor do enjoo, que ouvi uma coisa. Soava quase como uma cantiga de ninar distante, que me deixou curiosa e, por algum motivo, com sede. Levantei a cabeça e vi minha mãe fazer o mesmo, procurando o som. Nossos olhares se encontraram por um instante; ambas precisávamos garantir que o que ouvíamos era real. Quando percebemos que não estávamos imaginando coisas, voltamos a nos concentrar na janela para escutar. A música era de uma beleza intoxicante, como o efeito de um cântico sobre devotos religiosos.

Meu pai enfiou a cabeça pela porta do quarto. Seu pescoço trazia um curativo recente onde ele havia se cortado quando tentara se barbear durante a tempestade.

— É a banda? — ele perguntou. O tom de sua voz era calmo, mas o desespero em seu olhar era assustador.

— Talvez. Soa como se viesse de fora, não é? — minha mãe respondeu, de repente sem fôlego e ansiosa. Ela levou uma mão ao pescoço e engoliu em seco. — Vamos lá ver.

Ela levantou com um salto e pegou um casaco. Fiquei chocada. Ela odiava sair na chuva.

— Mas mãe, e a sua maquiagem? Você acabou de dizer...

— Ah, isso... — ela disse, desconsiderando o comentário e balançando os ombros para acertar o caimento do cardigã cor de marfim. — Só vamos

lá por um instante. Vou ter tempo de ajeitar a maquiagem quando voltar.

— Acho que vou ficar — falei.

Me sentia tão atraída pela música quanto eles, mas a umidade grudada no rosto me lembrou de como eu estava quase a ponto de vomitar. Sair do quarto no meu estado não podia ser uma boa ideia, então me aninhei ainda mais no divã, resistindo ao ímpeto avassalador de levantar e seguir meus pais.

Minha mãe virou para trás e nossos olhares se cruzaram.

— Me sentiria melhor se você viesse comigo — ela disse com um sorriso.

Essas foram as últimas palavras da minha mãe para mim.

No exato momento em que abri a boca para argumentar, me encontrei de pé e já atravessando a cabine para segui-la. Não era apenas uma questão de obediência. Eu *precisava* subir ao convés. Precisava chegar mais perto da música. Se tivesse permanecido no quarto, provavelmente teria ficado presa e afundado com o navio. Então poderia ter me juntado à minha família. No céu ou no inferno, ou em lugar nenhum, se tudo isso fosse mentira. Mas não.

Subimos as escadas, acompanhados ao longo do caminho por vários outros passageiros. Foi então que percebi que havia algo errado. Alguns corriam, abrindo caminho entre a multidão aos empurrões, enquanto outros pareciam sonâmbulos.

Pisei no convés sob uma chuva torrencial e fiz uma pausa ao cruzar a porta para contemplar a cena. Tapei os ouvidos bem forte com as mãos para silenciar os trovões que ressoavam e a música que hipnotizava, tentando me situar. Dois homens passaram correndo por mim e se jogaram ao mar sem hesitar. Mas a tempestade não estava tão ruim a ponto de precisarmos abandonar o navio, estava?

Olhei para o meu irmão mais novo e o vi saltitar sob a chuva como um gato selvagem que põe as garras em carne crua. Quando alguém perto dele

tentou fazer o mesmo, eles começaram a se empurrar, como se lutassem pelas gotas. Dei meia-volta para procurar meu irmão do meio. Jamais o encontrei. Estava perdido na multidão que se acumulava contra o parapeito. Partiu antes mesmo que eu pudesse compreender o que estava acontecendo.

Então vi meus pais, de mãos dadas, com as costas contra o parapeito, se inclinando para trás como se não fosse nada de mais. Eles sorriam. Eu gritava.

O que estava acontecendo? O mundo tinha ficado louco?

Uma nota invadiu meu ouvido e baixei as mãos. De repente, a canção era a única coisa que importava. Minhas preocupações se desfizeram. Parecia mesmo que o melhor seria estar na água, envolta nas ondas em vez de bombardeada pela chuva. A sensação devia ser deliciosa. Eu precisava bebê-la. Precisava encher meu estômago, meu coração, meus pulmões com ela.

Com esse único desejo pulsando no corpo, caminhei até a balaustrada. Seria um prazer beber aquilo até ficar cheia, até cada pedaço meu estar satisfeito. Eu mal tinha consciência de que estava me dependurando para fora, mal tinha consciência de qualquer coisa, até que o impacto duro da água no meu rosto me fez recobrar os sentidos.

Eu ia morrer.

Não!, pensei enquanto lutava para voltar à superfície. *Não estou pronta! Quero viver!* Dezenove anos não eram o bastante. Ainda havia muitas comidas para provar e muitos lugares para visitar. Um marido, assim eu esperava, e uma família. Tudo isso, absolutamente tudo, desapareceria num instante.

— *De verdade?*

Não tive tempo para duvidar da existência da voz que ouvia e logo respondi:

— *Sim!*

— *O que você daria para continuar viva?*

— *Qualquer coisa!*

Imediatamente, fui arrastada para longe do naufrágio. Foi como se um braço envolvesse minha cintura e me puxasse com destreza, me fazendo avançar rapidamente por entre os corpos até me desvencilhar de todos eles. Logo me vi deitada numa superfície dura, diante de três garotas de uma beleza inumana.

Por um momento, todo o horror e a confusão por que eu tinha acabado de passar se dissolveram. Não havia tempestade, família, medo. Só havia aqueles rostos belos e perfeitos. Apertei os olhos e as examinei, fazendo a única suposição possível.

— Vocês são anjos? — perguntei. — Eu morri?

A garota mais perto de mim — que tinha os olhos mais verdes que eu já tinha visto na vida e o cabelo vermelho brilhante esvoaçando em volta do rosto — se abaixou.

— Não. Você está bem viva — ela garantiu com um agradável sotaque britânico.

Fiquei boquiaberta, sem palavras. Se eu ainda estivesse viva, não sentiria os arranhões do sal garganta abaixo? Meus olhos não estariam queimando por causa da água? Ainda não estaria sentindo o rosto arder da queda? No entanto, me sentia perfeita, completa. Ou estava sonhando ou estava morta. Tinha que estar.

Ainda dava para ouvir os gritos ao longe. Ergui a cabeça, e logo depois das ondas avistei a popa do nosso navio, que balançava de modo surreal acima das águas.

Tomei vários fôlegos descompassados, confusa demais para compreender como estava respirando ao mesmo tempo que ouvia os outros se afogarem ao meu redor.

— Do que você se lembra? — ela perguntou.

Balancei a cabeça.

— Do carpete.

Vasculhei as lembranças. Já sentia que elas estavam ficando distantes e turvas.

— E do cabelo da minha mãe — acrescentei, com a voz fraca. — E depois eu estava na água.

— Você pediu para viver?

— Sim — disparei, me perguntando se ela podia ler minha mente ou se todo mundo tinha pensado o mesmo. — Quem são vocês?

— Meu nome é Marilyn — ela respondeu com ternura. — Esta é Aisling — ela continuou, apontando para uma garota loira que me abriu um sorriso discreto e caloroso. — E aquela é Nombeko.

Nombeko era negra como o céu noturno e parecia não ter um fio de cabelo sequer.

— Somos cantoras — Marilyn explicou. — Sereias. Servas da Água. Nós a ajudamos. Nós... a alimentamos.

Franzi a testa.

— Do que a água se alimenta?

Marilyn lançou um olhar na direção do navio que naufragava. Quase todas as vozes já tinham se calado agora.

Ah.

— É nosso dever, e logo poderá ser o seu também. Se você der a Ela seu tempo, Ela vai te dar vida. Deste dia em diante, pelos próximos cem anos, você não vai adoecer nem se machucar, e não vai envelhecer um dia sequer. Quando o tempo terminar, você receberá de volta a sua voz e a sua liberdade. E poderá viver.

— S-sinto muito — gaguejei. — Não entendo.

As outras atrás dela sorriram, mas seus olhos aparentavam tristeza.

— Seria impossível entender agora — Marilyn disse. Ela passou a mão pelo meu cabelo, me tratando como se eu já fosse uma delas. — Garanto a você que nenhuma de nós entendia. Mas esse dia chegará.

Levantei com cuidado, chocada ao ver que estava de pé sobre a água. Algumas pessoas ainda boiavam ao longe, batendo os braços contra a correnteza como se fossem capazes de se salvar.

— Minha mãe está lá — supliquei. Nombeko suspirou com olhos saudosos.

Marilyn passou o braço pelos meus ombros, olhando na direção do naufrágio. Então, sussurrou no meu ouvido:

— Você tem duas escolhas. Pode ficar conosco ou se juntar à sua mãe. *Se juntar a ela*. Não salvá-la.

Permaneci calada, pensando. Será que as palavras dela eram verdadeiras? Será que eu poderia escolher a morte?

— Você disse que daria qualquer coisa para viver — ela me lembrou. — Por favor, leve a promessa a sério.

Vi a esperança nos olhos dela. Ela não queria que eu fosse. Talvez tivesse visto mortes demais num dia só.

Fiz que sim com a cabeça. Eu ia ficar.

Ela me puxou para si e cochichou no meu ouvido:

— Bem-vinda à irmandade das sereias.

Fui tragada pela água e alguma coisa fria penetrou minhas veias. E embora isso me assustasse, não chegou a doer.

OITENTA ANOS DEPOIS



— POR QUÊ? — ela perguntou com o rosto inchado do afogamento.

Estendi as mãos num alerta para que ela não se aproximasse mais, numa tentativa de dizer sem palavras que eu era fatal. Mas estava claro que ela não tinha medo de mim. Ela buscava vingança. E ia conseguir de qualquer maneira.

— Por quê? — ela quis saber de novo. As algas-marinhas enroscadas na perna dela faziam um som monótono e molhado ao serem arrastadas pelo chão.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse segurar:

— Precisei.

Ela nem se abalou com a minha voz, apenas continuou avançando. Era isso. Eu finalmente pagaria pelo que fizera.

— Eu tinha três filhos.

Me afastei, à procura de uma escapatória.

— Eu não sabia! Juro que não sabia de nada!

Por fim, ela parou, a apenas alguns centímetros de mim. Fiquei à espera de que me batesse ou enforcasse, que encontrasse um jeito de vingar a vida que lhe tinha sido tirada tão cedo. Mas ela só ficou ali, com a cabeça inclinada para o lado enquanto me contemplava, os olhos esbugalhados e a pele azulada.

Então ela atacou.

Acordei sem fôlego, agitando o braço contra o vazio diante de mim até entender.

Um sonho. Não passava de um sonho. Levei a mão ao peito, na esperança de acalmar meu coração. Em vez de pele, meus dedos tocaram a capa da minha caderneta. Peguei-a e examinei as páginas montadas com cuidado, repletas de recortes de notícias. Ninguém mandou trabalhar nela antes de dormir.

Eu tinha acabado de terminar a página sobre Kerry Straus quando caí no sono. Ela era uma das últimas pessoas do nosso naufrágio mais recente que eu havia encontrado. Faltavam mais duas, e então eu teria informações sobre cada uma daquelas almas perdidas. O *Arcatia* talvez fosse meu primeiro navio completo.

Ao observar a página de Kerry, reparei bem nos olhos brilhantes da foto que estava no site em sua memória. O site era feio, sem dúvida criado pelo viúvo entre a rotina sem fim do trabalho e as tentativas de servir algo mais criativo do que macarrão aos seus três filhos órfãos de mãe. Kerry tinha um olhar promissor, um ar de expectativa brilhando ao redor dela.

Eu tirei isso dela. Roubei e dei para a Água se alimentar.

— Pelo menos você teve alguém — eu disse à foto dela. — Pelo menos havia alguém para chorar por você quando você se foi.

Eu queria ser capaz de explicar como a interrupção de uma vida plena era melhor do que o prolongamento de uma vida vazia. Fechei a caderneta e a botei no baú junto com as outras, uma para cada naufrágio. Havia apenas algumas pessoas capazes de entender o que eu sentia, e mesmo assim eu não tinha certeza se entendiam.

Com um suspiro pesado, me dirigi para a sala de estar, onde as vozes de Elizabeth e Miaka soavam mais altas do que me deixava confortável.

— Kahlen! — Elizabeth cumprimentou. Tentei manter a discrição enquanto conferia se todas as janelas estavam fechadas. Elas sabiam como era importante que ninguém nos ouvisse, mas nunca eram tão cautelosas quanto eu desejava. — Miaka acabou de ter outra ideia para o futuro dela.

Mudei o foco para Miaka. Pequena, de pele escura e sempre de bom humor, ela me ganhou nos primeiros minutos em que a conheci.

— Conte, por favor — pedi ao sentar na cadeira do canto.

Miaka me abriu um sorriso largo.

— Eu estava pensando em comprar uma galeria.

— Sêrio? — perguntei, com as sobrancelhas arqueadas de surpresa. — Então você vai passar da criação para os negócios?

— Acho que você jamais vai conseguir parar de pintar — Elizabeth disse, pensativa.

— É talentosa demais — concordei, assentindo com a cabeça.

Havia anos que Miaka vendia sua arte pela internet. Agora mesmo, no meio da conversa, estava mexendo no celular, e tive certeza de que outra grande venda estava por vir. O fato de uma de nós ter um celular era quase ridículo — como se tivéssemos para quem ligar —, mas ela gostava de estar conectada ao mundo.

— Ser responsável por alguma coisa parece divertido, sabe?

— Eu sei — falei. — Ser proprietária de um negócio deve ser fascinante.

— Exatamente! — Miaka digitava e falava ao mesmo tempo. — Responsabilidade, individualidade. Não tenho nada disso agora, então talvez possa compensar mais tarde.

Eu estava prestes a dizer que tínhamos bastante responsabilidade, mas Elizabeth falou primeiro.

— Eu também tive uma ideia nova — ela cantarolou.

— Conta pra gente — Miaka pediu, para em seguida botar o celular de lado e sentar no colo de Elizabeth como se fosse uma cachorrinha.

— Cheguei à conclusão de que gosto mesmo de cantar. Acho que gostaria de continuar cantando, mas de um jeito diferente.

— Você seria uma vocalista fantástica numa banda!

Elizabeth se endireitou no assento, o que quase fez Miaka cair no chão.

— Era exatamente isso que eu tinha pensado!

Eu as observava, maravilhada ao perceber que três pessoas tão diferentes — nascidas em tempos e lugares e culturas distintas — fossem capazes de combinar tão bem. Até mesmo Aisling se encaixou como uma peça de quebra-cabeça quando decidiu deixar sua solidão autoimposta para ficar com a gente por um tempo.

— E você, Kahlen?

— Hein?

Miaka se endireitou.

— Algum sonho novo?

Já havíamos jogado esse jogo centenas de vezes para nos manter animadas. Eu tive dezenas de ideias ao longo dos anos. Já tinha pensado em ser médica, para compensar todas as vidas que tirei. Dançarina, para poder controlar meu corpo de todas as maneiras. Escritora, para descobrir uma maneira de usar minha voz quer eu falasse ou não. Astronauta, caso precisasse botar mais espaço entre a Água e mim. Já tinha praticamente esgotado todas as possibilidades.

Mas lá no fundo sabia que só havia uma coisa que eu queria de verdade, dolorosa demais para pensar agora.

Olhei para o grande livro de história que estava sobre minha cadeira favorita — o livro que eu tinha intenção de levar comigo para o quarto na noite anterior —, tomando cuidado para que a revista de noivas ainda estivesse escondida dos olhos das outras.

Sorri e dei de ombros.

— Os mesmos de sempre, os mesmos de sempre.

Engoli em seco ao botar os pés no campus. Por mais que eu quisesse uma vida comum e agradável como a de todo mundo, nunca me permitia ficar confortável. Humanos — e a constante necessidade de ficar em silêncio para protegê-los — me deixavam nervosa. Mas mesmo agora eu ouvia a

voz de Elizabeth na cabeça: “Não precisa ficar dentro de casa o tempo todo. Não vou viver assim”, ela tinha prometido talvez duas semanas depois de começar sua nova vida conosco. E ela foi fiel à palavra. Não só saía, mas fazia questão de que o resto de nós também tivesse uma vida normal sempre que possível. Me aventurar fora de casa era metade um agrado a ela, metade a mim mesma.

Nossa casa atual era bem perto de uma universidade, o que era perfeito para mim. Isso significava um monte de gente andando de um lado para o outro no gramado e se reunindo em mesas de piquenique. Eu não sentia necessidade de ir a shows ou baladas ou festas, como Elizabeth e Miaka. Me contentava simplesmente em estar entre humanos, observá-los. Se me sentasse debaixo de uma árvore com um livro, era capaz de fingir ser um deles por horas.

Fiquei observando as pessoas passarem, encantada por estar num lugar tão amistoso que algumas pessoas acenavam para mim sem qualquer motivo. Se eu pudesse dizer oi para elas — apenas uma palavrinha minúscula e inofensiva —, a ilusão teria sido perfeita.

— ... se ela não quisesse. Tipo, por que ela não diz alguma coisa pelo menos? — uma garota perguntou ao grupo de amigos ao seu redor. Imaginei-a como uma abelha-rainha, enquanto os demais eram as pobres operárias.

— Você tem toda a razão. Ela devia ter falado pra você que não queria ir, não pra todo mundo.

A rainha jogou o cabelo de lado.

— Bom, pra mim já chega. Não vou ficar com esses joguinhos.

Olhei bem para ela, certa de que a garota jogava um jogo completamente diferente, que sem dúvida ganharia.

— Estou te dizendo, cara, podemos projetar isso — um rapaz de cabelo curto afirmava, acenando para o amigo.

— Não sei — respondeu o outro, um garoto um pouco acima do peso que coçava o pescoço enquanto caminhava rápido. Talvez tentasse deixar o amigo para trás, mas seu interlocutor tinha pés tão ligeiros e tanta motivação que poderia acompanhar um foguete.

— Só um pequeno investimento, cara. Podemos estourar. Em dez anos, as pessoas vão estar falando dos dois nerds da Flórida que mudaram o mundo!

Segurei um sorriso.

Quando a multidão se dispersou à tarde, fui para a biblioteca. Desde que nos mudamos para Miami, eu passava lá uma ou duas vezes por semana. Não gostava de fazer minhas pesquisas para a caderneta em casa. Já tinha cometido esse erro antes, e Elizabeth me criticara sem piedade pela atitude mórbida.

— Por que você não vai logo procurar os cadáveres? — ela tinha dito. — Ou pede para a Água te contar quais foram seus últimos pensamentos. Você quer saber isso também?

Eu compreendia a repulsa dela. Ela via minhas cadernetas como uma obsessão insana pelas pessoas que tínhamos assassinado. O que eu queria era que ela compreendesse como aquelas pessoas me assombravam, como seus gritos permaneciam comigo muito tempo depois de os navios afundarem. Saber que Melinda Bernard tinha uma vasta coleção de bonecas ou que Jordan Cammers estava no primeiro ano de medicina aliviava minha dor. Era como se saber mais sobre a vida do que sobre a morte deles tornasse as coisas melhores de alguma forma.

Minha meta hoje era Warner Thomas, o penúltimo da lista de passageiros do *Arcatia*. Warner se revelou uma pesquisa relativamente fácil. Havia milhares de pessoas com o mesmo nome, mas assim que descobri todos os perfis de redes sociais que pararam de postar de repente seis meses antes, tive certeza de que era ele. Warner era um sujeito alto e magro como um poste, e parecia tímido demais para falar com os outros

pessoalmente. Aparecia como solteiro em toda parte, e me senti mal por pensar que isso fazia todo o sentido.

A última postagem no blog dele era de partir o coração:

Desculpem pelo texto curto, mas estou atualizando do celular. Vejam esse pôr do sol!

Logo abaixo, o sol se desfazia sobre as costas da Água.

Há tanta beleza no mundo! Não consigo deixar de pensar que coisas boas estão por vir!

Quase ri. A expressão dele em todas as fotos que encontrei me fazia pensar que ele nunca tinha exclamado nada na vida. Mas não pude afastar o pensamento de que alguma coisa tinha acontecido logo antes daquela viagem fatídica. Será que ele tinha motivos para achar que o rumo de sua vida estava mudando? Ou seria apenas mais uma das mentiras que contamos na segurança do quarto quando ninguém pode enxergar a falsidade das palavras?

Imprimi a melhor foto dele, uma piada que ele tinha postado, e algumas informações sobre seus irmãos. Não gostava de andar com as cadernetas por aí, então guardei a papelada com cuidado na bolsa para levar para casa.

Desculpe, Warner. Juro que não foi por mim que você morreu.

Com isso resolvido, consegui focar em algo mais divertido. Eu tinha aprendido ao longo dos anos a compensar cada página devastadora da minha caderneta com alguma coisa feliz. Na noite anterior, tinha olhado uns vestidos antes de colar as últimas fotos de Kerry. Naquele dia, seriam bolos. Descobri a seção de culinária e carreguei uma pilha de livros até um espaço vazio no terceiro andar. Me debrucei sobre receitas, coberturas, arranjos de bolo. Preparei bolos imaginários, um de cada vez, desfrutando do mais consistente dos meus devaneios. O primeiro, um clássico com recheio de baunilha com cobertura azul-clara e enfeites de flores brancas. Três andares. Muito lindo. O seguinte tinha cinco andares; era quadrado,

com uma fita preta e broches alinhados verticalmente na frente. Mais apropriado para um casamento à noite.

Talvez esse fosse meu próximo grande sonho. Talvez eu pudesse virar confeitadeira e tornar o dia dos outros especial caso nunca tivesse meu dia.

— Você vai dar uma festa?

Levantei os olhos e deparei com um garoto meio desleixado, loiro, que empurrava um carrinho cheio de livros. Ele usava um crachá meio gasto que eu não conseguia ler e vestia o uniforme de todo aluno de faculdade: calça cáqui e uma camisa com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Ninguém mais inovava.

Contive o suspiro. Essa parte da sentença era inevitável. Atraíamos as pessoas naturalmente, e os homens eram particularmente vulneráveis.

Baixei a cabeça de novo sem responder, na esperança de que ele entendesse o recado. Eu não tinha sentado nos fundos do último andar para socializar.

— Você parece estressada. Uma festa cairia bem.

Não consegui segurar um sorrisinho. Ele não fazia ideia. Infelizmente, ele tomou o sorriso como um convite para prosseguir.

Ele passou a mão no cabelo, o equivalente moderno para o “Bom dia, senhorita” e apontou para os livros.

— Minha mãe diz que o segredo para preparar bolos é usar uma travessa aquecida. Não que eu saiba. Mal consigo preparar uma tigela de cereal.

O sorriso sem graça dele sugeria que aquilo era bem provável, e fiquei levemente encantada quando ele enfiou a mão no bolso, envergonhado.

Era uma pena, de verdade. Eu sabia que ele não era uma ameaça, e não queria magoá-lo. Mas eu estava prestes a recorrer à minha atitude mais grosseira e simplesmente sair andando quando ele tirou a mão do bolso e a estendeu para mim.

— Meu nome é Akinli, aliás — ele disse, à espera de que eu respondesse.

Fiquei boquiaberta. Não estava acostumada com pessoas insistentes diante do meu silêncio.

— Sei que é estranho — ele acrescentou, interpretando errado meu ar de confusão. — É um nome de família. Mais ou menos. Era o sobrenome da família da minha mãe.

Ele manteve a mão estendida, esperando. Normalmente, minha reação seria fugir. Mas Elizabeth e Miaka conseguiam interagir com os outros. Céus, Elizabeth trocava de namorado o tempo todo sem jamais dizer uma palavra. E algo naquele garoto parecia... diferente. Talvez a maneira como seu lábio se erguia num sorriso sem que ele percebesse, ou o jeito com que sua voz saía suave como as nuvens. Tive certeza de que ignorar aquele rapaz magoaria mais a mim do que a ele.

Com cuidado, como se eu pudesse quebrar a nós dois, apertei sua mão, esperando que ele não notasse como minha pele era fria.

— E você se chama...? — ele deu a deixa.

Suspirei, certa de que isso encerraria o diálogo apesar das minhas melhores intenções. Gesticulei meu nome, e os olhos dele se arregalaram.

— Ah, puxa. Então você estava lendo meus lábios esse tempo todo?

Fiz que não com a cabeça.

— Você ouviu?

Fiz que sim.

— Mas não fala... Hum, tudo bem.

Ele começou a apalpar os bolsos enquanto eu tentava combater o medo que me tomava o corpo. Não havia muitas regras, mas todas eram absolutas. Permanecer em silêncio na presença dos outros, até a hora de cantar. Quando essa hora chegasse, deveríamos cantar sem hesitação. Quando não estivéssemos cantando, não deveríamos fazer nada que pudesse expor nosso segredo. Andar pela rua era uma coisa, assim como sentar embaixo de uma árvore. Mas isso? Uma tentativa de conversa real? Isso me deixava em uma área muito perigosa.

— Achei — ele anunciou, sacando uma caneta. — Não tenho papel, então você vai ter que escrever na minha mão.

Olhei para a pele dele, ponderando. Que nome deveria usar? O da carteira de motorista que Miaka tinha comprado para mim pela internet? O que usei para alugar nossa atual casa na praia? O que usei na última cidade em que estivemos? Eu tinha uma centena de nomes para escolher.

Talvez tenha sido tolice, mas escrevi meu nome verdadeiro.

— Kahlen? — ele leu na mão.

Fiz que sim com a cabeça, surpresa ao me dar conta de como era libertador que um humano vivo soubesse meu nome de batismo.

— Bonito. Prazer em conhecê-la.

Abri um sorriso tímido, ainda desconfortável. Não sabia bater papo.

— É muito legal você frequentar uma faculdade tradicional apesar de usar língua de sinais. Me achava corajoso só por mudar de estado — ele disse, rindo de si mesmo.

Apesar de eu não estar à vontade, admirei o esforço dele para sustentar a conversa. Era mais do que a maioria das pessoas faria na situação dele. Ele apontou de novo para os livros.

— Então, hã, se você um dia der essa festa e precisar de ajuda com o bolo, juro que posso ser disciplinado por tempo suficiente para não estragar tudo.

Arqueei a sobrancelha para ele.

— É sério! — ele riu como se eu tivesse contado uma piada. — Enfim, boa sorte. Vejo você por aí.

Ele deu um aceno tímido e continuou a empurrar o carrinho pelo corredor. Fiquei observando. Eu sabia que ia me lembrar do seu cabelo, que parecia bagunçado pelo vento mesmo dentro da biblioteca, e da bondade do seu olhar. E me odiaria por lembrar de tudo isso se nossos caminhos voltassem a se cruzar num desses dias sombrios, dias como os que Kerry ou Warner me encontraram.

Ainda assim, fiquei grata. Não conseguia lembrar da última vez que tinha me sentido tão humana.



— O QUE VOCÊS QUEREM FAZER HOJE À NOITE? — Elizabeth perguntou ao se jogar no sofá. Do lado de fora da janela atrás dela, o céu passava de azul para rosa, de rosa para laranja, e eu risquei mentalmente mais um dia entre os milhares que ainda faltavam para mim. — Não estou muito a fim de ir numa balada.

— Opa, opa, opa! — exclamei, erguendo os braços. — Está doente? — provoquei.

— Ha-ha — ela replicou. — Só estou com vontade de fazer alguma coisa diferente.

Miaka levantou os olhos da tela do notebook que compartilhávamos.

— Onde ainda é dia? A gente podia ir a um museu.

Elizabeth balançou a cabeça.

— Nunca vou entender como você pode gostar tanto de lugares silenciosos. Como se a gente já não ficasse quieta o bastante.

— Pfff! — desdenhei, lançando um olhar para Elizabeth. — Você, quieta?

Elizabeth me mostrou a língua e pulou para perto de Miaka.

— O que você está vendo?

— Paraquedismo.

— Uau! Agora sim uma coisa divertida!

— Não vai se animando. É só uma pesquisa por enquanto. Queria saber o que aconteceria com nossos níveis de adrenalina se fizéssemos uma coisa

dessas — Miaka explicou enquanto tomava notas num caderninho. — Tipo, se a gente teria um pico de adrenalina acima da média.

Comecei a rir.

— Miaka, é para ser uma aventura ou um experimento científico?

— Um pouco dos dois. Li que picos de adrenalina podem alterar a percepção, fazer as coisas parecerem desfocadas ou meio que congelar um momento. Acho que seria interessante fazer uma coisa dessas, descobrir o que vou sentir e depois tentar reproduzir na arte.

Achei graça.

— Tenho que reconhecer que é criativo. Mas não existe um jeito mais fácil de ter um pico de adrenalina do que pular de um avião?

— Mesmo se tudo der errado, a gente sobrevive, certo? — Miaka quis saber, e ambas se viraram para mim como se eu fosse a maior autoridade no assunto.

— Acho que sim. Em todo caso, pode me deixar fora dessa aventura em particular.

— Está com medo? — Elizabeth caçoou, imitando um fantasma, agitando os dedos para mim.

— Não — rebati. — Só não tenho vontade.

— Ela está com medo de arranjar problemas — Miaka especulou. — Medo de que a Água não goste.

— Como se Ela algum dia fosse ficar brava com você! — Elizabeth disse, com uma pontinha de amargura na voz. — Ela te adora.

— Ela gosta de nós três — eu disse, cruzando as mãos sobre o colo.

— Então Ela não ia ligar se você pulasse de paraquedas.

— E se vocês ficassem aterrorizadas e comesçassem a gritar? — desafiei. — O que aconteceria?

Elizabeth, que estava pronta para criticar minha preocupação, recuou.

— Bom argumento.

— Ainda faltam vinte anos pra mim — eu disse em voz baixa. — Se estragar tudo agora, vou jogar fora os últimos oitenta anos. Vocês conhecem tão bem quanto eu as histórias das sereias que fizeram algo errado. Miaka, você *viu* o que aconteceu com Ifama.

Miaka se arrepiou toda. A Água tinha salvado Ifama de um naufrágio perto da costa da África do Sul nos anos 50, e a jovem aceitou servi-La em troca da possibilidade de viver. Durante sua curta temporada conosco, ela ficou na dela, passando a maior parte do tempo sozinha no quarto, aparentemente rezando. Depois começamos a nos perguntar se essa frieza era parte de um plano para não se apegar a nós. Quando Ifama precisou cantar pela primeira vez, surgiu sobre as águas, ergueu a cabeça e se recusou. A Água a puxou para baixo tão rápido que foi como se a sereia nunca tivesse estado lá.

Foi um aviso para todas nós. Tínhamos que cantar e tínhamos que guardar nosso segredo. Era uma lista de mandamentos bem curta.

— E Catarina? — continuei. — Ou Beth? Ou Molly? E o monte de garotas que estavam na nossa posição e fracassaram?

As histórias dessas garotas eram lições passadas de uma sereia para outra. Beth usou sua voz para fazer três garotas que a provocaram se jogarem dentro de um poço. Isso foi no final do século XVII, quando a ideia de que bruxas existiam ainda não era considerada absurda. Beth causou um alvoroço na cidade inteira, e a Água teve que silenciá-la para proteger nosso segredo. Catarina foi outra que acabou levada por se recusar a cantar. O estranho é que fez isso depois de trinta anos como sereia. Quase enlouqueci de tanto pensar sobre o que a teria feito desistir da promessa de liberdade depois de tanto tempo.

A história de Molly era diferente — e a mais perturbadora. A vida de sereia acarretou nela uma espécie de colapso mental. Certa noite, depois de ter servido já por quatro anos, ela assassinou uma família inteira, incluindo um recém-nascido, durante uma crise da qual só se deu conta

quando estava de pé sobre o corpo de uma idosa de bruços na banheira. Pelo que ouvi, a Água tentou acalmá-la, mas depois que a garota teve outro episódio do tipo uns meses depois, tirou sua vida. Molly era a prova de que existia perdão quando a Água conhecia nossas intenções, mas também demonstrava que havia limites para essa misericórdia.

Essas eram as histórias que carregávamos conosco, os marcos que nos mantinham no caminho. Abandonar as regras significava abandonar a vida.

Se expuséssemos nosso segredo, seríamos presas e talvez virássemos objeto de testes em laboratórios. Quando descobrissem que não podíamos ser destruídas — e se não conseguíssemos escapar —, acabaríamos passando literalmente uma eternidade em cárcere silencioso. E se alguém percebesse que a Água consumia algumas das pessoas de propósito, não demoraria muito até os humanos inventarem um jeito de produzir a própria água sem precisar tocá-La. E se ninguém entrasse na água... como nós viveríamos?

A obediência era um imperativo.

— Me preocupo com vocês — confessei antes de cruzar a sala para abraçá-las. — De verdade, às vezes tenho inveja por vocês terem... assimilado tudo tão bem. Mas me pergunto por quanto tempo vão conseguir fazer isso sem cometer um erro.

— Não precisa se preocupar — Miaka garantiu. — As sereias têm feito isso ao longo de toda a história, e nós por acaso somos as melhores até agora. Até Aisling vive na periferia de uma cidade. O contato com humanos nos ajuda a manter a sanidade. Você não precisa se isolar para suportar esta vida.

Assenti.

— Eu sei. Mas não quero forçar meus limites. Ou os da Água.

Elizabeth não precisava dizer nada. Eu conseguia ouvir a opinião dela sem que pronunciasse.

— Por que não vamos ver Aisling? — Miaka sugeriu. — Nunca chegamos a perguntar como ela lida com esta vida.

— Porque ela nunca está aqui — Elizabeth respondeu irritada.

Não víamos nossa quarta irmã desde a última vez que cantamos, e já fazia mais de dois anos que ela não vivia conosco.

— Pode ser uma boa ideia. Uma viagem curta — acrescentei para Elizabeth, que nunca teve muito carinho por Aisling, muito reclusa para o seu gosto.

Elizabeth assentiu.

— Claro. Não tem mais nada acontecendo mesmo.

Sáímos pela porta dos fundos, onde uma pequena escadaria de madeira dava para um píer sobre a água. Jet-skis e pedalinhos estavam amarrados no píer de outras casas, mas não havia nada no nosso. O sol já estava baixo o suficiente para que ninguém nos visse entrar no mar.

As correntes dEla se agitaram para nos saudar, e uma sensação parecida com cócegas envolveu meu corpo quando afundamos. Relaxei na ternura do abraço dEla, que me acalmava.

— *Você pode avisar Aisling que estamos chegando?* — perguntei.

— *Claro.*

— *Uhuuuu!* — Elizabeth comemorou quando mergulhamos mais fundo e partimos. A velocidade arrancou suas roupas leves e ela abriu os braços para esperar seu vestido de sereia, o cabelo dançando atrás do corpo.

Quando nos movíamos desse jeito, qualquer veste terrena que usássemos se esvaía. A Água abria Suas veias e liberava milhares de partículas de sal que se fixavam no nosso corpo para criar vestidos longos, delicados e esvoaçantes. Eram maravilhosos e tinham todos os tons dEla — o roxo do recife de corais que nenhum olho humano jamais viu, o verde da alga que cresce na direção do sol, o dourado da areia escaldante na aurora —, sem nunca se repetir. Quase doía ver os vestidos se desfazerem grão a grão, raramente durando mais do que alguns dias depois que A deixávamos.

— *Você parece triste* — vieram as palavras dEla apenas para mim.

— *Andei tendo mais pesadelos* — confessei.

— *Você não precisa dormir. Vai ficar bem sem isso, você sabe.*

Abri um sorriso.

— *Eu sei. Mas gosto de dormir. Tranquiliza. Só queria poder dormir sem sonhar.*

Ela não podia acabar com os meus sonhos, mas sempre me confortava da melhor maneira possível. Às vezes Ela me levava a ilhas ou me mostrava suas partes mais belas, fáceis de esconder dos humanos. Às vezes Ela sabia que cuidar de mim significava me deixar ficar longe. Nunca quis me afastar dEla por muito tempo, porém. Ela era a única mãe que eu tinha agora.

Parte mãe, parte carcereira, parte chefe... Era uma relação difícil de explicar.

Aisling veio nos cumprimentar nadando, e o vestido parcialmente formado flutuava em faixas ao redor do corpo.

— *Que surpresa!* — ela saudou, apertando a mão de Miaka. — *Venham.*

Fomos atrás dela, contornando as placas de terra que se empurravam para emergir sobre a água como continentes. Nosso senso de geografia era um pouco especializado, pois sabíamos que alguns lugares eram cercados por rochas, outros por areia e outros por falésias. Sabíamos mais coisas de cor também, como os lugares onde nos encontramos pela primeira vez ou a localização dos navios que afundávamos, o que consistia num conhecimento peculiar das cidades-fantasmas no fundo do mar.

Acompanhamos Aisling até uma costa levemente recortada e a vimos levantar assim que a água ficou rasa o bastante.

— Não se preocupem — ela disse ao reparar na nossa tensão quando ela saiu do mar de forma tão descarada. — Estamos completamente sozinhas aqui.

— Eu achava que você morasse perto de uma cidade — Elizabeth disse ao pular as rochas arredondadas enquanto atravessávamos a praia.

Aisling deu de ombros.

— A distância é relativa.

Ela nos guiou até uma cabana antiga logo atrás das árvores da praia. Pitoresca, tinha sido construída sob alguns galhos pesados, que deviam refrescar o espaço no verão e o proteger da neve no inverno. Na frente havia um pequeno jardim repleto de flores e arbustos com frutinhas, e a forma como tudo florescia me deu a sensação de que, enquanto nós três estávamos ligadas apenas à Água, Aisling tirava forças de todos os elementos.

— Aqui é tão pequeno! — Miaka comentou ao entrar.

Só havia um cômodo, que mal chegava ao tamanho da sala de estar da nossa casa na praia. Não havia muita mobília, só uma cama pequena e um banco ao lado de uma mesa.

— Acho aconchegante — Aisling disse ao botar uma chaleira num fogão antigo. — Legal vocês terem vindo. Colhi frutas frescas hoje e estava fazendo uma torta. Me deem quarenta e cinco minutos e teremos uma sobremesa magnífica!

— Estava esperando companhia? — Elizabeth perguntou. — Ou só estava sentindo um tédio incrível?

Não tínhamos muitos motivos para cozinhar. Não precisávamos de comida, e Elizabeth em particular podia ficar meses sem sentir desejos incontroláveis por algum sabor específico.

Aisling abriu um sorriso enquanto terminava de forrar o fundo da forma.

— Sim, o rei deve aparecer a qualquer momento.

— Ah, e o rei gosta de torta? — Miaka entrou na brincadeira.

— Todo mundo gosta de torta! — ela provocou, para em seguida soltar um suspiro. — Estava um pouco entediada hoje, para ser sincera. Por isso estou muito feliz com a visita.

Me aproximei de Aisling, que já estava despejando o recheio na massa da torta.

— Você sabe que sempre pode vir ficar com a gente.

— Ah, eu gosto do sossego...

— Você acabou de dizer que estava entediada — Miaka falou, explorando o ambiente com seus olhos de artista.

— Um dia entre cem — Aisling disse, dispensando a nossa oferta. — Mas sei que preciso passar mais tempo com vocês em dias assim. Vou tentar.

— Você está bem? — perguntei. — Parece ansiosa.

Aisling estampou um sorriso no rosto.

— Estou ótima. Só feliz por ver vocês. Qual é o motivo da visita?

— Você poderia dizer para Kahlen se acalmar, por favor? — Elizabeth pediu, já sentada na cama como se fosse dona da casa. — Ela está melancólica de novo. Fica fuçando aquelas cadernetas, com medo de que o mundo acabe se a sombra de um humano cruzar o caminho dela.

Aisling e eu trocamos olhares, e ela sorriu.

— O que está acontecendo de verdade?

— Nada — jurei. — A gente só estava comparando formas de lidar com a nossa situação. Me sinto mais segura quando estamos no anonimato. Quanto menor o número de pessoas com quem interagirmos, melhor.

— E ainda assim você insiste em morar em cidades grandes! — Elizabeth reclamou.

Revirei os olhos, impaciente.

— Assim nos misturamos mais fácil.

Miaka se aproximou e pôs a mão minúscula no ombro de Aisling.

— Acho que o que Elizabeth quer dizer é que, como você é a mais velha, talvez tenha algumas palavras de sabedoria para compartilhar.

Aisling tirou o avental e todas nos sentamos juntas, nos amontoando no banco e na cama.

— Bom, vamos ser sinceras: a Água não precisa de mais de uma de nós. Ela poderia fazer Seu trabalho com apenas uma sereia. Mas faz questão de que existam pelo menos duas ao mesmo tempo para não ficarmos sozinhas.

— E nós temos a Água — acrescentei.

— O que é estranho. Ela é tão difícil de entender... — Elizabeth emendou enquanto brincava com as escamas salgadas do vestido.

— Ela não é uma pessoa — expliquei. — Claro que é difícil de entendê-la.

— Voltando ao assunto em questão: Aisling, você não acha que é possível interagir com os humanos sem qualquer consequência? — Elizabeth insistiu.

Aisling sorriu, olhando para o nada.

— Com certeza. Na verdade, acho que acompanhar vidas que mudam e têm fases de verdade contribui para a minha própria vida, apesar de eu mesma nunca mudar. É uma questão de conhecer os próprios limites, acho — ela respondeu, e em seguida voltou o olhar para Elizabeth. — Acho que Kahlen sabe os dela, então talvez a gente devesse respeitar.

— Bom, *eu* acho que ela é infeliz e que ficaria muito mais contente se desse as caras no mundo real de vez em quando — Elizabeth falou, abrindo um sorriso. Era um sorriso metido, de quem não quer brigar, apenas deixar claro que ainda achava que tinha a razão.

— Ainda nessa linha... — Miaka interrompeu, endireitando o corpo. — Paraquedas. Você pularia, Aisling?

Aisling soltou uma risada nervosa.

— Não gosto de altura, então provavelmente não.

Miaka assentiu.

— Concordo que a queda ia ser estranha. Mas queria ver o mundo do alto.

— Você viu guerras, assistiu países desaparecerem e se reconstruírem. Passou por mais fases da moda do que a maioria das pessoas se lembra. Caminhamos pela Grande Muralha da China, você andou de elefante... Meu Deus, Elizabeth até nos levou para ver os Beatles! — eu a lembrei. — Você precisa mesmo de mais alguma coisa?

— Quero ver tudo — Miaka disse, radiante.

Passamos o resto da visita conversando sobre as pinturas que Miaka fizera, os livros que lera, os filmes que Elizabeth assistira. Aisling falava sério quando disse que gostava de observar a vida ao seu redor, e nos contou que a melhor confeitaria da cidade ia finalmente fechar a loja e que houve um surto de contratações de gente para levar os cachorros para passear. Essas coisas eram um monte de nada para mim, mas significavam tudo para a vida daqueles estranhos.

— Gostaria de ter um talento como você, Miaka — Aisling lamentou depois de ouvir as teorias da irmã sobre adrenalina e arte. — Tenho impressão de que não tenho nada a dizer. A minha vida está bem parada no momento.

— Você é bem-vinda para vir ficar com a gente — ofereci de novo.

Ela se apoiou em mim, e nossas cabeças se tocaram.

— Eu sei. É que os dias têm passado muito rápido ultimamente. Logo este sossego vai acabar. Acho que vou sentir falta.

— Rápido? — questionei. — O que você faz para os anos não se arrastarem?

— Concordo com Aisling, na verdade. O tempo passa rápido — Elizabeth comentou. — Não dá tempo de fazer tudo o que quero. Mas amo isso!

Depois de algumas horas, Elizabeth começou a ficar inquieta, então eu disse educadamente que era hora de voltar para casa. Aisling me segurou enquanto Miaka e Elizabeth partiam em direção ao mar.

— Não posso te dizer o que fazer, mas sei o quanto nosso trabalho te assombra. Se o seu modo de vida nos últimos oitenta anos não ajudou a se sentir melhor, talvez seja hora de tentar alguma coisa diferente.

— Mas e se eu estragar tudo?

Ela apertou a minha mão.

— Você é boa demais para estragar tudo. E se acontecesse, é mais provável que fosse perdoada. Ela ama você. E você sabe disso.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada.

— À disposição. Logo vou visitar vocês.

Ela deu uma corridinha para voltar à casa, e pensei no seu conselho enquanto a via pela janela, preparando-se para fazer mais uma torta.

Sorri comigo mesma. Aisling não tinha nada a perder ou a ganhar me pedindo para mudar minha rotina. Então guardei meus sentimentos, preocupações e perguntas no coração e comecei a pensar se havia um jeito de tornar o trecho final daquela vida um pouco mais fácil.



PASSEI A MAIOR PARTE DA NOITE SEGUINTE esperando Miaka fazer cachos no meu cabelo. Eu não compreendia o jeito como minhas irmãs levavam a vida e não tinha certeza se era sensato, mas nunca tinha tentado agir como elas de verdade. Decidi tentar naquela noite.

— O que acha deste? — Elizabeth perguntou, segurando outro vestido. Basicamente, tudo o que ela me mostrava parecia um tubo curto de tecido, só que de cores diferentes.

— Não sei. Não faz muito o meu estilo.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— O problema é exatamente esse. Você não pode sair pra dançar parecendo uma dona de casa dos anos 50.

Torci o nariz.

— Ele meio que... mostra demais, não acha?

Miaka começou a rir enquanto Elizabeth arregalou os olhos, frustrada.

— Sim. Demais. Apenas vista, tá bom? — Elizabeth jogou o vestido no meu colo. — Vou me trocar — avisou antes de sair às pressas do quarto.

Segurei um suspiro. Afinal, eu tinha que tentar parecer entusiasmada. Talvez aquela noite significasse um recomeço.

— Devíamos arrumar o seu cabelo desse jeito mais vezes — Miaka disse, gesticulando para que eu me virasse para o espelho.

Fiquei boquiaberta.

— Está tão cheio!

— Vai murchar depois de algumas horas de dança.

Me inclinei para a frente e comecei a examinar o rosto. Eu tinha me acostumado com a beleza natural que acompanhava nossa condição de sereia. O delineador e o batom que Miaka passou com habilidade magistral multiplicavam essa beleza por dez. Passei a entender por que os garotos praticamente formavam fila para ter a atenção de Elizabeth.

— Obrigada. Ficou ótimo!

Ela deu de ombros.

— Às ordens.

Em seguida, ela se inclinou diante do espelho para maquiar o próprio rosto.

— Então, o que a gente faz quando chegar lá? — perguntei. — Não sei como agir num ambiente lotado.

— Não existe um passo a passo de como sair e se divertir, Kahlen. Provavelmente vamos pegar uma bebida e dar uma olhada na multidão. Elizabeth com certeza vai procurar alguém, mas nós podemos ficar dançando.

— Desisti de entender como os jovens dançam há uns trinta anos. O passinho do *electric slide* foi a gota d'água pra mim.

— Mas dançar é tão legal!

Balancei a cabeça.

— Não. O *jitterbug* era legal. Mas parece que não está mais na moda seguir um ritmo e segurar a mão do parceiro.

Miaka afastou o rímel do rosto, tentando não borrar o olho enquanto ria.

— Juro que se você fizer uns passos de *jitterbug* hoje à noite a Elizabeth vai te matar.

— Boa sorte pra ela — murmurei. — Mas o que estou tentando dizer é que talvez eu não me empolgue muito com a pista de dança.

Os olhos de Miaka encontraram os meus no espelho.

— Fico feliz de você ir para algum lugar além da biblioteca e do parque, mas não sei se está se arriscando de verdade se for só pra ficar sentada.

— Tcharam! — Elizabeth entouou ao invadir o quarto. O vestido dela era preto e curto, e usava o sapato que chamava “saltos de stripper”. — Que tal?

Abri um sorriso.

— O que posso dizer? Você está maravilhosa!

Ela ficou radiante e começou a ajeitar o cabelo.

— Encontrei isto — ela disse antes de me entregar uma coisa.

Era outro vestido curto, mas esse tinha uma camada fina de tule da cintura para baixo. Claro, estava coberto de lantejoulas, mas era mais próximo do meu estilo do que qualquer outra coisa que ela tinha me mostrado.

— Obrigada — agradei com um sorriso. — É este mesmo.

Elizabeth me abraçou.

— Estou tão feliz que você vai com a gente! Agora não vamos ser a dupla mais bonita da balada, mas o trio!

O segurança caiu no feitiço de Elizabeth assim que a viu chegar, e tive a impressão de que mesmo sem as nossas identidades falsas passaríamos pela porta.

A batida forte me fez estremecer e repensar minha decisão. Talvez percebendo como me sentia, Miaka enroscou o braço no meu e me arrastou para o bar. Lá, digitou as bebidas que queríamos no celular e logo voltamos cuidadosamente com nossos copos pelo meio da multidão.

É para ser divertido, disse a mim mesma. *Apenas tente. Isto aqui melhora a vida das suas irmãs. Talvez faça o mesmo por você.*

— Como você consegue pensar aqui? — cochichei no ouvido de Elizabeth.

— A ideia é *não* pensar — ela cochichou em resposta.

— Relaxa — Miaka disse, usando a língua de sinais. — É igual a andar por uma rua lotada.

E eu tentei. Mesmo. Tomei duas bebidas na esperança de acalmar os nervos. Dancei com Miaka, o que foi divertido até atrairmos tantos admiradores querendo se esfregar na gente que a coisa perdeu todo o encanto. Até tentei focar só na música, algo que deveria ser natural para uma sereia, mas a maneira como ela explodia pelos alto-falantes transformava tudo em ruído.

Observei o jeito estranho como algumas pessoas se aproximavam de Elizabeth, como se ela fosse um ímã na pista de dança. Não era de surpreender que conseguisse fisgar alguém sem nenhuma palavra. Nós realmente éramos as meninas mais bonitas do lugar, e o garoto a quem Elizabeth voltasse sua atenção não teria como se defender. Primeiro, ela escolheu um que acabou arrastado pelos amigos até outro bar. Mesmo sem ela ter cantado, ele brigou um pouco para ficar, até os amigos o empurrarem para fora. A segunda opção dela bebeu demais e desmaiou na mesa.

Mas depois de duas horas terríveis, ela caminhou até nós de novo, de braços dados com um cara de cabelo castanho obviamente bêbado.

— Não me esperem acordadas — ela avisou antes de desaparecer pela porta.

Encarei Miaka com olhos suplicantes. Ela sorriu e fez que sim com a cabeça, e então fomos para casa.

— Você tentou — ela gesticulou enquanto caminhávamos pela calçada. — Pensei que desistiria antes de entrar.

— Quase desisti — confessei. — Agora tenho certeza: a programação noturna não é para mim.

— Você acha que iria gostar mais de uma festa na casa de alguém ou algo assim? A gente pode receber vários convites se passear pelo campus na hora certa.

— Vamos com calma — gesticulei, hesitante.

O som dos nossos saltos ao passar em frente às baladas rendeu assovios e aplausos. Automaticamente, cobri o decote com a mão, mas não adiantou nada. Miaka sorria sozinha e endireitava o corpo para andar. Comecei a me perguntar se o principal apelo desse estilo de vida para minhas irmãs era simplesmente poderem ser vistas. Na maior parte dos dias, ficávamos no nosso canto, e quando cantávamos a imagem que transmitíamos não passava de uma mentira. Quando saíamos, pelo menos alguém nos via. Ainda que para mim a sensação fosse mais de ser examinada.

Quando chegamos em casa, não me dei ao trabalho de tirar o vestido de Elizabeth antes de sair correndo pela porta dos fundos e pular no mar.

— *Kahlen!* — A Água despertou ao meu redor, num tom sereno de boas-vindas.

— *Você não vai acreditar na noite que acabei de ter.*

— *Conte tudo.*

Desenhei na mente uma imagem dEla com o queixo apoiado na mão, prestando atenção a cada palavra minha.

— *Miaka e Elizabeth gostam de ir em baladas, esses lugares onde as pessoas bebem e dançam. Elas viviam me falando para sair mais, então finalmente fui com elas.*

— *Não imagino você fazendo isso.*

— *Nem eu imaginava. E foi por isso que passei o tempo todo constrangida. Estou tão feliz de ter voltado pra cá. Você é agradável, calma...*

A Água se agitou como se desse uma espécie de risada.

— *Não precisamos conversar se você não quiser. Estou feliz só de te ter aqui.*

Me deixei afundar para descansar o corpo no chão arenoso da Água, pernas cruzadas e braços atrás da cabeça. Fiquei observando as trilhas dos barcos que passavam e depois sumiam na superfície acima de mim. Os

peixes circulavam nadando em seus cardumes, sem se assustarem com a garota na areia.

— *Então, é daqui a uns seis meses, né?* — perguntei com um frio na barriga.

— *Sim, a não ser que ocorram desastres naturais ou naufrágios provocados pelo homem. Não consigo prever essas coisas.*

— *Eu sei.*

— *Não se preocupe com isso agora. Sei que ainda está sofrendo desde a última vez.* — Ela me envolveu em empatia.

Ergui os braços como se A acariciasse, embora evidentemente meu corpo minúsculo fosse incapaz de abraçá-La de verdade.

— *Sinto que nunca tenho tempo de superar um canto antes do próximo chegar. Tenho pesadelos e meus nervos ficam em frangalhos quando sei que mais um se aproxima.* — Meu peito parecia oco por causa do sofrimento. — *Meu medo é lembrar para sempre como é cantar.*

— *Você não vai lembrar. Em todos esses anos, jamais libertei uma sereia que depois voltasse me pedindo para dar um jeito na sua memória.*

— *Você fica sabendo alguma coisa sobre elas?*

— *Não de propósito. Sinto as pessoas quando elas estão em mim. É assim que encontro as novas garotas. É assim que fico à escuta, para saber se alguém suspeita da verdadeira natureza das minhas necessidades. Às vezes, uma antiga sereia sai para nadar ou me toca com as pernas ao sentar num píer. Então consigo espiar suas vidas, e nenhuma delas jamais lembrou de mim.*

— *Eu vou lembrar de você* — prometi.

Pude senti-La me abraçar.

— *Por toda a eternidade, jamais esquecerei você. Eu te amo.*

— *E eu te amo.*

— *Você pode descansar aqui esta noite se quiser. Vou garantir que ninguém a encontre.*

— Não posso ficar aqui pra sempre? Não quero mais me preocupar em ferir as pessoas. Nem decepcionar minhas irmãs. Aisling tem a própria cabana; talvez eu pudesse construir uma casa aqui embaixo com as madeiras dos escombros.

Ela fez sua corrente passar por mim suavemente.

— Durma. Você vai se sentir melhor amanhã. Suas irmãs ficariam perdidas sem você. Acredite em mim, elas se preocupam com isso o tempo todo.

— Mesmo?

— Mesmo.

— Obrigada.

— Descanse. Você está segura.



ABRACEI A BEBÊ MAIS FORTE, tentando fazê-la parar de chorar.

— Shh... — acalentei, na esperança de que a minha voz a confortasse de alguma maneira em vez de trazer mais dor. — Está tudo bem... — sussurrei enquanto ela se debatia em meus braços.

As torrentes de lágrimas dos olhos da bebê se tornaram mais densas e rápidas, até que água começou a brotar de todo o seu corpo. Então seu choro se transformou num engasgo quando a água inundou sua boca.

Eu tremia horrorizada ao vê-la se afogar de dentro para fora.

Acordei num sobressalto, esquecendo que estava no fundo do mar e com a sensação de que também estava me afogando. Gritei, sem conseguir me conter.

— *Você está segura, Kahlen! Está segura!*

Segurei a garganta e o peito, aterrorizada até me dar conta de quem estava falando comigo e que o que Ela dizia era verdade.

— *Desculpa. Tive um pesadelo.*

— *Eu sei.*

Suspirei. Claro que Ela sabia.

— *Vá ficar com as suas irmãs. Por mais que eu ame sua companhia, você precisa ir para a terra firme. Precisa da luz do sol.*

Fiz que sim com a cabeça.

— *Você tem razão. Venho te visitar de novo logo.*

Tomei um impulso em direção à superfície, tentando disfarçar o tamanho do meu desejo de me livrar do abraço dEla agora. Era difícil conciliar isso

com o desespero para me esconder nela que tinha sentido poucas horas antes.

Subi no píer flutuante bem a tempo de ver o sol despontar através das nuvens. Permaneci ali, tentando compreender meus sentimentos. Medo, preocupação, esperança, compaixão... tanta coisa se passava dentro de mim que me sentia paralisada. Elizabeth e Miaka queriam me tirar da zona de conforto. E eu sentia que nada disso aconteceria enquanto não conseguisse desfazer o caos que carregava dentro de mim.

Subi a escada e voltei para dentro de casa. Elizabeth estava lá, ainda com o vestidinho preto; os sapatos estavam jogados de qualquer jeito perto da porta. Ela estava às gargalhadas com Miaka, bebendo um café que comprou no caminho, ainda elétrica por causa da noite anterior.

Ambas me olharam quando cruzei a porta, e o ânimo de Elizabeth desapareceu na hora.

— Por favor, não me diga que entrou na água com esse vestido!

Olhei para as gotículas que formavam uma poça no chão.

— Hum, entrei.

— Ele só pode ser lavado a seco!

— Desculpa. Vou te dar outro.

— O que aconteceu? — Miaka perguntou, enxergando meu sofrimento.

— Só mais pesadelos — confessei enquanto tirava o vestido. Eu precisava vestir alguma coisa mais suave, mais quente. — Estou bem. Acho que vou deitar e ler um livro.

— Estamos aqui se quiser conversar — Miaka se dispôs.

— Obrigada. Vou ficar bem.

Fui logo para o quarto; não queria ouvir Elizabeth reviver sua última conquista. Eu não tinha o menor desejo de voltar para a água, mas queria lavar o cheiro de sal da pele. O máximo possível, pelo menos.

— Por que ela se dá ao trabalho de dormir? — Ouvi Elizabeth perguntar em voz baixa. — Eu achava que ela teria desistido a esta altura. Não

precisamos disso.

Esperei a resposta de Miaka.

— Ela deve ter algum sonho maravilhoso de vez em quando, que faça os ruins valerem a pena.

Fechei a porta, pendurei o vestido de Elizabeth para fora da janela e deixei o jato do chuveiro abafar tudo ao meu redor.

Folheei minhas cadernetas até encontrar. Por fim, na página de um naufrágio que talvez já tivesse uns doze anos, achei o rosto da bebê do meu sonho. A Água me garantiu que eu não lembraria de nada disso no futuro, então por que aqueles rostos ainda permaneciam na minha memória? Elizabeth diria que é porque insisto em documentar tudo, mas eu sabia que não. Pelo menos não só isso.

Tinha estabelecido uma regra para mim mesma de não olhar para o rosto das pessoas durante os naufrágios, mas a quebrei mais vezes do que gostaria de admitir. Era difícil ignorar as pessoas pedindo para que as salvássemos. Às vezes eu via alguém e depois jamais encontrava um registro público. Nenhum obituário ou blog ou qualquer outra coisa. Conhecia aqueles rostos tão bem quanto os dos meus recortes.

Às vezes eu me perguntava se tinha algum defeito, e isso me preocupava tanto quanto nosso próximo canto. Se eu era capaz de lembrar das dezenas de milhares de pessoas que tinha matado, como conseguiria sobreviver quando acabasse minha vida de sereia?

Observei a foto da bebê, uma garotinha chamada Norah, e chorei pela vida que ela nunca teve a chance de viver.

Embora eu soubesse que o nosso próximo canto só seria dali a quase seis meses, lamentava como se fosse acontecer no dia seguinte. Tinha a sensação de que a minha própria alma se desfazia cada vez que precisávamos cantar. Já tinham se passado oitenta longos anos. Havia mais

vinte pela frente. E cada dia trazia a impressão de que o fim não chegaria nunca.

Na segunda-feira de manhã, saí de casa o mais rápido que pude. Peguei um dos muitos cadernos de rascunho de Miaka e o enfiei na bolsa junto com alguns lápis. Tinha me arriscado a desenhar e a pintar desde que Miaka voltou para casa com suas primeiras telas. Embora soubesse que jamais seria a artista que ela era, gostava da ideia de ocupar um pouco as mãos.

Segui para o campus, escolhendo as ruas mais tranquilas que pudesse encontrar, e atravessei o pátio principal perto da fonte e da biblioteca enquanto as pessoas se dirigiam para as salas de aula. Parte de mim se sentia mal por ser tão dura com Elizabeth e Miaka. Elas se sentiam bem em bares e boates. Eu me sentia bem na biblioteca. Talvez o jeito com que lidavam com as coisas não funcionasse para mim, mas isso não o invalidava.

Sentei embaixo de uma árvore e peguei o caderno com o intuito de desenhar alguns modelos de roupa que pudesse observar. Eu adorava ver como a moda mudava ao longo do tempo, e embora preferisse um estilo mais clássico, era divertido ver como uma bandana ou um modelo de sapato ou o corte de uma gola trazia de volta elementos de vinte anos antes.

Contudo, eu já tinha percebido que isso era um problema para boa parte das pessoas. Algumas estavam presas aos anos 80, fazendo coisas impensáveis com o cabelo; outras vestiam calça boca de sino quando isso já não era uma boa ideia. Talvez permanecer na época favorita fosse uma espécie de porto seguro, algo a que se agarrar quando todo o resto mudava. Ajeitei minha saia rodada e cheguei à conclusão de que estava certa.

Então, do nada, alguém sentou ao meu lado sob a sombra da árvore.

— Bom, eu estava pensando que você estudava gastronomia, mas agora imagino que estuda artes.

Era o garoto da biblioteca, Akinli.

— Eu mesmo estou bem indeciso. Você não está me julgando, está?

Abri um sorriso e fiz que não com a cabeça. Achei legal ele simplesmente começar a falar como se estivéssemos no meio de uma conversa.

— Ótimo. Andei considerando algumas opções. Tipo, economia parece um caminho inteligente a se seguir, mas sou quase tão ruim com dinheiro quanto na cozinha.

Ainda sorrindo, escrevi no canto da página: *Mas não é por isso que as pessoas estudam? Para melhorar?*

— É um bom argumento, mas acho que você está superestimando minhas capacidades.

Ele retribuiu o sorriso, e lembrei do quão normal ele me fizera sentir na primeira vez que nos encontramos. Mais uma vez, ele não se incomodou com o meu silêncio. E de repente percebi o que me deixava tão desconfortável nas aventuras de Elizabeth. As pessoas que ela atraía ficavam fascinadas com as mesmas coisas que fascinavam todo mundo: nossa pele brilhante, olhos sonhadores e um ar misterioso. Mas esse garoto? Parecia enxergar mais do que isso. Me enxergava não só como uma beleza misteriosa, mas como uma garota que ele queria conhecer.

Ele não ficava me encarando. Ele conversava comigo.

— Então você não fez aquele bolo épico no fim de semana?

Fiz que não com a cabeça. *Saí para dançar pela primeira vez*, escrevi, contente por aquela confissão parecer tão normal.

— E?

Não é a minha praia.

— É, fui nomeado o motorista na sexta passada e, de verdade, não consigo suportar o fedor das baladas. É como se um cheiro velho de

cigarro ainda estivesse grudado nas paredes apesar de não ser mais permitido fumar lá dentro — Akinli torceu o nariz de nojo. — E por mais que eu goste dos meus colegas do alojamento, não gosto tanto a ponto de achar que tudo bem limpar o vômito deles. Acho que meus dias de chofer estão oficialmente encerrados.

Fiz uma careta e balancei a cabeça. Eu compreendia bem demais a sensação de ser babá dos outros.

— Ainda tem aula hoje?

Nada!

— Que inveja. Escolhi aulas à tarde para poder dormir mais, o que foi um plano brilhante da minha parte, já que agora estou num relacionamento sério com o sono.

Eu também.

— Bom, acho que eu deixaria o relacionamento um pouco de lado se pudesse fazer mais coisas à tarde. Olha só pra você: está livre para sentar ao sol e desenhar gente que nem conhece por algum motivo bizarro. Não é incrível?

Achei graça. Sempre me achei meio bizarra. Essa foi a primeira vez que isso soou como uma coisa boa.

São as roupas!, argumentei, apontando para as páginas.

— Aham, sei. Mas não ligue para o que eu digo, só estou com inveja. Sou completamente incapaz de desenhar. A única coisa que sei desenhar é um sapo. Apreendi no primeiro ano e nunca mais esqueci. O ponto fundamental é começar com uma bola de futebol americano — ele disse, fingindo um tom de especialista. — Se você errar o começo, o resto vai ladeira abaixo.

Não sabe cozinhar. Não sabe desenhar. O que você sabe fazer?

— Excelente pergunta. Hum... Eu sei pescar. Coisa de família, tipo o meu nome *péssimo*. Também sei mandar mensagens de texto com frases completas. Sem dúvida isso é uma habilidade. — Ele sorriu, orgulhoso dos

próprios méritos. — E, graças ao fato de a minha mãe ter participado de concursos de dança na adolescência, sei dançar *lindy hop* e *jitterbug*.

Endireitei as costas de imediato, e Akinli fez uma cara de descrença.

— Juro que se você me disser que sabe dançar *jitterbug* eu vou... Nem sei o que vou fazer. Talvez botar fogo em alguma coisa. Ninguém consegue dançar isso.

Apertei os lábios e fingi tirar pó dos ombros, um gesto que vi Elizabeth fazer quando queria se gabar.

Como se estivesse aceitando um desafio, ele se desvencilhou da mochila com um movimento dos ombros, levantou e me estendeu a mão.

Eu aceitei e me posicionei na frente de Akinli, que balançava a cabeça e abria um sorriso sarcástico.

— Muito bem, vamos começar devagar. Cinco, seis, sete, oito.

Começamos com os passos básicos, entrando no ritmo na nossa cabeça. Depois de um minuto, ele foi mais ousado e me girou, me deixando na posição daqueles chutinhos rápidos de que eu tanto gostava.

Algumas pessoas que passavam por ali apontavam e riam, mas era um daqueles momentos em que eu sabia que não estavam tirando sarro, mas com uma pontinha de inveja.

Pisamos no pé do outro mais de uma vez, e depois de bater acidentalmente a cabeça no meu ombro, Akinli jogou as mãos para o alto.

— Inacreditável — ele disse, quase em tom de reclamação. — Não vejo a hora de contar para a minha mãe. Ela vai achar que é mentira. Tantos anos dançando na cozinha e me achando especial para agora encontrar uma especialista.

Voltamos a sentar sob a árvore e comecei a pegar minhas coisas. Foi um momento breve e precioso, e eu estava quase com medo de que mais um minuto com Akinli fosse quebrá-lo.

— Então você ainda não fez o bolo?

Neguei com a cabeça.

— Bom, já que você abriu mão das baladas, e eu abri mão de dirigir para os bêbados, e não tem nenhum estabelecimento no centro onde a gente possa exhibir nosso talento para a dança, por que não fazemos o bolo neste fim de semana?

Ergui a sobrancelha.

— Olha, sei que eu disse que não era um bom cozinheiro, mas acho que você é capaz de me impedir de estragar a receita.

Quem está superestimando a capacidade de quem agora, hein?

Ele riu.

— É sério. Acho que seria divertido. Se tudo der errado, tenho uns pacotes de miojo no quarto, então pelo menos teremos alguma coisa para comer.

Dei de ombros, na dúvida, mas tentada a aceitar o convite. Elizabeth conseguia frequentar regularmente apartamentos de estranhos, ter o máximo de intimidade possível com eles e sobreviver para contar a história. Então talvez eu pudesse assar um bolo numa cozinha de alojamento sem matar ninguém, certo?

— Você parece nervosa. Tem namorado?

Ele fez a pergunta como se só agora tivesse se dado conta do óbvio.

Escrevi *NÃO* no papel. Ele riu de novo.

— Certo. — Akinli pegou a caneta da minha mão e anotou um número num papelzinho. — Este é meu telefone. Se você decidir aparecer, manda uma mensagem.

Assenti e peguei o papel. O rosto dele se iluminou. Em seguida, ele checkou o celular.

— Muito bem, agora estou atrasado. — Ele levantou. — Vejo você depois, Kahlen — ele se despediu, para então apontar para mim. — Viu? Eu lembrei.

Lutei para segurar um sorriso. Não queria que Akinli soubesse que aquele pequeno gesto tinha valido o meu dia.

Me despedi com um aceno e fiquei até meio tonta quando ele, logo antes de entrar no prédio, me lançou um olhar por cima do ombro.

Um sentimento estranho e fervilhante começou a subir pelo meu peito. Eu tinha dezenove anos fazia muito tempo e já havia observado muitos garotos dessa idade. Sabia que normalmente os romances eram muitos e fugazes, então essa atenção não duraria. Ainda assim, era um sentimento mágico, e fiquei grata mais uma vez por aquele garoto que eu mal conhecia.

Tive a sensação de compreender Elizabeth mais a fundo. Ela ansiava por um vínculo físico, e o conseguia da melhor maneira possível. Miaka passava horas falando com os outros pelo computador ou pelo celular porque queria um vínculo intelectual. Era isso que fazias as duas se sentirem vivas. Eu? Trabalhava como escrava para a Água, na esperança de, ao final disso tudo, encontrar um vínculo romântico na minha vida futura.

A verdade era: não havia como ter certeza de que conseguiria. Mas enquanto eu estava ali, sentada sob aquela árvore, algumas coisas ficaram claras. Eu não estava preocupada. Não estava triste. Não estava sequer pensando no futuro distante, porque só conseguia pensar em como tinha sido cada minuto com Akinli. Talvez o segredo para eu poder seguir em frente não fosse eliminar tudo o que sentia. Talvez só precisasse me concentrar no único sentimento que fazia todos os outros parecerem menores.

Peguei o celular, rindo de como aquele aparelho era inútil para mim. Eu o usava mais para fazer pesquisas e me distrair do que para qualquer outra coisa. Só havia três números nos meus contatos, e o de Aisling nem estava atualizado.

Digitei para o contato novo com dedos hesitantes.

Akinli? É a Kahlen. Se ainda estiver de pé, adoraria fazer um bolo no final de semana.

Respirei fundo e apertei ENVIAR. Peguei minhas coisas, bati a grama que tinha grudado na parte de trás da saia e fui andando para casa.

Antes de sair do campus, meu celular vibrou.

Eu tenho as assadeiras!

VIVI QUATRO DIAS NUM MUNDO SECRETO DE ALEGRIA ABSOLUTA. Nem dormi, porque pela primeira vez em muito tempo ficar acordada era bem melhor. Passei horas à procura de receitas, tentando encontrar uma que fosse um pouco acima do que uma principiante faria, mas que não fosse complicada demais para uma cozinha de alojamento.

Dava para sentir o peso do olhar das minhas irmãs enquanto eu cantarolava sozinha. Elas não perguntaram qual era o motivo da melhora tão repentina do meu humor, talvez porque soubessem que eu não ia contar nada. Mas quando a animação não diminuiu depois de uns dias, comecei a me perguntar como era possível um garoto causar tanto efeito sobre mim.

Disse a mim mesma que era totalmente normal não parar de pensar em alguém cujo sobrenome eu sequer sabia. As pessoas se apaixonavam por atores e músicos e celebridades que não tinham a menor chance de conhecer na vida real. Pelo menos estava direcionando meu afeto a alguém que me conhecia de verdade.

Eu não via a hora de o nosso encontro chegar, e tentava dar um tom divertido e leve à expectativa. Mandava mensagens como:

Você fornece o forno e os utensílios e eu levo todos os ingredientes?

E ele respondia:

Também levo o estômago, porque bolo > comida de verdade. Combinado!

Eu perguntava:

O que você acha de cobertura de cream cheese?

E vinha a resposta dele:

Acho que não recebe o reconhecimento que merece, para ser sincero.

Os dias que antecederam o encontro foram cheios de mensagenzinhas assim, em que uma única frase acabava virando uma hora seguida de alertas no celular. O que tornava tudo ainda melhor era que eu nem sempre precisava começar a conversa. Na quarta-feira, as perguntas de Akinli foram mais pessoais e vieram espontaneamente.

Você cozinha faz tempo?

Parece que desde sempre.

Foi sua mãe que te ensinou?

Na verdade, fui aprendendo sozinha.

Carinhas felizes. Ele mandava várias. Se viessem de qualquer outra pessoa, seriam ridículas, mas eu tinha certeza de que, se ele mandava uma, era porque estava sorrindo de verdade.

Passamos a maior parte da quinta sem nos falar, o que não me incomodou. Eu repetia a mim mesma que estava exagerando na empolgação. O mais provável era que esse encontro seria o único, porque a nossa comunicação ia ser tão difícil que Akinli não ia querer me ver de novo. E seria o melhor. Afinal, que futuro poderíamos ter?

Era isso que eu dizia a mim mesma quando, por volta das dez da noite, ele me mandou uma foto com uma expressão confusa e a legenda: “Por

que, matemática? Por quê?”. Deitei na cama e comecei a rir incontrolavelmente. Primeiro: ele era tão, mas tão fofo! Segundo: ele me mandou uma foto! Um garoto havia tirado uma foto só pra mim, e senti como se aquilo fosse mais importante do que qualquer coisa que tinha vivido no último século.

Ouvi uma batida rápida na porta do quarto, mas Elizabeth e Miaka abriram antes que eu pudesse responder.

— Tudo bem por aqui? — Elizabeth perguntou, apoiando a mão no quadril.

Respirei fundo e parei de rir.

— Sim, estou bem.

Miaka deu uma olhada no quarto. Minha TV estava desligada e não havia um livro na minha mão.

— Qual é a graça?

Mostrei o celular.

— Só uma coisa que eu vi.

— Podemos ver também? — Elizabeth perguntou estendendo a mão.

Eu sabia que, provavelmente, elas ficariam felizes por eu ter conhecido alguém. Mas não conseguia evitar o desejo de guardar Akinli só pra mim mais um pouquinho.

— Acho que vocês não iam entender — menti.

Elas se entreolharam e me encararam desconfiadas.

— Tudo bem... Então a gente vai embora — Miaka disse, e seu olhar se deteve em mim um pouco mais antes de fechar a porta.

Apertei os lábios na tentativa de não rir de pura felicidade por ter um segredo. Depois, abri a foto de Akinli de novo e sorri ao ver as sobancelhas caídas dele.

Procurei no celular alguma coisa que pudesse enviar pra ele, talvez uma foto minha num daqueles vestidos que eu adorava. Mas me dei conta de

que nunca tirava fotos de mim mesma. Tinha imagens do céu, de um pássaro, das minhas irmãs, mas nenhuma de mim.

Deitei a cabeça no travesseiro, o que jogou quase todo o meu cabelo para cima. Parte do meu rosto estava coberta pelo edredom, mas quando vi a foto que tirei, achei que era uma representação honesta de mim. Encarei aquela garota por um tempo, o brilho bobo no olhar, a sugestão de sorriso nas bochechas, e pensei: *Sim, é assim que me sinto neste momento.*

Enviei a foto para ele com a mensagem:

Agora é hora de desistir e ir pra cama. Ninguém vai querer saber das suas notas de matemática daqui a seis anos. Prometo.

Queria explicar quantos desastres eu tinha visto desaparecer num piscar de olhos em comparação à duração do tempo.

Ele respondeu:

É estranho se eu disser que você é bonita? Você é bonita.

Pensei em como a Água ficava quando eu soprava bolhas nela. Desconfiei que era assim que meu corpo estava por dentro naquele momento: leve e aerado e borbulhando de felicidade.

Também é estranho se eu disser que gosto de conversar com você apesar de você não falar? Gosto de conversar com você.

— Aonde você vai? — Miaka perguntou assim que a minha mão tocou a maçaneta na noite seguinte.

Eu tinha chegado a pensar que seria capaz de sair sem que elas percebessem. A música de Elizabeth ressoava do quarto dela, e as duas

tinham passado os últimos vinte minutos numa conversa séria sobre vestidos.

— Só vou caminhar um pouco. Talvez passe no mercado. Quer alguma coisa?

Ela me encarou bem, examinando meu visual. Eu gostava de usar macacões confortáveis ou moletons em casa, e se a minha saída era casual, provavelmente iria com essas mesmas roupas. A saia que eu estava usando — eu sabia que talvez fosse um pouco demais para a ocasião, mas fazia eu me sentir tão bem por fora quanto me sentia por dentro — já me entregava um pouco.

— Não. Não ouvi falar de nada que valesse a pena comer ultimamente.

Assenti.

— A gente devia ir para um estado novo logo. Ou um país novo. Às vezes o cheiro de um lugar diferente me faz querer comer, sabia?

— É verdade! Precisamos planejar nosso próximo destino. Às vezes as mudanças são improvisadas demais para o meu gosto.

— É — eu disse, ajeitando a bolsa. — Seria bom ter um plano.

Miaka sorriu e olhou de novo para a minha roupa.

— Bom, a gente pode conversar sobre um monte de coisas quando você voltar.

Não disse nada, mas tive certeza de que meu sorriso me entregou tanto quanto a saia. Bom, paciência. O segredo já era.

Comprei os ingredientes e levei tudo para o alojamento de Akinli. Me atrasei um pouco porque não podia entrar no prédio sozinha. A universidade exigia a carteirinha de estudante de quem entrasse depois das seis, e como eu não era aluna de verdade, precisei esperar outra pessoa aparecer e passar o cartão para entrar logo atrás.

— Você precisa de ajuda? — um garoto perguntou, os olhos fixos na minha boca.

Fiz que não com a cabeça.

— Ah, deixa disso! Isso aí é pesado demais pra você.

Ele se aproximou e mais uma vez odiei a atração natural que exercíamos sobre as pessoas. Provavelmente eu não estava correndo nenhum risco, mas nem por isso era confortável passar por esse tipo de situação. Fiz que não com a cabeça de novo.

— Não, sério, em que andar você está? Posso...

— Oi, Kahlen!

Levantei os olhos e vi Akinli atravessando o corredor. Ainda que usasse uma camiseta cinza por baixo, fiquei encantada por ele ter escolhido uma camisa de botão. — Estava ficando preocupado — ele continuou. — Oi, Sam.

— Oi.

O garoto olhou torto para Akinli e saiu em direção à escadaria; seu desgosto pela chegada de Akinli era evidente. Fiquei bem mais animada. Naquele momento, começava oficialmente meu primeiro encontro.

— Deixa que eu levo uma dessas — Akinli disse, pegando uma sacola da minha mão e indo em direção ao elevador. — A cozinha é lá em cima. E, bom, pratiquei um pouco hoje de manhã — ele disse, orgulhoso.

Arqueei as sobrancelhas.

— É verdade. Fritei ovos. Ficaram horríveis.

Segurei o riso. O sinal da chegada do elevador soou e as portas demoraram um momento para abrir.

— Acho que o problema é que não tive supervisão, então as coisas devem sair bem melhores agora.

Entramos na pequena cozinha e vi que Akinli tinha feito alguns preparativos. Um fouet e uma tigela já estavam no balcão, bem como duas assadeiras circulares de tamanhos diferentes. Ele então pôs a sacola ali e pegou outra coisa.

— Arranquei isto da porta. Meu colega de quarto encheu o saco, mas se você precisar dizer alguma coisa é só escrever aqui.

Ele me entregou um quadro branco já meio surrado, apesar de serem os primeiros meses de aula. Foi um gesto tão gentil que quase chorei.

Eu o observei tirar com cuidado os ovos, o açúcar e a farinha das sacolas e os enfileirar no balcão do fundo, para que tivéssemos espaço para cozinhar.

— Isto aqui é essência de amêndoas? Que chique. Só pra lembrar, estraguei a comida hoje, então você vai precisar me guiar passo a passo.

Sem palavras, saquei a receita impressa e a deixei do lado da tigela.

— Lá vamos nós — ele disse ao pegar o papel. Correu os olhos pelas instruções, e sua expressão ficava cada vez mais preocupada à medida que avançava a leitura. No fim, ele se recompôs e me lançou um olhar de súplica por cima do papel.

— Muito bem, Kahlen. Me ensine a cozinhar!



— VOCÊ SEMPRE MOROU NA FLÓRIDA?

Neguei com a cabeça e quebrei outro ovo. Não era uma coisa fácil de explicar sem palavras. Tracei um círculo no ar e fiz uma expressão de impaciência.

— Morou em vários lugares?

Fiz que sim.

— Seus pais são do exército ou algo assim? Só consegui passar um ano com um dos meus melhores amigos da escola até o pai dele ser transferido para outro lugar. Mas ouvi dizer que a mudança dele foi muito rápida até para os padrões do exército.

Eu o observava, ouvindo-o atentamente, sem confirmar ou negar nada sobre os meus pais na esperança de que ele não insistisse no assunto.

— Cresci numa cidadezinha do Maine. Port Clyde. Já ouviu falar?

Fiz que não. Ele me entregou o açúcar que tinha medido. Passei o dedo pela borda para raspar o excesso.

— Ah, isso é ruim?

Cozinhar é uma ciência, escrevi no quadro.

— Hum, o.k., vou guardar bem essa lição. Então... Ah, sim, Port Clyde. É bem pequena e mais conhecida pela lagosta. Também tem um programa de residência artística, então de vez em quando aparecem umas pessoas alternativas na cidade. É por isso que achei que você pudesse conhecer. Você estava desenhando no outro dia, não sei se é um interesse seu ou não.

Fiz um gesto de mais ou menos com a mão. Mesmo com o quadro branco, seria difícil explicar que eu gostava de desenhar por causa da minha “irmã”, e que desejava ter pelo menos metade do talento dela.

— Meus pais estão lá, torcendo para eu voltar logo pra casa. Sou filho único, e eles se sentem sozinhos quando não estou lá. Minha mãe me liga, tipo, todos os dias. Eu já disse pra ela arranjar um cachorro, mas ela respondeu que eu sou melhor do que um cachorro, o que é bom, acho. Estou falando demais?

Ele fez uma pausa e me olhou bem. A preocupação autêntica fazia seu rosto ficar vermelho.

Balancei a cabeça. *Não, pensei. Eu ouviria você falar de quase tudo. Você faz um telefonema com a sua mãe parecer uma aventura.*

— O.k. Ela também está preocupada porque ainda não escolhi minha habilitação na faculdade, mas não acho que isso seja um problema. Ainda não, pelo menos. Você acha?

Juntei o indicador e o dedo do meio sobre o polegar, o que significa “não” na língua de sinais americana. Ao me dar conta de que ele talvez não entendesse, balancei a cabeça também.

— Legal. E o que você estuda? Arte?

Como não tinha outra resposta, assenti.

— Você tem cara de artista mesmo — ele disse com ar de quem entende das coisas.

Olhei para mim mesma, depois para Akinli, interrogando-o com os olhos.

— Não, é sério. Não sei exatamente o que é, mas parece que você criou e destruiu um monte de coisas, e depois fez tudo de novo. Não faz o menor sentido, claro. Mas acredite, está dentro de você.

Comecei a bater a massa, contente por ele não saber o quanto eu realmente tinha destruído ao longo dos anos: navios de milhões de dólares,

vidas de valor incalculável. Mas gostei da ideia de que talvez, bem dentro de mim, eu também fosse capaz de consertar as coisas.

Passei a tigela para ele, esperando de verdade que ele participasse.

— Ai meu Deus. Tudo bem. — Ele pegou o fouet. — Eu consigo. Tudo bem...

E começou a bater.

Enquanto ele trabalhava, acrescentei umas gotas da essência de amêndoas e, depois de um instante, ele levantou o olhar para mim. Inclinei a cabeça como quem pergunta “O que foi?”.

Ele demorou um segundo para sair do transe.

— Ah, desculpa. Belo trabalho em equipe o nosso — ele disse, e então contraiu o rosto como se tivesse falado alguma idiotice. — Por falar em trabalho em equipe — acrescentou, com a voz mais suave —, acho que você pode me ajudar numa coisa.

Arqueei a sobancelha.

— Olha só, se você não fala, passou praticamente cada segundo da vida ouvindo, absorvendo as coisas, certo?

Confirmei com a cabeça. Isso era tudo o que eu fazia.

— A minha impressão é que, por causa disso, você deve ser muito perceptiva. Por isso queria fazer uma experiência. Queria saber o que você acha que eu deveria estudar.

Arregalei os olhos, pasma.

Você quer que eu escolha sua habilitação?

— Exatamente. Pedi a opinião de alguns amigos, mas acho que eles estavam tirando uma. Um deles disse para eu cursar musicoterapia, e eu nunca toquei nem apito.

Achei graça na irritação dele.

— Vamos lá, preciso de um rumo na vida. Não custa nada tentar.

Olhei bem para aquele garoto que eu sabia que mal conhecia. Mesmo assim, sentia que tinha aprendido tanto sobre ele que, se alguém me

perguntasse, conseguiria resumir toda a personalidade dele. Ele era tão terno, tão aberto, tão cheio de uma alegria simples... O que eu tinha feito para chamar a atenção dele, para que se interessasse não só pela minha aparência, mas também pelo que eu pensava?

Dava para notar que ele estava bem ansioso para ouvir minha opinião, então me concentrei na pergunta. Eu conseguia imaginá-lo como defensor de uma criança que sofresse abuso ou como cuidador de alguém com deficiência mental. Akinli seria capaz de manter pessoas com vidas tão difíceis com os pés no chão. Voltei a escrever no quadro branco.

— Serviço social? — Akinli perguntou.

Aplaudi.

Ele riu, um som mais musical do que o meu canto.

— Intrigante. Muito bem, Kahlen, vou pesquisar essa área e depois te conto. — Ele olhou para a massa do bolo e levantou o fouet pingando para mim. — Está bom?

Peguei um pouco da massa do fouet com o dedo e lambi. Os olhos cálidos e azuis de Akinli detiveram-se nos meus enquanto a doçura se espalhava pela minha boca. Estava perfeito.

Fiz que sim com a cabeça, entusiasmada, e ele também raspou um pouco para experimentar.

— Ei, nada mau para o meu primeiro bolo, hein?

Abri um sorriso. Nada mau mesmo.

Untei as assadeiras, empolgada porque havia dois tamanhos diferentes e poderíamos montar algo parecido com um bolinho de casamento.

— Não quero ser indelicado nem nada do tipo, mas acho bem legal você fazer tudo o que faz.

Estreitei os olhos, confusa.

— Tipo, você usa língua de sinais e é difícil para se comunicar. Mas você também gosta de arte e sabe cozinhar muito bem e, nossa, consegue até dançar *jitterbug*! Aliás, contei pra minha mãe e ela quer um vídeo. Não

acreditou em mim de jeito nenhum. Mas, enfim, acho legal você não deixar um problema atrasar a sua vida. Admiro isso.

Sorri. Por um minuto, fiquei orgulhosa de mim mesma. Ele não conhecia a profundidade dos meus problemas, mas tinha razão mesmo assim. Não era pouca coisa experimentar, descobrir as coisas da vida que importam. Mesmo aquele momento breve, com aquele garoto maravilhoso ao meu lado, era um pequeno milagre. Eu merecia algum mérito.

Fui escrever “Obrigada” no quadro, mas o marcador não estava pegando.

— Ah, imaginei que a tinta fosse acabar. Quer vir rapidinho no meu quarto pegar outra caneta?

Mantenha a calma.

Fiz que sim do jeito mais desinteressado possível.

— Ótimo. É por aqui — ele disse acenando com a mão, e o segui pelo corredor. — Acho que meu colega de quarto deu uma saída, então pelo menos você vai ser poupada daquele horror. Juro, parece que ele fez um curso para ser tão idiota.

Sorri quando chegamos a uma porta com uma marca óbvia de onde o quadro branco deveria estar. Nas folhas de papel que o responsável pelo alojamento tinha posto em todas as portas do corredor havia dois nomes: Neil Baskha e Akinli Schaefer.

Schaefer. Desejei dizer em voz alta. A palavra soava tão agradável na minha cabeça que eu não via a hora de soltá-la no ar. Mas isso teria que esperar até eu ficar sozinha... e não distraída com o desastre que era o quarto dele.

Para ser justa, apenas metade era um desastre. Parecia que a religião de Neil não permitia usar latas de lixo nem cestos de reciclagem. Provavelmente para que pudesse construir o inusitado altar de latinhas de refrigerante ao lado da janela. As coisas de Akinli pareciam muito mais aconchegantes. Em vez de uma colcha comprada em loja, ele tinha uma tricotada. Em vez de pôsteres, tinha fotos. Em vez de latinhas, tinha três

garrafas de cerveja artesanal de Port Clyde que parecia estar guardando para uma ocasião especial.

Akinli dissera que não tinha irmãos, mas havia um garoto um pouco mais velho em algumas fotos, com os mesmos olhos e o mesmo queixo dele. Vi os pais dele e uma foto de quando era criança, com uma lagosta em cada mão e um sorriso tão largo que eu não conseguia ver seus olhos.

— Aqui está — ele disse ao pegar um marcador novo na gaveta da escrivaninha. Abandonei minhas reflexões silenciosas. — Desculpa a bagunça por aqui — ele disse, com uma expressão envergonhada ao notar meus olhos inquietos. — Neil... Bom, ele é uma figura.

Abri um sorriso, tentando demonstrar que me importava menos com a bagunça e mais com aqueles pedacinhos dele que pude espiar ao menos por um segundo.

De volta à cozinha comunitária, jogamos forca no quadro branco no intervalo entre preparar a cobertura e esperar o bolo terminar de assar.

Foi tudo tão normal, tão simples, e agradei por cada instante. Quando conseguimos arrumar um bolo em cima do outro — embora o de cima não tivesse ficado bem centralizado — e então cobrimos tudo com glacê, Akinli fez uma pose dramática ao lado da nossa criação.

— Chegou a hora da verdade. Terei eu superado uma longa e difícil temporada como o pior cozinheiro do país? Kahlen, o garfo, por favor.

Passei o garfo para ele e peguei um para poder provar também. Não queria me gabar, mas tinha certeza de que Aisling ficaria impressionada.

— Está MARAVILHOSO! — Akinli gritou, dando mais duas garfadas generosas antes de parar para respirar. — Não podemos guardar tanta beleza só para nós. Venha!

Ele pegou a travessa e foi para o corredor.

— Quem quer bolo? — gritou.

Uma garota com duas tranças espichou a cabeça pelo batente de uma porta no meio do corredor e gritou:

— Eu!

Ao nosso lado, um sujeito também abriu a porta.

— Por que você está berrando aí, cara?

— Fizemos um bolo!

O rosto do sujeito passou de irritado para contente.

— Legal!

Em questão de minutos, metade do andar já tinha saído dos dormitórios, usando tudo — desde espátulas até copos de papel — para pegar um pouco da sobremesa.

— Olha, me saí muito bem, mas a maior parte do trabalho foi da Kahlen — Akinli disse a alguém.

Um punhado de gente me deu tapinhas nas costas e agradeceu por cozinhar e compartilhar o bolo. Uma garota disse que gostou da minha saia. Quis explodir de felicidade. Essa era a sensação de ser uma garota de dezenove anos normal? Morar num alojamento universitário, deixar a vida dos outros se encontrar com a sua, pelo menos por um tempo? Focar os estudos em uma área só enquanto dezenas de coisas mudam ao seu redor e você também aprende com elas? Ser notada por um garoto e reconhecida de tal forma que parecia um sentimento único, mesmo sabendo que muita gente já tinha dado esses mesmos passos para encontrar a pessoa com quem passaria o resto da vida.

Era atemporal e temporário, válido e inconsequente. E pude fazer parte disso. Queria viver daquele jeito o tempo todo!

E então tudo desacelerou na minha cabeça. *O tempo todo?* Como eu ia conciliar isso? Depois de todo o trabalho para conseguir sobreviver a um encontro, como eu conseguiria sobreviver a dez? Ou mesmo ao próximo?

Parei para observar Akinli. O sorriso dele iluminava a multidão, e um carisma natural pairava ao redor dele. Tivemos um momento especial, bonito até. Mas era insustentável. Cedo ou tarde algo despertaria as

suspeitas dele. Por que eu nunca me machucava? Por que meu peso nunca mudava? Por que tinha que desaparecer aleatoriamente?

Me senti tão boba. Na melhor das hipóteses, ele envelheceria e eu não, e depois, quando meu tempo de sereia chegasse ao fim, eu o esqueceria completamente.

Talvez fosse menos doloroso se ele simplesmente me esquecesse.

Me afastei da multidão devagar, tão acostumada a ficar em silêncio que ninguém sequer notou.

AS GAROTAS NÃO ESTAVAM EM CASA QUANDO CHEGUEI, o que foi bom. Que aproveitassem uma última noite naquele animado campus litorâneo. Fui para o quarto. Corri os olhos pelo ambiente e cheguei à conclusão de que não havia muita coisa ali que pudesse considerar minha. Na verdade, nunca havia.

Guardei as cadernetas no baú e lembrei que ainda faltava uma pessoa para completar a lista de passageiros do *Arcatia*. Jamais me esquecera de alguém no meio de uma pesquisa antes. Às vezes, parava de procurar quando ficava óbvio que não havia nada para encontrar, mas nunca algo assim. Akinli me fez esquecer quem eu era por um breve momento, tocou minha pele como se eu fosse humana, falou comigo como se eu fosse normal.

Como era mágico ser apenas uma garota comum.

Havia algumas peças de roupa de que eu gostava, e uma escova de cabelo de madeira muito boa que encontrei numa feira de antiguidades certa vez. Eu tinha o grampo enferrujado que estava no meu cabelo quando fui transformada; guardei porque imaginei que era do mesmo tipo que a minha mãe usava. Era o único vínculo com ela que ainda me restava. Havia um punhado de quinquilharias, mas o baú estava leve quando o empurrei até a porta da frente.

As garotas o veriam quando entrassem. E entenderiam.

Fui para os fundos e me sentei no píer flutuante. Encarei a Água, mas não falei nada. Eu podia ouvi-La, contudo, saltando na praia e envolvendo

as vigas de madeira. Eu A amava tanto. Ela era a minha casa, o lugar onde podíamos nos esconder quando guerras estouravam ou quando qualquer um nos olhava com desconfiança. Ela era vida, nossa provedora, a provedora de *todos*. Mas agora não podia evitar o ressentimento. Ela também era a fonte de toda a minha culpa, de todos os meus sonhos frustrados.

Eu tinha tantas perguntas para Ela. Mas não naquela noite.

Ouvi o rangido familiar da porta da frente e voltei para dentro. Elizabeth e Miaka estavam caladas, com os olhos fixos no meu baú. Miaka parecia à beira de lágrimas, e Elizabeth girava zangada a sandália de tiras na ponta dos dedos.

— Por quê? — Miaka perguntou enquanto eu fechava a porta de correr.

— Preciso ir — meu tom era quase de vergonha, acanhado pela minha fraqueza.

Elizabeth soltou as sandálias.

— Bom, eu não preciso. Nem Miaka. Não queremos ir.

Evitei o olhar fulminante dela.

— Entendo, mas não posso mais ficar aqui.

— Você sempre quer viver em algum lugar grande, para que a gente possa ficar no anonimato! E depois você nem *tenta* se misturar. Estamos felizes aqui!

Ergui os olhos para Elizabeth e a tensão no queixo dela confirmou o que eu já suspeitava.

Respirei fundo e me forcei a falar sem fraquejar:

— Por mim, tudo bem ir sozinha. Talvez vocês duas fiquem melhor sem mim. Aisling se dá bem com o isolamento absoluto, talvez eu me dê também. Ou talvez eu me sinta completamente infeliz sem vocês. — Dei de ombros. — Não sei ao certo. Mas se vocês quiserem ficar, vou entender. Vou levar o baú para o carro, esperar meia hora e, se aparecerem lá, vou

ficar feliz de ter a companhia de vocês. Se não, nos vemos quando formos cantar.

Peguei minhas coisas, tirei a chave da bolsa e passei por elas. Assim que sentei no banco do motorista, peguei o celular para ver que horas eram e calcular o tempo que tinha prometido. Deparei com duas mensagens não lidas.

Ambas eram de Akinli. A primeira era óbvia.

Ei, para onde você fugiu? Está tudo bem?

Em seguida:

O meu problema é o seguinte: só ganhei um dos dez quilos que deveria ganhar no meu primeiro ano de faculdade. Que tal se você me ajudar e a gente tentar fazer brownies da próxima vez?

Nenhuma menção de se sentir dispensado. Até mandou uma carinha feliz! Era possível que eu tivesse esbarrado na pessoa mais simpática do planeta? Um cara como ele era tão mítico quanto eu.

— Schaefer — sussurrei para a noite. — Akinli Schaefer.

Era tão prazeroso dizer em voz alta quanto eu imaginava.

Voltei a olhar para o celular. Meus dedos pairavam sobre a tela. Fiquei com vontade de responder, de pedir desculpas ou de talvez explicar por que saí tão de repente. Mas eu sabia que se mandasse uma mensagem agora mandaria outra depois.

Desliguei o aparelho e inseri a chave no contato para acender o relógio no painel.

Fiquei observando o horário. Quando se passaram vinte e nove minutos, senti um nó no estômago. Eu não fazia ideia de onde iria. Era quase obrigatório ir para alguma praia, já que nunca sabíamos quando poderia

haver uma emergência, e eu gostava de poder conversar com Ela de tempos em tempos. Mas agora era o momento de escolher.

Engoli em seco e girei a chave.

No exato momento em que o motor ligou, o rosto sorridente de Miaka apareceu na janela do passageiro.

— Você abre o porta-malas pra mim? Tinha mais material de pintura do que imaginava.

Fiz o que ela pediu, sentindo o peso da culpa dobrar. Eu tinha dito poucas horas antes que discutiríamos a próxima mudança, mas logo depois a obriguei a arrumar as malas em meia hora.

Ela sentou no banco da frente e começou a arrumar o cabelo num coque desgrenhado.

— Não sei por quê, mas pensei que tinha alguma coisa especial acontecendo com você, que estava ficando confortável aqui. Acho que interpretei completamente errado.

— Você só tem dez anos a menos do que eu — disse com a voz suave. — Sabe que esta vida cobra seu preço. Não consigo me estabelecer. Eu tento, juro.

— Eu sei — ela disse, tocando meu joelho. — Você passou décadas ao nosso lado enquanto nós duas vagávamos livres por aí. Se agora precisa de uma temporada de sossego, vamos ficar do seu lado também.

Revirei os olhos.

— Parece que é só você.

Uma fração de segundo depois, ouvi o porta-malas bater e Elizabeth subiu no banco de trás.

— Mandeí um e-mail para o dono da casa e deixei dinheiro para o caso de precisar fazer uma limpeza. Vamos. — Ela cruzou os braços e colocou óculos de sol, embora estivesse escuro.

Eu não disse nada, mas sorri comigo mesma. Minhas irmãs me amavam.

Dirigi o caminho todo. Depois de três horas, Elizabeth assumiu o controle da música. Depois de seis horas, vimos o sol nascer. Depois de dez, estacionamos em Pawleys Island, na Carolina do Sul, e descobrimos uma imobiliária que alugava casas de praia.

Como era baixa temporada e éramos “lindas de morrer”, o corretor não questionou três garotas mudas nem nossos maços de dinheiro.

Ao meio-dia, já estávamos instaladas numa casa pequena e cinza no fim da praia. O local era sossegado, com uma fileira de casas de verão vazias à esquerda e nada além de areia e mato até onde a vista alcançava à direita. Perfeito para entrarmos na Água e longe o bastante do centro da cidade para que não precisássemos ver uma alma sequer se não quiséssemos.

— Que exótica! — Miaka exclamou admirada. — Posso ficar com um dos quartos com vista para o mar?

— Por mim tudo bem. — Elizabeth soltou as malas no meio da sala. — Certo, então este aqui é o nosso lar agora — ela disse enquanto observava com desgosto as cortinas floridas e os tapetes tecidos à mão.

— Só por enquanto — prometi. — Não vamos ficar para sempre.

Ela chegou perto e me abraçou.

— Vou aproveitar ao máximo. Por você. Talvez aprenda a tricotar. — Joguei a cabeça para trás e a encarei. — Que foi? Eu disse *talvez*.

— Obrigada por ter vindo.

Ela soltou um suspiro.

— Eu não tinha opção. Miaka é como se fosse parte de mim, e eu sabia que ela não ia querer deixar você vir sozinha. E eu também preciso de você. Eu amava Miami, mas não tanto quanto amo vocês duas.

— E eu também amo. Estaria perdida sem vocês.

— Ah! — ela exclamou de repente e desfez nosso abraço. — Filmes!

Atrás de mim, havia uma parede cheia de filmes para entreter os hóspedes em dias de chuva. Elizabeth adorava filmes e programas de TV, então talvez aquilo a acalmasse. Por ora, pelo menos.

Lancei um olhar pela ampla janela da frente até a Água. Primeiro ia me adaptar à nova vida, depois iria até Ela.

Miaka arrastou a cama e a cômoda para fora do quarto para transformá-lo num estúdio.

— Luz fantástica! — repetia o tempo todo. — Maravilhosa!

Elizabeth reclamava que seu quarto não tinha sequer metade do conforto do quarto na Flórida, mas que tentaria dar um jeito na situação com edredons novos e almofadas e um mosquiteiro fino que comprara para cobrir a cama. Cheguei até a passar a TV do meu quarto para o dela num gesto de agradecimento, e minha irmã pareceu satisfeita com a arrumação depois de uns dias.

Peguei o outro quarto com vista para a Água e A observava. Não sabia o que estava esperando, mas demorei para reunir forças. Por fim, depois de uma semana na casa nova, dei meus primeiros passos pela areia até o mar.

— *Ah! Você se mudou?*

— *Mudei* — pensei. — *Estava difícil para mim na cidade. As outras estão comigo.*

— *O que era tão difícil?*

Balancei a cabeça e comecei a chorar.

— *Tudo.*

Senti a preocupação dEla crescer e observei a praia de ponta a ponta. Era final de outubro, e o frio do outono estava no ar. Ninguém apareceria na praia do nada. Corri para Ela, triste e assustada.

— *Não consigo acompanhar seus pensamentos* — Ela disse. — *Você precisa ir devagar.*

— *É que estou tão confusa* — admiti. — *Por que sou a única a ter pesadelos? Até quando estou acordada essas coisas me assombram. E por que tenho tanto medo dos humanos? Como Aisling é capaz de viver*

sozinha sem enlouquecer? Por que você me escolheu, afinal? Estou tão confusa, tão cansada...

— Você está pensando demais. Uma pergunta de cada vez. Vamos repassar tudo isso.

Bati no peito com o punho, acusando meu corpo de fracassar.

— Já tive oitenta anos para me adaptar e nunca consegui. Estou com defeito?

— Vamos começar por aí. Não, você não está com defeito. Talvez seja a sereia mais leal e fiel que já tive.

— Então sou uma das melhores? É ruim dizer que não quero ser boa nessa função?

Ela rodopiou pelo meu rosto e pelo meu cabelo na tentativa de me consolar.

— Ninguém que tenha um coração é capaz de gostar de matar seus semelhantes.

— Não sou humana — argumentei. — Sou menos do que isso.

— Kahlen, minha doce menina, você ainda é humana. Seu corpo pode ser imutável, mas sua alma ainda vive. Garanto que, no fundo, você ainda está ligada à humanidade.

Continuei a chorar e minhas lágrimas se misturavam às ondas dEla.

— Então por que não consigo lidar com nenhum contato humano? Elizabeth tem seus namorados...

— Como muitas sereias antes dela. Não é de surpreender, considerando o quanto vocês são bonitas.

— Se é tão comum, por que não consigo?

A Água riu, um som maternal dentro da minha cabeça, como se Ela me conhecesse melhor do que eu mesma.

— Porque você e Elizabeth são muito diferentes. Ela busca paixão e aventura. No mundo sombrio dela, esses interlúdios são como fogos de artifício. Você anseia por relacionamentos, por amor. É por isso que

protege suas irmãs com tanta garra, que sempre volta para mim mesmo quando não chamo, e que seu luto ao tirar vidas é tão intenso.

Refleti sobre as palavras dEla. Me perguntei o quanto da nossa vida passada carregávamos conosco. Elizabeth cresceu numa era de amor livre; eu, numa época de “até que a morte nos separe”.

— *Acho que isso sempre será um ponto sensível para você. Você deve se contentar com o pequeno círculo de pessoas de que dispõe. Mesmo se encontrasse a sua alma gêmea em todos os sentidos, jamais poderia ficar com ele.*

— *Ah é?* — Enfieei tudo sobre Akinli no canto mais escuro da minha mente. Não queria que Ela soubesse da centelha da vida dele que cruzou com a minha. Então me senti idiota por questionar o que Ela dizia. Afinal, suas palavras eram um eco do que estava pensando quando parti.

— *Há motivos técnicos para isso, pois você jamais envelheceria e poderia acabar revelando suas habilidades sobre-humanas. Mas também se resume ao que você é.*

— *Uma sereia?* — perguntei, embora parecesse óbvio.

— *Não. Minha.*

Senti minha testa franzir, confusa. Acho que sempre imaginei que essas duas realidades significavam a mesma coisa.

— *Por que você acha que existem apenas jovens a meu serviço? Não posso aceitar mães nem esposas.*

Estreitei o olhar; nunca tinha pensado nisso.

— *Por que não?*

— *As esposas sentiriam saudade dos maridos. Cantar uma canção que seduz principalmente os homens seria excruciante para uma esposa fiel. E separar uma mãe de um filho é o ápice da crueldade. Acho que qualquer mãe obrigada a suportar a vida sem contato com o filho perderia a sanidade. Não seria certo uma pessoa com tamanha agonia levar esta*

vida. Ela seria instável. O que é um perigo para todas nós. Mas filhas? As filhas tendem a deixar a família cedo ou tarde.

— Verdade. — Abracei a mim mesma. — Embora eu não tivesse grandes ambições antes... E não sei se tenho agora.

— Longe disso. Você é muito determinada. Um dia, vai encontrar alguma coisa para investir toda essa energia, e então ninguém vai poder te deter. Mesmo agora, numa função que não te dá alegria nenhuma, você cumpre o seu dever com zelo, porque só consegue agir assim. Há um quê de beleza nisso, Kahlen.

Isso me consolou um pouco, a ideia de que, no futuro, eu poderia ser mais do que imaginava. E embora fosse difícil aceitar elogios por causar a morte das pessoas, tinha orgulho de nunca ter falhado com Ela.

— E vou responder a última pergunta antes que você a faça novamente. Sei que quer ouvir que havia algo especial em você ou nas suas irmãs, que há um método por trás de tudo isso. Mas a verdade é que tenho sempre plena consciência do tempo, de quão perto qualquer uma das minhas sereias está do final. Eu estava à procura de alguém, não sabia se haveria alguma garota no navio. Mas das cinco jovens que serviriam, foi você que gritou. Quando falei, você respondeu. Então a escolhi.

— Só isso?

— Receio que sim.

Foi um pouco chocante descobrir que tudo era tão aleatório, embora eu não tivesse certeza do que esperava. Como se tivesse compreendido isso, a voz dEla soou mais suave e afetuosa na minha cabeça.

— Mas tem uma coisa que você precisa saber. Embora a escolha não seja motivada por um desejo específico por vocês, a vida depois que vocês se tornam minhas é muito importante. Você significa tanto para mim, todas vocês... E não quero que pensem que a vida de vocês é um desperdício, pois é preciosa demais para mim.

Contorci o rosto ao chorar de novo, com medo de tê-la insultado com minhas perguntas.

— *Não pense isso. Sei que a vida de vocês é diferente da minha. Aceito-as como são.*

Fiz que sim com a cabeça, tentando controlar as emoções.

— *Só me sinto sobrecarregada com tudo isso.*

— *Eu sei. E talvez continue assim até o fim da sentença. Não deixe que isso arruíne o tempo que ainda tem com suas irmãs, comigo... Amamos você.*

Assenti.

— *Já é bastante por hoje. Agora vá. Vá viver.*

Ela me empurrou delicadamente em direção à praia até a areia estar firme o bastante sob meus pés para que eu pudesse andar. Apenas quando cheguei ao primeiro dos longos degraus da varanda comecei a pensar no significado das palavras dEla.

A possessão da Água era mais óbvia do que nunca, mas, apesar de tudo o que ela tinha dito, minha mente não parava de voltar a Akinli. Sentia que meu carinho por ele tinha dobrado nos últimos dias, e ele nem estava por perto. A bondade dele tinha sido tão extraordinária. Não parava de dizer a mim mesma que era uma paixãozinha, uma coisa temporária e fugaz que passaria tão rápido quanto veio. Mas a saudade era tanta que até doía.

Depois havia a preocupação com as minhas irmãs, as pessoas que compartilhavam essa vida comigo. Fui injusta ao arrancá-las de um lugar tão rápido, mas não sabia mais o que fazer. Agora estávamos naquela cidadezinha, próxima a um lugar grande, mas distante o suficiente de tudo para que nada de emocionante acontecesse com elas.

Tudo o que eu queria era sarar. Queria encontrar uma maneira de me proteger tão bem que a dor e a tristeza nunca mais chegassem até mim. Depois de conversar com a Água, não sabia se era possível. Talvez eu tivesse que existir numa tristeza constante.

Ela me disse para viver...

Não sabia como dizer a Ela que estar viva não era o mesmo que viver.

PASSAVA A MAIOR PARTE DO TEMPO NO QUARTO, à espera de que algo acontecesse, mas não é assim que a vida funciona. Em ambientes fechados, as coisas apenas se repetem.

Elizabeth, claro, foi a primeira a decidir sair. Depois de quase um mês enfurnada em casa, ela finalmente veio bater na minha porta.

— Miaka acabou de vender outra obra. Vamos fazer compras para comemorar. Quer alguma coisa?

Dei de ombros.

— Umas meias-calças talvez. E um ou dois casacos. Para fingir que tenho roupas de inverno se precisar sair.

— É algo que você pretende fazer em breve? Sair, quer dizer — ela falou como quem não quer nada, mas com um olhar incisivo.

Voltei para o meu livro.

— Não sei. Hoje não.

— Tem certeza? Você pode vir e escolher as meias. Sei que isso é implorar por confusão, mas ainda assim... — ela provocou.

Eu dei um sorriso fraco.

— Estou bem aqui.

Elizabeth se deteve um pouco à porta, respirando fundo algumas vezes como se estivesse prestes a discutir comigo, mas acabou desistindo.

— Tudo bem então. Voltamos logo.

Ela deixou a porta entreaberta, e pude ouvi-la cochichar preocupada com Miaka:

— Tentei falar de um jeito casual, mas ela diz que quer ficar.

— Ela só precisa de um tempo — Miaka cochichou de volta. — Ou aconteceu alguma coisa que ela ainda não está pronta para contar ou realmente não aguenta mais ser sereia. Está deprimida.

— Bom, e como tiramos ela dessa? Não consigo viver desse jeito — Elizabeth sibilou.

— Ela faria isso por nós. De certa forma, ela já faz.

Por mais baixo que estivessem falando, Elizabeth diminuiu ainda mais a voz:

— Você falou com Ela? Contou como tem sido?

— A Água sabe. Ela concorda que a paciência é o melhor caminho.

Fechei os olhos. Sabia que meu humor não era dos melhores no momento, mas fiquei surpresa por elas acharem que precisavam de um plano de ação para lidar comigo. Não conseguia acreditar que foram até a Água.

Estava prestes a entrar na sala pisando duro para mandar as duas cuidarem da própria vida quando ouvi o chamado dEla.

— *Rápido!* — Ela alertou. — *Sua nova irmã está esperando. E muito assustada.*

Saí em disparada pela porta do quarto e da casa. Vi que Miaka e Elizabeth já estavam a caminho. Olhei para a praia vazia atrás de nós, grata porque o inverno estava chegando e ninguém queria ficar perto da água.

Corremos para as ondas, levantando as pernas bem alto até chegarmos na profundidade suficiente para sermos arrastadas.

— *Para onde vamos?* — perguntei.

— *Índia. Sejam delicadas com essa jovem.*

— *Claro.*

Algo na situação me lembrava o dia em que Miaka tinha se juntado a nós — o que me deixava preocupada. Miaka vivera numa vila de pescadores

no litoral norte do Japão. De acordo com o que nos dissera entre soluços quando a encontramos pela primeira vez, ela nem deveria estar no barco que afundou para começo de conversa. Ela contara à família sobre seu medo de água e prometera que, se a deixassem ficar na praia, trabalharia dobrado assim que tudo fosse trazido para a terra.

Eles a ignoraram. Forçaram-na a ir para o barco de pesca.

E a perderam para sempre.

Eu tinha me apegado a algumas coisas nos últimos oitenta anos: uma vaga lembrança do rosto da minha mãe, a consciência de que meu pai usava bigode, e o fato de que eu tinha dois irmãos, embora não recordasse o nome deles. Mas Miaka só se lembrava do nome do vilarejo e dos detalhes de sua história porque os contávamos para ela.

Elizabeth se apegou a muita coisa, embora quase sempre desse a impressão de que o fez por desprezo. Ela não gostava muito da família, e era como se tivesse guardado os nomes para poder maldizê-los mentalmente: “Viu, Jacob? Viajei pela Europa. Viu, mãe? Estou comendo iguarias. Viu, todo mundo? Faço mais do que vocês seriam capazes”.

Eu não sabia do que Aisling se lembrava. Ela nunca tinha me dito.

Mas foi a lembrança de Miaka, tão pequena e abalada depois de ter sido varrida para fora do barco, que me motivou a ir ajudar aquela estranha com tanta pressa. Por mais velozes que nos movêssemos, queria ir ainda mais rápido.

— *Kahlen!*

Me virei e vi Aisling, que assumia seu lugar ao nosso lado.

— *Oi* — respondi, com preocupação na voz. — *Parece que vai ser complicado. Vamos ter que ser muito cuidadosas desta vez.*

— *Acho que você devia fazer o discurso.*

— *Mas eu nunca fiz isso antes.* — Me virei para Aisling. — *Você é a mais velha. Tem que ser você!*

— *Vou embora logo, Kahlen. Faltam só algumas semanas. É melhor que seja alguém com quem ela terá tempo de criar um vínculo.*

Não consegui esconder o nervosismo. Era uma responsabilidade enorme explicar para a nossa nova irmã no que ela estava se metendo.

Aisling enlaçou os dedos nos meus enquanto nadávamos.

— *Vou ajudar caso você precise, certo?*

O que ela disse fazia sentido, embora eu ainda estivesse com medo de errar alguma coisa. Mas não podia desapontar Aisling. Era como a Água tinha dito: eu dava tudo de mim quando tinha uma missão.

— *Certo.*

Concentramos os olhares à frente, procurando na superfície a silhueta de um corpo milagrosamente deitado na água, como se estivesse numa cama. Por fim, nós quatro desaceleramos ao chegar no mar Árábico.

— *Lá em cima!* — Miaka disse.

Nadamos em direção à garota, sem saber ao certo como ela reagiria. Subimos à superfície, onde deparamos com a cena mais doentia que eu já tinha visto em meus muitos, muitos anos.

A garota vestia um sári simples e sem graça. Estava rasgado em vários lugares, e era óbvio que os estragos não tinham nada a ver com a queda ou com qualquer outro pequeno acidente. Eram rasgos propositais, feitos de maneira selvagem. Seus braços e pernas estavam cobertos de feridas recentes. O mais horrível, porém, foi seguir as trilhas de hematomas até seus tornozelos e pulsos, onde havia blocos de concreto amarrados, mantendo-a presa.

— Soltem as cordas. Depressa! — ordenei, enquanto eu mesma começava a desfazer um nó no braço dela.

A pobre coitada virou languidamente a cabeça na minha direção, resfolegando, ainda exausta do esforço.

— Por favor, não me matem — ela disse com a voz fraca.

Meu coração doía.

— Não, não vamos machucar você. Vamos soltar estas coisas para podermos conversar.

Ela concordou com a cabeça.

— Pronto — Elizabeth anunciou.

— Aqui também — Aisling disse, para em seguida tomar a garota pelo braço e ajudá-la a sentar.

Aquela garota, com pele cor de canela e olhos sonolentos, encarou os braços machucados e passou a tocar várias das suas feridas, como se as contasse.

— Por quê? — lamentou. — Não foi culpa minha.

— O que não foi culpa sua? — perguntei, acariciando seu cabelo.

— Nascer menina.

Miaka e Elizabeth se aproximaram, na esperança de confortá-la, mas Aisling manteve distância e se concentrou em mim.

— Como você se chama? — perguntei.

— Padma — ela respondeu enquanto limpava o nariz escorrendo.

— Quantos anos você tem? — continuei, tentando manter um tom calmo e bondoso.

Ela se esforçou para pensar em meio à confusão.

— Dezesseis.

— Padma, do que você se lembra?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não quero lembrar.

Acaricieei o cabelo dela de novo, sentindo seu medo crescer.

— Tudo bem. Mas pode nos dizer como caiu no mar?

Ela olhou ao redor com uma expressão de curiosidade e vergonha.

— Meu pai.

— Isso é doentio — Elizabeth murmurou.

— Seja forte. Por Padma — Aisling insistiu com ela.

Eu também estava disposta a fazer tudo o que pudesse para facilitar as coisas para a garota.

Aquele momento não dizia respeito a nenhuma de nós. Era única e exclusivamente dela. Naquele momento soube como Marilyn devia ter se sentido quando falou comigo e com Miaka, como Aisling devia ter se sentido em relação a Elizabeth. No fim das contas, apesar do que viria pela frente, só queria que aquela garota vivesse.

— Ele me jogou — Padma confessou, olhando para as próprias mãos. — Nada de dote. Uma garota é cara demais. Ele bateu na minha mãe e depois em mim. Não lembro como cheguei até o mar, mas ainda sinto as tábuas do cais nas costas. Acordei antes do meu pai me empurrar. Ele não parecia nem um pouco triste.

Engoli em seco na tentativa de me recompor.

Conhecia o desprezo da família de Miaka pelos medos dela. Sabia que a família de Elizabeth não gostava do caráter rebelde da filha. Mas nenhuma de nós jamais havia se deparado com uma coisa dessas.

— Padma — comecei a falar com suavidade —, meu nome é Kahlen. Estas são Aisling, Elizabeth e Miaka.

Por favor, que eu explique direito, rezei. Por favor, que as minhas palavras a façam querer ficar.

— Somos jovens muito especiais, e gostaríamos que você se juntasse a nós — continuei.

— Me juntar a vocês onde?

Abri um sorriso.

— Em toda parte, para ser sincera. Somos cantoras, sereias. Você deve ter lido histórias a nosso respeito nos livros, ou ter ouvido menções a nós nos contos de fadas. Pertencemos à Água. Cantamos por Ela, para que Ela possa viver, para que Ela possa sustentar a terra. Você compreende?

— Não.

Aisling começou a rir.

— Nem eu compreendia.

— Eu também não — Elizabeth disse, e Miaka concordou com a cabeça. Padma abriu um sorriso cauteloso para nós.

— A sua pele é tão branca! — ela suspirou, maravilhada com Elizabeth.

— É — Elizabeth respondeu, estendendo a mão. Padma correu os dedos pela palma até Elizabeth dar um pulo para trás. — Desculpa! Faz cócegas!

Padma deu uma risada fraca, mantendo a cabeça baixa. Em seguida, deixou escapar um suspiro admirado ao recobrar os sentidos.

— Estamos em cima da água?

Confirmei.

— Nós pertencemos à Água. Se escolher se juntar a nós, será dEla também. Não vai envelhecer nem ficar doente. Vai continuar como está por cem anos. — Fiz uma pausa para que ela pudesse refletir sobre minhas palavras. Gostaria de ter prestado mais atenção a esse detalhe quando Marilyn me transformou. — Ao longo de todo esse tempo, você será uma espécie de arma. Sua voz será mortal, e você terá que mantê-la em segredo, pelo bem de todas nós. Passados os cem anos, você receberá sua voz e sua vida de volta. Mas até lá, servirá à Água. Você jamais estará sozinha. Nós cuidaremos de você, e a Água também.

— E a minha família?

Balancei a cabeça.

— Sinto muito, mas você não vai ver sua família de novo.

O rosto dela se enrugou, e Padma chorou copiosamente.

— Vai ficar tudo bem — Miaka prometeu. — Já senti falta da minha família, mas você terá uma vida inimaginável agora.

— Não quero voltar para eles — Padma desabafou. — Também não queria morrer, mas se viver significasse voltar para a minha família, eu aceitaria. Estou tão grata por escapar!

Aisling e eu trocamos um sorriso.

— Então vai ficar com a gente? — perguntei.

Ela levantou os olhos arregalados.

— Sim! Claro! Por favor, me levem!

— *Podemos acompanhá-la?* — perguntei à Água. — *Durante a transformação?*

— *Sim, acho que seria prudente.*

— O que foi isso? — Padma perguntou.

— Temos muito para explicar. Mas, por ora, você precisa entrar na Água. Um pouco dEla já está dentro de você, por isso você consegue ouvi-La, mas Ela precisa terminar o trabalho para você ficar com a gente.

Padma parecia nervosa, mas concordou mesmo assim.

— Veja Elizabeth.

Minha irmã levantou, deu alguns passos e pulou com graça e simplicidade para dentro da Água, como se pulasse de uma calçada para o meio-fio.

— Viu? Não é nada. Vamos.

Levantei com Miaka e Aisling e acompanhamos Padma para dentro da Água.

Padma prendeu a respiração de um jeito fofo.

Nadamos ao redor dela, para que não se sentisse só enquanto a Água abria sua boca para enfiar um líquido estranho e escuro garganta abaixo. Eu não fazia ideia do que aquilo era, nem de onde vinha, mas sabia que era aquela mesmíssima água que me corria nas veias, misturada com o meu sangue, me mantendo viva. E sabia que aquela magia continuava suspensa nos meus pulmões e garganta, o que tornava a minha voz letal.

As feridas de Padma sararam, a pele dela ficou luminosa e, sem envelhecer um dia sequer, ela de repente se tornou alguém que passara anos tentando descobrir a própria identidade até finalmente se encontrar.

Quando a Água concluiu o processo, Padma flutuava no mar, um pouco agitada enquanto reaprendia a respirar.

— Vamos — Miaka a tomou pela mão e a puxou na direção da nossa casa.

Vimos o sári esfarrapado de Padma se desfazer, e supus que ela não sentiu nada, já que não se cobriu. Mas ela percebeu quando o sal se prendeu ao corpo para criar seu primeiro vestido de sereia.

Quando saímos do mar, Padma estendeu os braços e olhou bem para si.

— Eu renasci! Sou uma deusa!

Radiante, ela ria enquanto Miaka, Elizabeth e Aisling a acompanhavam para dentro de casa.

Com os pés ainda no mar, eu disse à Água:

— *Você escolheu bem.*

— *Pra ser sincera, foi uma decisão difícil. Ela estava dividida entre a vida e a morte.*

— *Ela pensava que viver significaria voltar para a família?*

— *Acho que sim. As imagens na cabeça dela eram brutais, para dizer o mínimo. Você já sabe do pai, mas a mãe sempre manteve distância. Para ela era como se... como se Padma fosse um crime do qual era culpada, e queria se distanciar da filha o máximo que pudesse.*

— *Não consigo imaginar uma mãe agindo dessa forma. Espero que ela já tenha começado a esquecer.*

— *Parece que sim. Cada uma de vocês é diferente, mas acho que ela vai se livrar de tudo isso se puder.*

Caminhei pela praia, sempre com os pés na Água, até parar diante da nossa casa para observar as sombras das minhas irmãs na sala de estar. Me sentia grata por Padma ter escolhido vir conosco. Estava envolvida com a minha nova irmã de uma maneira que não tinha me envolvido com nada desde que saímos de Miami.

— *Tenho uma dúvida. Foi só por ela?* — perguntei.

— *Como assim?*

— *Você achava que ela me faria despertar?*

— *É a minha esperança.*

— *A minha também.*

— Kahlen! — Elizabeth chamou, e tentei não entrar em pânico ao ouvir a voz dela soar livre pelo ar. Não parecia haver ninguém por perto, mas isso não queria dizer que ninguém nos escutava. As vozes ecoavam. — Padma já quer roubar um sapato seu!

Elizabeth gargalhava de alegria, e eu suspirei, feliz por Padma estar se enturmando como se estivesse com a gente desde sempre.

— Diga a ela que pode pegar o que quiser.



NOSSA PEQUENA CASA LOGO FICOU LOTADA. Elizabeth botou Padma debaixo da asa, empolgada por finalmente ter uma irmã mais nova, e Aisling permaneceu conosco em vez de voltar para sua cabana, já que seus dias de sereia estavam tão próximos do fim.

Passamos a primeira noite ao redor de uma fogueira acesa por Miaka. Tomamos um café delicioso e apresentamos Padma ao maravilhoso mundo dos marshmallows.

— Mas não *temos* que comer? — ela perguntou mais uma vez.

— Não. Falta de comida, bebida ou sono não vão lhe fazer o menor mal — Aisling explicou. — Às vezes cedemos a essas coisas por diversão, mas você não precisa de nada disso.

— E podemos nos machucar?

— De jeito nenhum — Elizabeth disse, empolgada. — Olha só.

Ela caminhou até o fogo e enfiou a mão bem no meio da chama. Olhei para Padma e uma expressão de descrença tomou conta do seu rosto, apesar de aquilo estar acontecendo bem diante de seus olhos.

— Você chega a sentir alguma coisa?

Elizabeth deu de ombros e tirou a mão do fogo.

— Sinto que é quente, mas não dói. É difícil explicar.

Padma pareceu extasiada.

— Então não vou pegar gripe? Ter febre? Nada?

— Não — assegurei, rindo. — Você é uma super-heroína. Talvez uma supervilã — acrescentei, sem saber ao certo o que éramos. A chegada de

Padma me deixou tão feliz que a dúvida não me desanimou. — Em todo caso, você é forte e está segura agora. Febre é piada para a gente.

Ela suspirou. Assim como todas nós, Padma também se recusava a tirar o primeiro vestido de sal, que tocava a todo instante, encantada com a beleza e o brilho das dobras.

— Uma vez me cortei e a ferida infeccionou. Passei dias com febre. Pensei que fosse morrer. Lembro de acordar encharcada de suor quando a febre passou. — Padma fez uma pausa e balançou a cabeça para afastar a lembrança. — É difícil acreditar que isso é impossível agora.

Lancei um olhar para Aisling, que também tinha um ar de dúvida nos olhos.

— Padma, que lembrança específica... — Aisling disse devagar.

Ela deu de ombros e disse com um sorriso:

— Foi muito assustador. Difícil de esquecer.

— Mas esse é o ponto — eu disse, tocando-a no braço. — A maioria das sereias esquece o passado com uma rapidez impressionante. Não lembro o nome de ninguém da minha família, muito menos um dia em que fiquei doente.

Elizabeth interveio:

— Foi difícil pra mim, mas lembro o nome deles. Até cheguei a buscar informações sobre a minha família por um tempo. Eles nunca gostaram muito da ideia de eu ser menos do que uma dama, mas de vez em quando eu descobria alguma coisa sobre eles. Meus pais finalmente se divorciaram e meu irmão reprovou na faculdade de direito. Me sentia vingada em saber que eles também não eram perfeitos.

Olhei bem para Elizabeth. Todas sabíamos que ela guardava segredos, mas ela nunca tinha nos contado aquilo. Eu me perguntava o que Padma tinha que levou minha irmã a compartilhar aquilo com todas nós. Agora eu sabia que Elizabeth mantinha uma caderneta mental, algo que eu compreendia muito bem.

Aisling inclinou a cabeça.

— Só estamos dizendo que, mesmo que tenham se passado poucas horas, não é comum você lembrar tantos detalhes sobre si mesma.

Padma encarou bem no fundo dos olhos de cada uma de nós, preocupada.

— Então não sou saudável? Não sou como vocês?

— Como você se cortou? — Miaka perguntou.

Padma mal parou para pensar.

— Meu pai. Ele me bateu com uma panela.

Miaka assentiu, como se já desconfiasse que fosse algo do tipo.

— Você passou por muita coisa, Padma. Com certeza mais do que qualquer uma de nós. Mas pode deixar tudo isso para trás. Seu pai nunca virá atrás de você, e se vier, não vai sobreviver.

Uma expressão de dor tomou conta do rosto de Padma, e a garota o enterrou entre as mãos enquanto as lágrimas caíam. Fui logo até ela, e as outras fizeram o mesmo.

— Não quero lembrar — ela gemeu. — Não quero lembrar de nada antes de hoje.

— Não se preocupe — sussurrei. — Tudo vai embora. E estaremos aqui até isso acontecer.

Senti os ombros dela relaxarem, como se aquilo fosse muito mais do que poderia esperar.

— Vamos viajar — Elizabeth prometeu. — Você vai poder ver o mundo inteiro.

— E experimentar as melhores comidas — Aisling acrescentou com um sorriso animador.

— Todas aprendemos a língua de sinais para podermos nos comunicar mesmo no meio de uma multidão. Vamos te ensinar. Tudo vai ficar bem agora. — Acaricieei seu cabelo enquanto ela concordava com a cabeça, aceitando nossas palavras como se fossem presentes.

Fazia muito tempo que eu não pensava no quão sagrada era a nossa irmandade, como estaríamos uma ao lado da outra enquanto durasse nosso serviço. Naquele dia, pensei pela primeira vez depois de muito tempo no quanto era grata por isso.

Padma se adaptou melhor depois de alguns dias, e me afastei um pouco para que Elizabeth e Miaka pudessem contribuir na tarefa de ensiná-la. Sentei numa duna com Aisling enquanto as outras mostravam a Padma como conversar com a Água. Puseram os pés na arrebentação, e dava para vê-las gesticulando para explicar como Ela podia nos chamar em qualquer lugar mas nós precisávamos estar em contato para responder. Por sorte, o contato poderia ser feito por vários meios: a neve que cai, uma poça de lama ou até mesmo uma neblina bem densa podia levar nossas palavras até Ela.

— Nunca tinha visto as meninas serem tão responsáveis — comentei enquanto brincava distraída com a areia seca e o mato diante de uma daquelas pequenas cercas que ajudavam a prevenir que o vento varresse tudo.

Aisling riu.

— Acho que o sofrimento de Padma faz com que minimizem o de si mesmas. Não que suas tristezas e arrependimentos não sejam importantes, mas o coração ferido de Padma as aproxima.

— Acho que tenho sido egocêntrica. Sabíamos que Miaka era maltratada e que a família de Elizabeth parecia não se importar muito com ela. Essa segunda vida foi uma bênção para as duas, mas eu a trato como uma prisão.

— Em certo sentido é uma prisão — ela disse em tom pesado.

— Mas é pior para mim. Ou pelo menos é o que sinto.

— Por que você acha isso?

Balancei a cabeça.

— Minha família não era como a delas. Era rica. Mesmo quando todos estavam em crise, ganhávamos dinheiro. E sempre fui tratada como alguém especial. — Franzi a testa, procurando lembranças perdidas havia muito tempo. — Eu era a mais velha, a única garota. Acho que havia expectativas, mas nada que me perturbasse. Acho que éramos felizes, no geral.

— Sinto muito por sua vida ter sido tão infeliz desde então — ela disse baixinho.

Suspirei, olhando para a Água.

— Kahlen, sou quem te conhece há mais tempo. Às vezes você chora por dias depois de cantarmos e acorda de pesadelos se debatendo. Observei você se retrair enquanto as outras floresciaam — ela disse, balançando a cabeça. — Só tenho mais algumas semanas. Ela disse que o próximo naufrágio vai levar meses para acontecer, e posso ir embora assim que quiser. Pedi um tempo para me despedir de vocês, ajudar Padma a se adaptar e me preparar.

Pisquei para conter as lágrimas.

— Não acredito que você já vai embora.

A alegria que tive ao ganhar uma nova irmã era tão grande quanto a dor de perder outra.

— Eu sei. Quase me assusta pensar que não vou mais fazer isso — ela disse, engolindo em seco. — Mas essa não é a questão. Kahlen, quero mais do que tudo ajudar você a encontrar uma esperança nesta vida, a ter tanta felicidade agora quanto teve antes de nos conhecermos. O que posso fazer? Não quero que você passe os próximos vinte anos sofrendo quando poderia aproveitar.

Senti meus olhos arderem.

— Não é só o trabalho. Isso já é ruim, mas... eu...

Aisling me abraçou.

— Por favor, me conte o que está acontecendo. Não vou te julgar nem trair sua confiança. Seja lá o que for, você não pode carregar esse peso sozinha.

Encarei minha irmã, me perguntando se eu podia finalmente confessar o que me apertava o coração havia semanas. Eu tinha enterrado Akinli tão fundo na minha mente, pensando que a única maneira de aliviar a saudade era diminuí-lo o máximo que podia. Mas ali estava uma chance de falar, afinal. Aisling iria embora logo, e a lembrança dessa conversa desapareceria junto com ela.

— Estive guardando isso comigo — confessei. — Não quero que as outras saibam.

— Se você quer contar seus segredos mais profundos e obscuros para alguém, acredite, ninguém será melhor do que eu.

Assenti.

— Um garoto.

Aisling riu.

— Querida, várias sereias ficam com garotos.

— Não, não é passageiro... — eu disse. — Acho que é amor.

— Ah. — Ela desanimou. — Puxa, Kahlen...

— Pois é. — Me encolhi sobre a duna de tão idiota que me sentia. — Disse a mim mesma que era só uma paixãozinha. Tudo começou e acabou em dez dias. Como poderia chegar a ser amor? Mas penso nele todos os dias. Eu o expulso da minha cabeça quando entro na Água, porque sei o que Ela diria.

— Nada de mães nem de esposas. Ela não ia querer que você amasse alguém — Aisling comentou, com um quê de amargura na voz.

— Exatamente.

Houve um momento de silêncio; não ouvimos nada além do vento e das ondas. Eu sabia que Aisling queria ajudar, mas o que poderia fazer? Eu conhecia as regras.

— Me conte sobre ele, sem me dizer o nome. Por que acha que é amor?
Sorri sem me dar conta.

— Você já foi vista por alguém? Vista *de verdade*? Sei que as pessoas são atraídas pela nossa beleza, mas parece que ele deixou isso completamente de lado. Ele me fez sentir que todo o mal que eu já causei pode ser apagado, que existe algo bom em mim. E nada o deteve. Aisling, juro pra você que ele nem se importou com o meu silêncio. Ele adivinhava as coisas que eu ia dizer e respondia, ou dava um jeito para garantir que eu pudesse me comunicar. A pior parte... — Apertei os lábios para não chorar. — A pior parte é que daqui a vinte anos vou esquecer até que senti isso. E se voltar a sentir, não sei se gostaria que fosse por outra pessoa. Sei que é ridículo pensar que algo tão breve seja capaz de mudar a vida de alguém, mas é o que sinto.

Aisling passou a mão pelo meu cabelo.

— Acredito em você. Já me apaixonei também. E foi uma questão de minutos.

— Como você ainda lembra? — Ri baixo, mas logo em seguida encarei Aisling com olhos arregalados, incrédula. — Você... Você tem um namorado?

— Não — ela disse com firmeza. — Tenho uma filha.

Fiquei sem palavras.

— Bom, eu tinha uma filha — Aisling recordou, sorrindo. — E depois tive um neto, que já tem uma idade avançada. E agora tenho uma bisneta. — Os olhos dela marejaram com lágrimas de felicidade. — Inclusive, ela tem meu nome.

Balancei a cabeça.

— Como...?

— Sou reservada. Protejo tudo até na minha própria cabeça. Quando o navio afundou, lutei pela minha vida, mas acho que queria tanto proteger Tova que ela permaneceu escondida demais na minha cabeça, então nem a

Água conseguiu enxergá-la. Não pensei em nada a não ser sobreviver. Mais tarde, dominei a técnica de guardar o segredo dEla. Afastava os pensamentos a respeito de Tova quando estava com Ela, assim como você fez com os desse garoto. E como desejei muito me manter apegada a Tova, não a esqueci.

Aisling estava radiante, orgulhosa de guardar para si esse segredo monumental durante um século.

— Você era casada? — perguntei, ainda em choque.

— Não — ela disse no ato. — O pai de Tova foi embora. Disse que me amava, mas desapareceu assim que contei sobre a gravidez. Não lembro mais o nome dele.

Aisling engoliu em seco e tentou resgatar mais lembranças.

— Meus pais me expulsaram de casa, envergonhados. Me mandaram para a casa dos meus tios, no norte. Eles não tinham filhos e me receberam com alegria, apesar da minha desgraça. E quando Tova chegou — Aisling suspirou —, o mundo inteiro ficou mais colorido. Fiquei feliz pelo pai não a querer, porque assim ela seria toda minha. — A alegria dela se transformou em tristeza quase instantaneamente. — Recebi uma carta dos meus pais querendo fazer as pazes. Tova e eu íamos viajar de barco a vapor e, se tudo corresse bem, nos reconciliaríamos com a minha família. Eu sabia que assim que vissem como ela era linda passariam a adorá-la. Esses eram os planos... Então Tova ficou doente. Parecia melhor na data da partida, mas não quis arriscar viajar antes que ela estivesse totalmente restabelecida. Com certeza foi a melhor decisão que já tomei na vida.

— Então ela sobreviveu?

Aisling confirmou com a cabeça.

— Cresceu com o meu tio e a minha tia. Não sei por que meus pais não ficaram com ela. Não que eu pudesse perguntar. De tempos em tempos, eu voltava, escondia o cabelo com um pano ou me vestia de idosa. Assisti a minha filha crescer, se apaixonar e formar uma família. Vi toda a vida

dela, e não poderia querer mais que isso. Bom, pelo menos não deveria querer mais.

Aisling encarou a areia, vendo os anos e anos da vida dos outros contidos na vida dela. Talvez fosse a sereia mais extraordinária que já existiu.

— Estou te contando isso por diversos motivos. Primeiro, para que você compreenda meu plano de partida e garanta que ele vá até o fim. Segundo, para você ter certeza de que seu segredo vai me acompanhar para fora desta vida. E terceiro, para poder te explicar o que você deve fazer agora.

Eu não ousava ter esperança de voltar para Akinli de alguma maneira, mas se Aisling tinha feito tudo que acabara de me contar, talvez houvesse uma chance.

— A Água diz que não aceita esposas. Diz que não aceita mães. Fui mãe, avó e bisavó, e nunca falhei no meu serviço a Ela.

Absorvi aquelas palavras e vi os últimos oitenta anos sob uma nova luz. Aisling jamais esquecera do próprio passado. Manteve os vínculos da vida humana, se afastou de nós por um tempo para poder seguir a vida da filha, e mesmo assim cumpriu seu trabalho com tanta perfeição que a Água jamais questionou sua devoção. Aisling era a prova de que a Água nem sempre estava certa.

— Se o garoto é tão importante assim, você precisa aproveitar o que puder. Talvez não possa encontrá-lo de novo. E talvez tenha que suportar assistir ao casamento dele com outra pessoa. Mas pelo menos pode ir vê-lo. Tinja o cabelo de tempos em tempos, vista-se como se fosse mais velha. É possível observar alguém sem ser vista. Deixe-o viver a própria vida e se alegre por ele. Se você consegue ficar satisfeita com isso, então dê um jeito. Se não... — Ela balançou a cabeça a essas palavras. — Para o bem de todos, esqueça-o.

Fiz que sim, ciente de que ela sabia do que estava falando.

— Obrigada, Aisling. Você mudou tudo.

— Não conte a ninguém.

Segurei a mão dela e prometi:
— Nunca.



NA VÉSPERA DE NATAL, a Água nos levou de volta à Suécia junto com Aisling, como ela desejava. Minha irmã queria passar uma última noite na cabana que amava antes de ser transformada de volta. Eu e as outras a instalaríamos em sua nova vida do melhor jeito possível. Não havia muito que pudéssemos fazer depois que ela voltasse a ser humana outra vez.

— Então a gente vai deixar a cama para você esta noite — Miaka disse.
— E essas são as roupas que você escolheu?

Aisling observou a pequena mochila de couro que tinha posto no canto e o vestido e a meia-calça limpos que pendurou logo acima.

— São. — Sua voz era suave, cansada.

— Por que você está tão pra baixo? — Elizabeth perguntou, se contorcendo para admirar o brilho do seu vestido de sal. — Você deveria estar comemorando, não é? É Natal e você vai ganhar o melhor presente de todos! Não está empolgada?

Aisling assentiu.

— Claro. Só é estranho.

— Vou começar a cozinhar — Miaka disse. — Acho que uma refeição de primeira vai fazer bem a todas.

— Posso ajudar? — Padma perguntou, numa tentativa clara de encontrar um jeito de se encaixar no grupo. Imaginei como seria difícil para ela assistir à partida de uma irmã que só conhecera por poucas semanas.

— Claro! — Miaka respondeu. — Vou botar todo mundo para trabalhar!

— Kahlen não — Aisling disse. — Preciso dela por um momento.

— Como você quiser.

Aisling e eu trocamos nossos vestidos de sal marinho por algo mais convencional antes de sair. Reparei que ela tomava cuidado com cada movimento, como se estivesse se estudando.

Ela calçou uma bota de cano alto, pôs luvas e até chapéu, e me encorajou a fazer o mesmo. Percebi então que provavelmente descobriria mais segredos dela. A neve era apenas água congelada, então estávamos ligadas a Ela. Um dedo do pé que encostasse numa poça sem querer seria o suficiente para nos comunicarmos com a Água, quiséssemos ou não. Naquele dia, Ela permaneceria fora de alcance até Aisling decidir o contrário.

Nossa respiração pairava no ar sob o dossel de galhos que protegia nossa casinha. Aisling permanecia imóvel, com o rosto mais tenso a cada instante.

— Então, para que você precisa de mim? — perguntei.

Ela engoliu em seco, tentando sustentar o sorriso.

— Alguém tem que saber aonde me levar. Venha, tenho que cuidar de uns detalhes no caminho.

Aisling não parecia querer falar, então a acompanhei em silêncio; o ruído das botas na neve era o único som que produzíamos. Caminhamos por um bom tempo antes de avistarmos sinais de uma cidadezinha, uma área rural logo atrás da praia. Primeiro passamos por casas pequenas em fazendas enormes, depois por um punhado de lojas e alguns prédios, e por fim chegamos a uma bela praça central.

Depois de termos vivido em tantas cidades grandes, era difícil acreditar que ainda existisse um lugar tão rústico e rural como aquele. Pisca-piscas pendiam das árvores, e as vitrines das lojinhas estavam enfeitadas. As crianças corriam pela rua com seus casacos de lã, entoando canções natalinas como se fossem gritos de guerra. O cheiro de canela e frutas

cítricas preenchia o ar, e fiquei feliz por aquela ser a imagem que eu teria da última residência de Aisling.

Chamei a atenção dela e comentei na língua de sinais:

— Agora vejo por que você gosta daqui.

O rosto dela ainda estava coberto de tristeza.

— Parte de mim teme não gostar mais depois.

— Besteira. Aqui é a sua cara.

Perto dos limites da cidade, Aisling me deu dinheiro e me pediu para entrar numa loja de esquina e comprar flores. Fiquei confusa com o pedido, mas obedeci, voltando com flores vermelho-escuras cujo nome desconhecia. Ela me agradeceu e, com o ramalhete na mão, continuou avançando para longe do burburinho da cidade.

Aisling andava a passos firmes, como quem conhece bem o caminho. Eu a seguia à distância, sentindo que se tratava de solo sagrado para ela. Ao chegarmos diante do cemitério, ela fez uma pausa. Apoiada num poste, tentou reunir forças para seguir adiante. Havia pegadas na neve, prova de que as famílias visitavam os entes queridos no feriado. Ao chegar numa lápide um pouco judiada pelo tempo, Aisling parou, pegou as flores secas que provavelmente trouxera na última visita, e as substituiu pelas novas.

Examinei as datas e percebi que a filha de Aisling morrera havia vinte e seis anos. Tentei me lembrar exatamente do que estávamos fazendo naquele dia. Será que Aisling deixara transparecer em algum momento que estava passando pela coisa mais arrasadora para uma mãe? Como continuou a viver depois que Tova se foi?

Depois de um longo momento de silêncio, os ombros de Aisling começaram a tremer. Ela olhava ao redor, nervosa, e fiz o mesmo. Estávamos sós. Quando ela teve certeza disso, soltou um grito de angústia e eu corri para abraçá-la.

— Está tudo bem, Aisling. Ela viveu a vida dela. Graças a você.

— Não estou triste por ela ter partido — minha irmã disse entre soluços, secando as lágrimas. — Estou triste porque depois de amanhã não vou nem saber que ela existiu.

Aisling soltou um gemido dolorido e gutural, dobrou-se sobre a lápide da filha e se agarrou à pedra com fervor. Só então percebi que nos últimos cem anos aquele gesto era o mais próximo que ela chegara de abraçar a própria filha.

E ela jamais faria aquilo de novo.

Sempre pensei que o esquecimento seria uma bênção, mas naquele momento, por causa de Aisling, desejei que parte das lembranças pudesse permanecer.

Uma palavra chamou minha atenção e virei para a lápide ao lado da de Tova. Marcava a breve vida de Aisling Evensen. Me perguntei o que a família dela teria posto lá dentro para representar a garota que perderam.

Aisling esfregou o rosto e ajeitou o cabelo.

— Só queria dizer a ela que a amo pela última vez.

— Se a sua bisneta tem o mesmo nome que você, então tenho certeza de que ela sempre soube.

Aisling sorriu de leve.

— Obrigada.

Ela encostou a cabeça na minha e permanecemos assim por um minuto. Não conseguia nem imaginar todos os pensamentos que passavam pela cabeça de Aisling, e a minha única esperança para o que restava da vida dela como sereia era tornar tudo simples e indolor.

— Estou pronta — ela sussurrou.

Levantamos juntas e começamos a caminhar. Aisling não olhou para trás.

— Há um colégio interno na cidade. Quero que me deixem lá.

— Num colégio interno? Tem certeza?

— Sim — ela confirmou, mantendo o olhar adiante enquanto falava. — Vocês vão ter que escrever uma carta para mim, explicando por que

tiveram que abandonar a irmã. Juntei dinheiro suficiente para dois anos de mensalidade, o que é mais do que preciso. Espero que a população me aceite quando me formar, para que possa encontrar trabalho por aqui.

Achei o plano dela tão... comum.

— Você não tem outras paixões ou interesses? Não há outra coisa que você queira?

Ela fez que não com a cabeça.

— Minha bisneta dá aula nessa escola. Só quero ter a chance de ser sua aluna e viver e morrer onde a minha família viveu e morreu. Qualquer coisa além disso é mais do que suficiente.

— Você se escondeu tão bem assim esse tempo todo para ninguém notar?

Ela finalmente riu.

— Passei bastante tempo com vocês, e morei em outros lugares. Só visitava esta região uma ou duas vezes por ano. Sem falar que me reinventei mais do que você imagina. Além disso, a cidade não é tão pequena para todo mundo conhecer todo mundo. Se você fica na sua, é fácil se misturar.

— Você vai ser a maior surpresa do Natal — especulei.

Ela sorriu.

— Vejo as garotas de lá, e algumas parecem tristes por ter que ficar o ano inteiro no mesmo lugar. Não têm para onde ir nas festas de fim de ano. Acho que vai ser bom se uma pessoa nova chegar no Natal. E depois que ouvirem a minha história, talvez se sintam gratas pela vida que têm.

— Como assim?

Ela deu de ombros.

— Vou ser a garota sem família. O que quer que elas estejam passando não pode ser pior que isso.

Havia um quê de orgulho na voz dela, como se ela estivesse feliz por dar isso aos outros embora soubesse o quanto as pessoas comentariam.

— Estou realmente impressionada, Aisling. Com seus planos, com o modo como viveu sua vida. Não consigo acreditar que é possível.

— Agora você sabe que é — ela respondeu com um sorriso. — E por falar nisso, já decidiu se vai tentar algo parecido?

— Não, ainda não. Tenho a impressão de que, se tentasse, até poderia ser tão esperta quanto você, mas não sei se conseguiria ser tão forte.

Ela me abraçou.

— Você tem mais força do que imagina. Confie em mim.

Chegamos perto da cidade e nos calamos. Aisling apontou para o colégio interno, indicando a porta que poderíamos usar. A escola até que era bem bonita, com paredes brancas e janelas altas. Algumas garotas de uniforme estavam sentadas nos degraus, enfrentando o frio com copos de sidra quente, e imaginei Aisling naquele mesmo lugar, rindo com as amigas. Esperava que ela nunca ficasse triste por acordar sem lembranças.

Pelo bem de Aisling, tentei tornar aquela noite a mais alegre possível. Não lhe demos presentes, sabendo que ela não poderia levar muito consigo, mas a enchemos de comida antes que todas entrássemos juntas na Água.

— *Adeus, Aisling. Você me serviu muito bem.*

— *Estou feliz por achar isso* — minha irmã respondeu cheia de gratidão.

— *E obrigada pela vida maravilhosa. Foi mais do que eu poderia pedir.*

— *De nada. Está pronta?*

Aisling engoliu em seco.

— *Sim.*

— *Feche os olhos.*

Ela fechou, mas eles se abriram esbugalhados um instante depois, quando o líquido transformador foi removido. Aisling se debateu e levou às mãos ao pescoço como se estivesse tentando se desvencilhar de um

estrangulamento. Os braços e pernas se agitavam com violência, até ela enfim desmaiar. As garotas e eu nadamos para tirar logo seu corpo inconsciente da água.

Diretora Strout,

Por favor, tome conta da nossa amada irmã, Aisling. Por motivos que não podemos comentar aqui, fomos forçadas a nos separar. Na mala dela, a senhora encontrará dinheiro para as mensalidades. Assim que Aisling for matriculada, temos certeza de que a senhora verá que se trata de uma aluna brilhante e aplicada. Temos consciência de que nosso pedido é um pouco incomum, mas imploramos que o aceite, por favor. É o melhor que podemos fazer por ela.

E, para Aisling, nossa guia e fortaleza, por favor, siga sua vida sabendo que é amada com um amor maior do que a maioria das almas conhece. Desejamos a você toda a felicidade e esperamos que você caminhe com uma alegria completa e imaculada.

Você sempre estará em nossos corações.

Com amor,
Suas irmãs



AS OUTRAS VOLTARAM PARA A ÁGUA, mas eu fiquei observando, escondida atrás de um arbusto perto da escola, até Aisling despertar. Ainda não havia amanhecido quando ela acordou sobressaltada, claramente desorientada. Chorou um pouco e, depois de um tempo, alguém a ouviu. Abraçando forte a si mesma, Aisling foi conduzida para dentro do colégio por uma mulher mais velha.

Com ela segura lá dentro, comecei a caminhar. O cemitério estava deserto na manhã de Natal. Ajoelhei diante do túmulo de Tova e arranquei algumas flores do ramalhete que tínhamos deixado lá no dia anterior. Achei que ela não se importaria em compartilhá-las com a mãe.

Deixei-as no túmulo de Aisling, consciente de que aquela garota tinha partido de verdade. Subi o capuz quando a neve começou a cair e fui em direção à Água.

Nadei de volta à Carolina do Sul me sentindo só. Já tinha visto Marilyn e Nombeko passarem pela transformação, mas a sensação foi diferente dessa vez.

— *Claro que foi* — a Água disse, lendo meus pensamentos. — *Foi ela quem acompanhou você por mais tempo. Miaka sentirá o mesmo quando for a sua vez.*

— *Faz sentido. A minha sensação é que vai sempre faltar alguma coisa a partir de agora.*

— *Ela se isolava tanto que tenho certeza de que, quando você chegar em casa e continuar a ensinar Padma, vai ter a impressão de que nada mudou.*

— *Espero que sim.*

Em casa, todas estavam em clima de festa e trocavam presentes entre si.

— A sua pilha de presentes está ali — Miaka cantarolou, implorando que me juntasse a elas.

— Eu sei. Também tenho alguns para vocês, mas antes preciso vestir uma roupa seca. Guardem biscoitos para mim.

— Não vou prometer nada — Elizabeth gritou.

Rindo, fui para o quarto tomar banho e me trocar, tentando me livrar da tristeza pela perda de Aisling e me preparar para tudo o que estava por vir. Era Natal, no fim das contas, e decidi me dar um presentinho.

Resgatei meu celular do fundo do baú de madeira e o liguei pela primeira vez em meses.

Fiquei encantada ao ver que havia mensagens não lidas.

As duas de Akinli da nossa última noite juntos ainda estavam lá, mas outras chegaram. A primeira delas era de uns dias depois:

Confeiteira! Está por aí? Desculpa se fiz algo de errado. Passa na biblioteca um dia desses.

Essa me deu uma pontada de culpa. Odiei que ele se culpasse pela minha fuga. Suspirando fundo, fui para a seguinte:

Ei, você está aí? Precisava de um bom ouvido agora. Mande mensagem se puder.

Observei aquela por um tempo. Eu gostava quando Akinli falava de amenidades, e queria ter estado ao lado dele para ouvir se ele precisava de verdade. Engoli em seco e prossegui.

Desculpa, sei que isso é meio aleatório. Mas comi bolo hoje. Estava horrível. Enfim, espero que você esteja bem.

Era a última, de um mês antes. Aquelas palavras me fizeram sorrir. Estava feliz por serem apenas cinco mensagens e não uma para cada dia que passamos afastados. Eram suficientes para me mostrar que ele pensava em mim de tempos em tempos. Talvez se lembrasse de mim mais para a frente como a garota que ele conheceu uma vez e com quem fez um bolo e dançou *jitterbug*.

Esse pensamento me animou. Na nossa última noite, no corredor do alojamento, pensei que ele me esqueceria antes que eu o esquecesse. Agora eu tinha uma sensação de que mesmo depois que o nome e o rosto dele fossem apagados da minha mente, havia uma chance de eu não ser apagada da dele.

Nas semanas que se seguiram à partida de Aisling, as coisas começaram a voltar ao normal, mas não da forma que eu esperava. Embora eu amasse Padma do mesmo jeito que amava minhas outras irmãs, a presença dela na casa deixou de ser novidade, e voltei a passar cada vez mais tempo sozinha no quarto. Na verdade havia dias em que o humor dela parecia tão sombrio quanto o meu, e ficar perto dela só aumentava minhas angústias.

Tentei não pensar no próximo canto, que já estava chegando. Eu conseguia sentir a dor dEla, uma dor de fome. Ela aguentaria o quanto pudesse, por nós, mas não demoraria muito.

Tentei esquecer o futuro e me dediquei à pesquisa, vasculhando a internet em busca do último passageiro do *Arcatia*, e finalmente o encontrei: Robert Temlow, cinquenta e três anos, corretor de seguros. Uma foto do seu rosto magro e bronzeado foi para minha caderneta. Era a primeira vez que eu completava uma lista de passageiros. Fechei o caderno, pensando que me sentiria realizada ou satisfeita, mas nada veio.

Era o vazio de sempre.

Uma das minhas primeiras pesquisas tinha sido sobre sereias, poucos anos depois de eu ter sido transformada. Tinha tentado aprender tudo o que era possível sobre a minha nova vida. Desenterrei aquelas anotações antigas e as repassei mais uma vez.

Tinha encontrado uma riqueza de representações artísticas e mais contos do que poderia imaginar. No geral, havia alguma verdade neles. Várias fontes diziam que o número máximo de sereias era dois, enquanto outras diziam cinco, e de fato esses eram nossos limites. Era impossível fazer o trabalho sozinha, mas ter muitas de nós ao mesmo tempo aumentava as chances de sermos descobertas.

Muito do que li era absurdo. Ficava entediada diante das descrições de mulheres com corpo de pássaro, e os artistas que nos transformavam em fetiches me davam arrepios. Mas então pensei em Elizabeth, seduzindo silenciosamente os garotos para a cama, e percebi que aquilo não era tão incoerente.

Não havia qualquer menção ao nosso serviço à Água ou ao fato de as sereias não aceitarem sua condição de muito bom grado. Ninguém explicava como tudo começou. Não havia conselhos de como escapar da sentença. Eu tinha ficado tão desesperada no começo que ansiava por algum tipo de resposta. A Água se tornou a única verdade que eu conhecia. Nada além dEla fazia sentido.

Pus minhas anotações de lado e me joguei na enorme cadeira no canto, observando o mar. Percebi que sentia saudades de Aisling — uma besteira, já que ficávamos longe a maior parte do tempo mesmo. Talvez fosse apenas porque, por um curto período, ela foi a única que entendeu o que eu sentia e fez com que eu me sentisse menos isolada na minha tristeza.

Enquanto olhava para as ondas quebrando na praia, me peguei pensando se Akinli também fazia a mesma coisa naquele exato momento. Ele tinha dito que cresceu numa cidade de pescadores no Maine. Port Clyde. Talvez ele estivesse sentado com os pais, tomando chocolate quente e observando

as ondas rolarem sonolentas. Ou talvez estivessem no final de uma daquelas viagens obrigatórias de férias para ver os parentes nessa época do ano. Eu apostava que ele usaria um daqueles casacos horríveis que alguma tia-avó tinha feito só para não magoá-la.

Ou talvez já estivesse fazendo as malas, se preparando para deixar o inverno extremo do norte rumo ao clima temperado da Flórida. Talvez já tivesse escolhido a habilitação e estivesse tão empolgado para voltar às aulas que quase não conseguia se conter. Comecei a pensar se Neil teria se tornado alguém mais fácil de conviver ou se ainda deixava pilhas de lixo no canto do quarto.

Talvez, apenas talvez, ele fosse de vez em quando até a árvore onde nos sentamos para ver se eu apareceria por lá...

Estava tão cansada de chorar. Tão cansada de água salgada. Mas parecia inevitável — quando não estava nadando nela, ela inundava meus olhos.

Queria tanto ir até ele. Sentia que eu lhe devia um pedido de desculpas por ter saído daquele jeito, por não estar com o celular ligado quando ele precisara conversar... Enfim, por ter entrado na vida dele. E me doía sentir por ele essa coisa crescente e intensa sem saber se eu era correspondida.

Era coisa demais de uma vez só. Aisling tinha partido, mas eu ainda precisava guardar o segredo dela. Eu tinha uma nova irmã que parecia presa à vida passada como se ainda estivesse acontecendo. Eu amava e odiava a Água ao mesmo tempo. E a saudade de Akinli pesava sobre meus ossos inquebráveis.

Virei o rosto para a Água e me enfiei na cama. Não precisava dormir, mas queria que tudo parasse por um tempo.

Quando acordei — de um sono misericordiosamente sem sonhos —, ouvi minhas irmãs falando de mim na sala.

— Não é você que ela está evitando — Elizabeth disse, e pude notar pelo tom gentil da voz que se dirigia a Padma. — Ela fica assim às vezes.

— Ela serve à Água há mais tempo do que todas nós — Miaka acrescentou. — É difícil para ela. Só precisamos lhe dar espaço.

Me arrastei para fora da cama e observei as cortinas floridas, as fotos sem graça nas paredes, e de repente odiei tudo aquilo. Aquela casa parecia uma armadilha. Eu tinha fugido para lá para fugir do meu amor impossível por Akinli, mas não fugi de mim mesma.

Abri a porta do quarto e minhas irmãs se calaram quando me juntei a elas. Miaka e Elizabeth pareciam envergonhadas, e eu sabia que se perguntavam se eu tinha ouvido a conversa.

— Acho que é hora de nos mudarmos de novo — disse a elas.



O ANO-NOVO CHEGOU E FOI EMBORA, como todos os anteriores, e nenhum navio afundou. Veio fevereiro, e nenhum tsunami varreu ninguém para o mar. Março passou, e não houve enchentes. Quando entramos em abril, a inevitabilidade de termos que cantar de novo se tornou cada vez mais real, e uma melancolia familiar tomou conta de mim. A Água podia aguentar no máximo um ano entre dois naufrágios. A fome dEla crescia a cada lua cheia, e naquele momento já estava quase completando um ano.

Comprei uma nova caderneta e me preparei. Ouvia a fome da Água em cada onda que quebrava, em cada toque na areia. Era como uma dor minha, o que fazia sentido, já que Ela estava mesmo dentro de mim. Mas a ânsia de aliviar minha dor não tornava o próximo canto mais desejável.

— Para onde você quer ir, Elizabeth? Faz tempo que você não escolhe — Miaka sugeriu. Fui fiel à minha palavra, e daquela vez iríamos planejar juntas antes de encontrar uma casa nova.

— Eu voltaria para Miami, mas acredito que esteja fora de questão — ela respondeu, me encarando.

Era primavera, então Akinli já estaria de volta às aulas. Eu podia esconder o cabelo debaixo de um chapéu e comprar uma calça jeans. Se me mantivesse longe o suficiente, ele jamais notaria. Mas como ia me manter longe?

— Acho que não é uma boa ideia — comentei enquanto desenhava círculos no bloco de papel que usávamos de rascunho para nossas ideias. Não fui sequer capaz de escrever o nome da cidade.

— O que tem em Miami? — Padma quis saber.

— Praias — respondi rápido. — E você? Se pudesse ir para algum lugar do mundo, qual seria?

— Nova York! Quero ver a estátua — Padma respondeu com um braço erguido.

— A Estátua da Liberdade? — perguntei.

— Sim! Sempre quis ver! — ela confirmou, com os olhos arregalados e a cabeça inclinada para trás como se já pudesse visualizá-la. — Quando eu era pequena, disse ao meu pai uma vez que queria ir até lá para ver a estátua verde. Ele me deu um tapa e disse que tudo o que eu veria na vida era o interior da casa do meu marido, porque era só para isso que eu servia.

Quando terminou de falar, Padma se conteve por uns segundos antes de fechar a cara e as lágrimas aparecerem.

Tive a sensação de que quando Padma recordava os abusos, não era uma única lembrança que preenchia sua cabeça, mas dezenas e dezenas que se amontoavam até a garota arrebentar sob o peso das memórias. Era problemático para dizer o mínimo.

— Vocês disseram que eu ia esquecer. Por que ainda está aqui? — Padma perguntou, revoltada.

— Isso vai passar — Miaka prometeu, abraçando a nova irmã. — Mas se você se apegar, pode durar mais do que você quer. Você precisa se libertar.

Apontei apara Elizabeth.

— É por isso que ela lembra de mais coisas do que nós. E Aisling também guardava muitas coisas.

— Sério? — Miaka perguntou.

— Sim. Não comentava a maior parte, mas grandes pedaços do passado dela permaneceram — respondi, para em seguida pôr a mão sobre a de Padma. — Entendemos que o abuso do seu pai foi uma parte grande da sua

vida. É por isso que está impregnado em você desse jeito tão terrível. Mas vai ser mais fácil se você parar de dar importância a ele.

— Você acha que quero que ele tenha importância? — Padma gritou, se desvencilhando de nós com tanta força que derrubou a cadeira. Em seguida, ela nos encarou por um instante antes de nos dar as costas. — Aqui estou eu, linda, imortal... e só consigo pensar que ele vai se safar do meu assassinato. Ele nunca vai sofrer pelo que fez. É tão injusto!

— É terrivelmente injusto — Elizabeth concordou com raiva, voltando a segurar a mão de Padma. — Mas o melhor que você pode fazer agora é aproveitar sua nova liberdade. Ele nunca mais vai poder machucar você. Ele não tem mais poder sobre você.

Nova York era uma péssima ideia. Sim, havia bastante água ao redor, mas não ia ser muito fácil chegar a Ela sem sermos vistas. E mesmo na segurança de um apartamento, as paredes podiam não ser grossas o suficiente para isolar nossas vozes e proteger as pessoas ao nosso redor. Ainda assim, poderia aliviar um pouco a dor de Padma...

— Padma, você pode provar que seu pai estava errado pelo menos em uma coisa — comecei. — Quer morar em Nova York por um tempo?

Ela se voltou para nós.

— Mesmo?

Elizabeth sorriu.

— Claro. As irmãs mais novas escolhem a próxima cidade. É meio que uma regra — mentiu.

Padma cobriu a boca com as mãos, completamente chocada.

— Vocês não estão brincando comigo, estão?

— De jeito nenhum! — Miaka disse, já abrindo o notebook. — Vou ver se consigo encontrar um apartamento perto da água.

— Pode procurar fora de Manhattan — Elizabeth disse. — Ainda podemos ir para a cidade, tipo, o tempo todo.

— Algum nível de privacidade seria bom. Não queremos ser forçadas a tratar os vizinhos com grosseria para eles não nos incomodarem — eu disse. — E ainda temos que tomar muito cuidado para que ninguém nos ouça.

— Podemos encontrar um lugar de onde dê pra ver a Estátua da Liberdade todas as noites?

— Meninas! — Miaka disse, levantando os braços e abrindo um sorriso convencido. — Um pouquinho de confiança, por favor? Vou encontrar um lar maravilhoso para a gente.

Padma soltou um gritinho e começou a girar e girar, esquecendo temporariamente de todas as mágoas do passado. Dali a dois dias, dependendo de onde a Água encontrasse um navio, teríamos que cantar. Eu esperava que a promessa de uma nova aventura contrabalançasse a tristeza do primeiro canto e da vida que ela desejava deixar para trás.

— *Não olhe para os rostos* — aconselhei Padma no caminho para o local que a Água selecionara. — *Algumas pessoas vão gritar, o que é difícil ignorar, mas faça o máximo para se concentrar apenas na canção.*

Padma balançou a cabeça.

— *Mas não sei qual é a música.*

— *Ela simplesmente vem* — Miaka explicou. — *A Água diz quando você precisa começar, e é só obedecer.*

— *Consigo fazer isso* — ela disse. — *É só cantar?*

— *Só cantar* — confirmei.

O mar estava viçoso e morno. Fomos reduzindo a velocidade aos poucos, e Elizabeth tomou a frente e subiu para a superfície. O local em si já revelava o desespero dEla. Não havia tempestade para atrair o navio, nem rochas com que pudesse se chocar. Para qualquer lado que olhássemos não havia nada além da bela sombra tropical das nuvens e da longa linha do

horizonte. Exceto a silhueta solitária do navio que nos encontraria em breve.

Elizabeth virou para Padma.

— Tudo bem com você?

— Estou com medo. Não quero matar as pessoas.

Miaka se aproximou.

— Nenhuma de nós quer. Acho que nem a Água quer. Mas é assim que funciona: uma fração das vidas sustenta todas as outras. É difícil ver o lado bom porque você não o experimenta tão de perto, mas quando chegarmos a Nova York e você caminhar pelas ruas pela primeira vez...

Padma abriu um sorriso de orelha a orelha, e sua postura revelava que ela ainda mal acreditava que iríamos mesmo para Nova York.

Miaka retribuiu o sorriso.

— Apenas lembre que todas as pessoas que encontrar lá só podem viver por causa do sacrifício que você vai fazer agora. Você e eles — ela completou, inclinando a cabeça na direção do navio.

Padma fez que sim com a cabeça.

— Entendi. Estou pronta.

Assumimos nossos postos. Deite de lado na água, como Aisling gostava de fazer. Miaka se ajoelhou atrás de mim, balançando o vestido.

— Você fica comigo — Elizabeth disse, agarrando a mão de Padma. — A ansiedade é normal. Pode apertar a minha mão.

— Certo.

Sorri para Elizabeth, que estava ocupada demais observando Padma para notar. Tinha certeza de que seu lado selvagem ainda estava lá, que tinha hibernado em Pawleys Island e que despertaria com um rugido em Nova York. Mas era evidente o bem que Padma fazia a ela.

— *Como você está se sentindo hoje?* — a Água me perguntou.

— *Nervosa como sempre* — reconheci. — *Tentando pensar no que vai vir depois em vez de focar no que vai acontecer agora.*

— *Continue tentando.*

— *Estou.*

Mas já começava a imaginar que voz ou rosto assombraria meus sonhos, junto com os outros fantasmas que pareciam me seguir.

— *Cantem.*

Não precisei olhar para trás para verificar Padma; ela estava segura sob os cuidados de Elizabeth. Como sempre, a canção nos preencheu e jorrou para o céu vazio, como se despejássemos chá quente numa xícara. Observei o navio desviar a rota, à procura do som. Uns instantes mais tarde, tive certeza de que quem quer que estivesse no leme tinha enxergado a miragem inacreditável. *Quatro garotas!*, estaria exclamando. *Quatro garotas cantando no mar!*

Do nada, uma bolha enorme eclodiu do fundo do mar e quebrou a tensão da superfície, fazendo o navio se inclinar bastante. Houve um único rumor de gritos. Tapei os ouvidos e continuei a cantar, tentando acelerar o processo.

Apenas quando o navio estava quase em cima de nós, pendendo estranhamente para a direita, que o canto se tornou um novo tipo de pesadelo.

Não se tratava de um pesqueiro ou de uma balsa. Havia um tobogã que dava numa piscina no convés. Tudo que estava dentro do navio começou a tombar. Uma parede de pedra, uma tela de projeção... Era um navio de cruzeiro enorme. Quando baixei os olhos para a água na minha frente, encontrei rostos demais.

Os passageiros estavam vestidos com muita elegância. Uma jovem de vestido de cetim azul escorregou em silêncio sob as ondas; seu rosto trazia um ar de concentração alegre por escutar nossa canção. Ao lado dela, um homem de smoking mergulhou fundo e jamais reemergiu. Por todo lado, as pessoas se lançavam ao mar, e os vestidos finos e as calças sociais criavam uma cena grotesca contra o pano de fundo de tantas mortes.

Mas não percebi que se tratava de um casamento até avistar a noiva.

Um véu longo e branco flutuava em volta dela, e seu vestido rendado já estava encharcado e pesado. Os olhos dela estavam fixos nos meus, serenos sob a influência do nosso canto. Tive certeza de que pensou que aquele seria o dia mais feliz da sua vida, não o último. Era impossível dizer qual dos homens de smoking ao redor dela era o noivo; talvez ele já tivesse sido engolido pelo oceano.

De repente, senti náuseas. Aquela noiva havia encontrado o amor, como eu. Mas não haveria final feliz para nenhuma de nós duas. Abalada, parei de cantar.

Embora minhas irmãs continuassem, meu silêncio trouxe a consciência de volta aos olhos da noiva e ela começou a se debater na água.

— Michael! — a noiva chamou, olhando para os lados de maneira frenética. — Michael?! — ela me encarou novamente, com os olhos suplicantes. Quis desviar o olhar, mas me senti em dívida com ela, como se assistir à sua morte a tornasse mais digna. Lágrimas rolaram dos meus olhos.

— Por favor — ela disse, ainda me encarando. A voz dela era baixa, mas chegou até mim por cima do barulho do mar e do canto das minhas irmãs.

Sem pensar, comecei a caminhar sobre a água na direção dela, sem a menor ideia do que faria quando chegasse lá.

Antes que eu pudesse ir longe demais, Elizabeth correu e me derrubou. Então agarrou meu cabelo e virou o meu rosto para o dela. Sem jamais parar de cantar, me dirigiu um olhar cortante como uma navalha.

Comecei a lutar para me desvencilhar dos braços dela.

— Sai de cima de mim!

— *Cante*. — A voz da Água era rígida e urgente.

Elizabeth me forçou a ficar de pé.

— Cante! — minha irmã insistiu, interrompendo a própria canção. Atrás dela, as vozes de Miaka e Padma continuaram. — Não percebe que só está

piorando as coisas? Cante! Acaba logo com isso!

Corri os olhos pelas vítimas da nossa desgraçada beleza. Alguns dos convidados do casamento estavam recobrando os sentidos com a ausência da minha voz e da de Elizabeth.

— Por favor, Kahlen. Você está pondo todas nós em perigo!

Em vez de obedecer minha irmã, implorei à Água:

— *Salve-a! Há lugar para mais uma!*

— *Nada de esposas. Nada de mães. Você a condenaria a esta vida?* —
Eu podia ouvir a dor na voz dEla.

Parei. Não. Um século de assassinato era bem mais cruel do que uns instantes de medo.

Aninhei a cabeça no ombro de Elizabeth e recomecei a canção. Não conseguia suportar a visão das pessoas sofrendo, então me concentrei em Miaka e Padma. Havia emoções demais no rosto delas para que eu pudesse compreender: empatia, frustração, raiva, desconfiança.

Cantamos até o último grito se calar, até o navio repousar no fundo do mar. O silêncio que se seguiu era afiado, bem mais doloroso do que os gritos que eu acabara de suportar.

Miaka, com mais raiva do que jamais a vira demonstrar, me agarrou pelos ombros e me chacoalhou.

— Ela podia ter matado você! Já fez isso por muito menos! Como você foi capaz de fazer isso consigo mesma? *Com a gente?*

Não era a reação que eu esperava. Era para elas compreenderem. Eram as únicas que podiam entender.

Fechei os olhos.

— Estou cansada de tanta morte.

— Todas nós estamos cansadas de tanta morte — Elizabeth disse, e a aspereza em sua voz me surpreendeu. Havia lágrimas escorrendo pelo seu rosto, algo que nunca tinha visto acontecer, e fui tomada pela vergonha ao perceber que a culpa era minha. Padma também estava abalada.

Provavelmente por seus próprios motivos, mas outra camada de culpa me cobriu por criar confusão em seu primeiro canto. Elizabeth cutucou meu braço, me trazendo à tona. — Mas o seu serviço a Ela está quase no fim, então faça o seu trabalho.

Esperei a Água responder, dizer a Elizabeth que, sim, eu tinha cometido um erro, mas que ninguém sobreviveu para contar a história. Nosso canto tinha sido bem-sucedido. Mas a Água permaneceu calada.

Nunca me sentira tão sozinha.

Saí correndo e mergulhei para nadar em direção à costa.

— *Sinto muito* — ela disse.

— *Não importa.*

— *Não se isole agora. Não vai ajudar.*

Aumentei o ritmo, tentando me mover o mais rápido possível sem a ajuda dEla.

— *Não aguento ficar com elas. Não quero nem a minha própria companhia. Passei tempo demais me convencendo de que não sou má. Mas a verdade é que sou. É a maior verdade que conheço* — eu disse, dolorida por dentro. Eu tinha aberto mão de tanta coisa, e ver a noiva se afogar me fez entender tudo.

Eu não podia amar. Eu assassinava o amor toda vez que cantava.

— *Não. Você não é má. Tem o coração mais generoso que já envolvi. Na verdade, eu que sou má por te forçar a carregar esse fardo.*

Contive as lágrimas e cerrei os dentes, fervilhando de raiva.

— *Quer saber? Você está certa. Você é má. Você tirou tudo de mim. Não tenho família, não tenho vida. Não tenho sequer esperança. Você matou tudo de bom em mim, e A odeio por isso.*

O abraço dEla, quase sempre cálido e reconfortante, estava frio, como se quisesse se afastar de mim.

— *Sinto muito. Por tudo isso. Sinto tanto.*

— *Saia da droga da minha cabeça!*

Segui para a costa, vendo o brilho de um farol e o usando como guia até a terra firme. Me arrastei pela praia pedregosa sob a escuridão fresca da noite. Me afastei da Água e fui para a grama. Sentei abraçando os joelhos, exausta. Não conseguia esquecer a expressão de súplica e desespero no rosto da noiva. Quantas vezes mais eu teria que fazer aquilo?

Tinha sido uma vida tão longa... Não sabia quanto tempo mais eu conseguiria suportar, por quantas mortes ainda seria responsável. Não conseguia esquecer o rosto das pessoas que matei, e não me achava capaz de enfrentar mais vinte anos de morte. Tinha feito de tudo para me reconciliar com o que eu era, mas nunca, nenhuma vez sequer, estive em perfeita paz comigo mesma.

O que eu devia fazer? Talvez apenas pedir para a Água acabar com a minha vida. Meu coração estava morrendo. Talvez o corpo devesse segui-lo.

Balancei a cabeça, envergonhada por pensar nisso. De que adiantaria outra morte?

Tinha que existir algo além disso.

— Kahlen?

Havia coisas que eu imaginava ser capaz de lembrar caso tivesse uma segunda chance. Por exemplo, se eu pudesse abraçar minha mãe mais uma vez, depois de tudo, achava que seria capaz de reconhecer o abraço dela no meio de cem. E ali estava uma voz tão familiar como se eu a escutasse todos os dias, uma voz que nada além do fim da minha sentença seria capaz de apagar da minha memória.

Voltei o rosto em direção ao som, me perguntando se eu estava num conto de fadas ou se era ele quem estava.



EU NÃO TINHA ESCOLHIDO CONSCIENTEMENTE MEU DESTINO, mas de algum modo minha fuga desesperada para longe das minhas irmãs e da culpa me levava até lá — Port Clyde, no litoral do Maine. O lugar onde desejara estar, onde parecera impossível que eu pudesse chegar.

Akinli emergiu das sombras do farol e passou a me examinar com um olhar chocado e cansado ao mesmo tempo. Fazia apenas uns seis meses que eu o vira pela última vez, mas ele tinha mudado muito. O cabelo bagunçado estava quase chegando aos ombros, e ele tinha uma barba por fazer no queixo. A calça cáqui fora trocada por um jeans esfarrapado, e seus olhos carregavam uma tristeza quase tão pesada quanto a minha.

— Você está bem?

Será que eu não deveria fazer a mesma pergunta para você?

Fiz que não com a cabeça. Nunca tinha me sentido tão mal.

Pasmo, ele ajoelhou diante de mim como se tentasse compreender minha presença ali. Ele correu as mãos pelos meus braços à procura de ferimentos. Por mais infeliz que eu estivesse, a preocupação dele fez com que eu me sentisse minimamente melhor.

— Você está ensopada. Caiu de um barco ou algo assim? Por favor, me diga que você não resolveu nadar num vestido de formatura.

Fiz que não com a cabeça de novo.

— Parece que você não está sangrando. Acha que quebrou algum osso?
Não.

— Como você veio parar aqui? Não consigo entender, eu... — ele continuou a me observar. — Nem sei o que perguntar agora. Eu... Você tem algum lugar para ir?

Não.

Ele enfiou os dedos agitados na grama enquanto tomava uma decisão.

— Tudo bem, venha comigo.

Akinli levantou e me estendeu a mão.

Observei suas unhas crescidas, a terra ainda grudada nelas. Eu não devia estar perto daquele garoto. Tinha acabado de cometer um ato tão hediondo que, se pudesse usar minha voz, choraria por dias. Estava isolada das minhas irmãs, afastada da Água. E eu era tão, tão letal.

Mas o que mais poderia fazer? Dispensá-lo e dizer que estava bem quando era claro que alguma coisa tinha acontecido? Pular na Água, embora não suportasse ficar perto dEla agora?

Eu poderia ficar por uma noite. Assim que estivesse instalada, pensaria num plano. Então pus a minha mão fria na dele e o deixei me conduzir.

Examinei Akinli enquanto caminhávamos. A mão dele nas minhas costas me guiava até a sua casa, e o toque da sua palma cheia de calos era áspero, sinal de que ele não estava mais manejando livros, mas algo muito mais bruto. Ele parecia desgastado, pesado. Por que ainda estava aqui? Ele já devia estar na faculdade.

— A noite está bonita. Você não podia ter escolhido uma melhor para se perder. Quer dizer, olha só a lua. Noite perfeita para se perder, não acha?

Não consegui conter o sorriso. Era como se não tivéssemos passado tanto tempo afastados, como se eu não o tivesse abandonado com tanta frieza e desaparecido sem dizer nada.

— Pensei muito em você — ele continuou, sem me encarar. — Fiquei muito preocupado quando desapareceu. — Ele engoliu em seco. — Tentei

te encontrar, mas só sabia seu primeiro nome. A faculdade não tinha registro de nenhuma aluna chamada Kahlen e não te achei na internet. Era como se jamais tivesse existido. Ainda assim, aqui está você.

Meu corpo foi tomado pelo pânico, meu peito ficou apertado. Como eu seria capaz de explicar tudo sem criar um poço de mentiras no qual eu acabaria caindo inevitavelmente? Respirei fundo, tentando não perder o controle. Será que deveria apenas sair correndo? Se desaparecesse de novo, podia garantir que ele nunca mais me encontrasse.

Ele me observou de cima a baixo. O que será que sabia? No que estaria pensando? Sem dúvida, a verdade era absurda demais para ele cogitar. Mas eu sentia que ele tentava juntar as peças do quebra-cabeça da minha história e nenhuma delas encaixava.

Ele finalmente voltou a falar, num tom baixo e um pouco melancólico:

— Fiquei torcendo para você voltar à biblioteca.

Baixei os olhos e juntei as mãos num gesto de súplica, na tentativa de fazê-lo ver como eu sentia muito e como não quis magoá-lo.

— Tudo bem — ele disse mais animado. — Não estava irritado. Só preocupado. É bom saber que você não está machucada. Bom... Espero que não esteja. Vamos.

Fomos até um sobrado azul-pálido com persianas pretas. De um lado, parecia que os únicos vizinhos já tinham encerrado o expediente e a luz da TV oscilava contra as cortinas. Do outro, o terreno e a estrada faziam uma curva. Dava para ouvir o som das ondas quebrando na praia ali perto.

— Foi difícil não ter você por perto, mas não a culpo pelo sumiço. Eu mesmo sumi não muito tempo depois.

Olhei para ele, confusa. O que poderia ter acontecido? Subimos os degraus da varanda, e ele passou a mão no rosto como que para afastar a tristeza.

— Julie? — ele chamou ao abrir a porta. — Você pode fazer um café? Temos companhia. — Ele se voltou para mim. — Julie é a esposa do meu

primo. Era socorrista voluntária na faculdade, então você está em boas mãos.

O primeiro cômodo da casa era a cozinha, e eu não sabia muito bem o que Julie esperava ver quando dobrasse a esquina da sala de estar, mas ela parou assim que deparou comigo.

— Hum... oi — ela me cumprimentou e logo encarou Akinli. — Quem é ela?

— É a Kahlen, que conheço da faculdade. Eu a encontrei na praia perto do farol. Ela, hum, não fala.

Julie apontou para o meu vestido.

— Você a encontrou assim?

— É.

O treinamento dela entrou em ação num instante, e ela começou a tocar meus braços e a examinar minhas pupilas.

— Ela está congelando. Pode estar em choque. Vou correr lá em cima e pegar uns cobertores. Ben! Vem aqui! — ela gritou enquanto disparava pelos degraus.

Akinli me fez sentar numa cadeira gasta na sala. Depois, abriu um armário, jogou um edredom em cima de mim, voltou para a cozinha e revirou uma gaveta. Por fim, voltou com uma caneta e um papel.

— Aqui. Você pode me contar o que aconteceu?

Encarei o papel boquiaberta, imaginando se alguma resposta podia surgir para mim num passe de mágica. Por fim, escrevi: *Não sei*.

— Não sabe ou não sabe como dizer?

Chacoalhei a mão para sinalizar que era um pouco dos dois.

— Tudo bem. Quer que eu ligue para alguém? Família, amigos?

Fiz que não com a cabeça.

— Ninguém?

Baixei o olhar. Minha situação era bem complicada. Como explicar que ninguém estava à minha procura porque a minha única família era um bando de sereias que sabiam que eu não podia arrumar mais problemas do que já tinha?

Bem naquele momento, Julie reapareceu com Ben. Reconheci-o na hora das fotos no dormitório de Akinli. Ele tinha o mesmo queixo e os mesmos olhos, que usou para me analisar, e sua expressão confusa era tão cômica quanto a da esposa.

— Cara, o que está acontecendo? — ele perguntou a Akinli.

— Eu não fiz nada! Só a encontrei. Estou tentando descobrir um jeito de levá-la para casa, mas parece que ela não lembra de muita coisa. E ela é muda, o que complica um pouco as coisas.

Julie pôs a mão nos ombros de Ben.

— Talvez devêssemos avisar a polícia. Com certeza alguém está procurando por ela.

Balancei a cabeça com força e bati no papel para chamar a atenção deles. Escrevi: *NÃO. Sem polícia. Estou bem.*

Dirigi um olhar de súplica para Julie; já tinha percebido que ela exercia o papel de mãe na casa. Por sorte, ela arregalou os olhos para demonstrar sua simpatia.

— O que podemos fazer para ajudar? — perguntou. — Se não podemos chamar a polícia, podemos te levar para algum lugar? Um hospital?

Vou ficar bem, escrevi. Só estou meio perdida por enquanto.

Fechei as mãos, pensativa, enquanto Julie lia o que eu tinha escrito. Eu sabia o que queria, mas não sabia como pedir. Akinli voltou, distribuiu as xícaras de café e depois começou a ler minha resposta por cima do ombro de Julie.

— E se ela ficasse com a gente? — Akinli perguntou.

Julie levantou o olhar para ele, atônita, e Ben franziu a testa.

— Não sei se é uma boa ideia — ele sussurrou, como se minha mudez também me tornasse surda. — Não fico muito confortável com uma estranha em casa.

— Mas ela não é estranha — Akinli disse. — Eu falei para Julie. A gente se conhece da faculdade. Olha, eu até... — Ele pegou o celular e começou a batucar na tela. — Viu? Esta aqui é ela.

Quase tinha me esquecido da foto que mandara para ele, aconchegada e meio escondida na cama.

Ben fez uma careta, concordando que se tratava da mesma garota. Enquanto o ceticismo dele ainda era evidente, Julie amoleceu.

— Tem certeza de que vai ficar bem aqui? — ela me perguntou. — Não tem outro lugar em que você deveria estar?

Me sentia incrivelmente constrangida por me convidar para ficar na casa deles, mas não via outra opção àquela altura. Não podia sair andando no meio da noite como se nada tivesse acontecido, e não podia deixar que eles me entregassem para um policial ou paramédico.

E era altamente improvável que eu tivesse a chance de passar uma noite sob o mesmo teto que Akinli de novo.

Fiz que não com a cabeça. *Gostaria de ficar, se vocês não se importarem. Só por uma noite.*

Ela franziu a testa de preocupação, claramente apreensiva, mas assentiu.

— Se isso é tudo que podemos fazer por você...

Me senti frágil e vulnerável, assombrada pelo que tinha feito no mar, mas olhei para Akinli e sorri.

Depois de uma discussão sobre onde eu ficaria, Julie decidiu que era melhor eu dormir no quarto de hóspedes e tratou de preparar o sofá-cama e me trazer um pijama. Fiquei grata por vestir algo que não tivesse sido feito pela Água, embora a roupa fosse um pouco grande.

— Tem mais cobertor no armário se você precisar. É primavera, mas pode fazer frio por aqui. Não sei se você é da Flórida ou não, mas... enfim, é isso. — Julie gaguejou e preencheu o silêncio desconfortável com palavras. — Também deixei um copo e uma escova de dentes nova pra você no banheiro de baixo. Se precisar de mais alguma coisa, é só me avisar.

Fiz que sim com a cabeça, grata pela bondade dela. O melhor favor que Julie me fez foi me dar tempo, mas o fato de ela pensar em dezenas de outros detalhes me fez gostar muito dela. Ela assentiu e pôs as mãos na cintura.

— É meio estranho, né? — ela comentou, gesticulando para nós e depois para o quarto.

Abri um sorriso constrangido e concordei.

— Bom, estranhezas à parte, pode ficar aqui o quanto precisar. Qualquer amigo de Akinli é nosso amigo também. E não vimos muitos ultimamente — ela reconheceu, triste. — Então você é uma mudança bem-vinda.

Julie sorriu, e tive a sensação de que nós estávamos do mesmo lado, pelo menos por enquanto, o que me fez gostar ainda mais dela.

— Vou deixar você se preparar para dormir. Boa noite.

Quando ela fechou a porta, olhei pela janela ampla que dava para a Água. Ela estava me chamando.

— *Onde você está? Você está bem?*

Revirei os olhos. Não era como se eu fosse morrer. Ela sabia disso. Então A ignorei e vesti o pijama de Julie, dobrando as pernas da calça.

Saí do quarto e dei com Akinli no sofá, também de pijama. Fiquei tão feliz por vê-lo à minha espera.

— Ei! — ele disse, levantando. — Tem comida se você quiser.

Fiz o sinal de “não”, esquecendo que ele não sabia a língua de sinais. Mas ele lembrou do gesto do nosso encontro e continuou.

— O.k. Quer ver um pouco de TV? Se estiver cansada, pode ir direto pra cama, mas acho que eu vou ficar um tempo aqui.

À luz do abajur, notei sombras sob os olhos de Akinli. Ele parecia bem mais velho do que seis meses antes, mas a mesma solidariedade terna brilhava em seu olhar.

Eu não podia ficar, lembrei a mim mesma. Eu teria que partir pela manhã, voltar para minhas irmãs. Aquele seria meu último dia com ele. Eu não queria ir para a cama; queria passar cada momento que pudesse ao lado de Akinli. Talvez eu pudesse fingir, ao menos por aquela noite.

Assenti, e sentamos juntos no sofá. Me encolhi no canto, abraçando os joelhos; a intenção era esconder meu corpo, já que me sentia insegura demais com as roupas de Julie. Akinli entendeu errado e achou que eu estava com frio. Ele pegou um cobertor de trás do sofá e o estendeu sobre mim. Mal se deu conta do que tinha acabado de fazer, apenas ajeitou o cobertor e pegou o controle remoto para aumentar o volume.

O canal com certeza era focado em esportes, e a competição do momento envolvia homens gigantes em roupas apertadas.

Akinli notou minha expressão confusa e riu.

— É um concurso de força. Morro de rir com isso.

Assistimos aos homens carregarem geladeiras, erguerem pedras enormes e virarem pneus gigantes em corridas estranhas. Boquiaberta, eu observava as provas ficarem cada vez mais bizarras. Quando vi um homem empurrar uma carreta completamente parada até ela começar a se mover, já estava apontando para a tela, sacudindo o dedo como louca. Eu não conseguia acreditar que um humano pudesse ser tão forte!

— Eu sei, eu sei! — ele exclamou. — É loucura!

Concordei, com um sorriso bobo no rosto. Assistir TV nunca tinha sido tão normal.

Depois de algumas provas, Akinli baixou o som. Parecia nervoso e, dividindo os olhos entre mim e o aparelho, começou com as perguntas.

— Você passou bem? Desde outubro?

Ele me entregou o papel e a caneta de novo, mas a resposta era uma daquelas coisas que não podiam ser traduzidas em palavras.

Balancei a cabeça para os lados na tentativa de dizer um “mais ou menos”.

— Fiquei nervoso quando você sumiu que nem um fantasma — ele explicou, abrindo os dedos de repente como se eu fosse um lampejo de fumaça.

Mais uma vez, eu não tinha o que comentar. Akinli se ajeitou no sofá e por fim se virou o máximo possível para me encarar.

— Tudo bem, sei que você está, tipo, presa aqui esta noite, então talvez seja injusto perguntar, mas preciso saber. Fiz alguma coisa de errado?

Fiz um não convicto com a cabeça.

— Tem certeza? Porque pensei que a gente estava tendo uma noite ótima, e então você sumiu, e repeti aquele encontro várias vezes na cabeça tentando entender o que eu tinha feito.

Soltei um suspiro e ajeitei o bloco de papel na mão. A caneta pendia no ar enquanto eu considerava minhas palavras.

Com certeza não foi você.

Ele franziu a testa.

— Então outra pessoa incomodou você? Sei que era um bando de loucos, mas...

Fiz que não de novo e aponte a caneta para o meu peito.

— Você simplesmente tinha que ir?

Fiz que sim, um pouco envergonhada.

Ele franziu a testa de novo.

— Então foi só você? Ninguém te obrigou a ir?

Engoli em seco. As regras da Água foram o motivo, e a natureza profundamente possessiva dEla não saía da minha cabeça, mas tinha sido ideia minha. Certo?

Depois de um momento de reflexão, ele apertou os lábios, como se armazenasse a informação.

— Sabe, tem outra coisa — ele disse em tom solene. — Você não me falou qual é a sua cor favorita antes de ir embora.

Abri um sorriso e balancei a cabeça com a pergunta boba.

Muitas, mas principalmente a cor do outono.

— A cor do outono... — ele repetiu devagar. — Tipo, quando parece que tudo está em chamas.

Só que tudo está morrendo! A morte nunca pareceu tão bela.

Ele riu baixo.

— Ótimo argumento. Já eu prefiro um bom azul. Talvez por ter crescido perto da água. Que mais? Ah, comida favorita?

Fiz uma careta. *Bolo, óbvio.*

— Ah, não acredito que não percebi! Aliás, uns meses atrás eu estava numa loja e vi como essência de amêndoas é caro. Devíamos ter cobrado pelas fatias!

Que nada! Fiquei feliz por compartilhar.

— Bom, talvez não devêssemos ter sido tão generosos. O pessoal ficou me enchendo o saco pedindo mais comida até o dia em que saí de lá. Isso só pra você saber que partiu o coração de todo o segundo andar da residência Jabbison Hall. Ficaram desolados com a perda do bolo.

Eu gostava do tom de brincadeira de Akinli. Meu medo era de que ele estivesse com raiva ou amargurado. Saber que ele praticamente só sentiu preocupação tornava fácil ficar ao lado dele de novo. Fácil demais.

— Ah, aqui vai uma boa. Acho que diz muito sobre uma pessoa. Cheiro favorito?

Pensei por um instante.

— Respondo primeiro, se você quiser. Eu adoro o cheiro de grama recém-cortada. — Levantei os dois polegares para ele pela boa escolha. — Ouvi dizer que o cheiro é na verdade uma tentativa de a grama avisar que

está em apuros, o que me deixa um pouco triste, mas continua sendo muito bom.

Peguei o papel. *E o que isso diz sobre você? Gosta do ar livre? Anseia por liberdade? Corta grama de bom grado?*

Ele riu.

— Todas as anteriores. E você?

Passei para a próxima página do bloco. Só quando comecei a escrever me dei conta de que aquela lembrança tinha permanecido comigo. Foi como um presente especial depois de tanto tempo.

Flores. Não importa quais flores. Minha mãe gostava de ter flores frescas em casa.

— Nenhuma específica? Qualquer flor mesmo?

Fiz que sim.

O sorriso de Akinli se desfez quando ele leu a página pela segunda vez.

— Espera aí. “Gostava”? Ela não gosta mais?

Fechei os olhos, consciente do meu deslize. Não tinha a intenção de que ele soubesse daquilo.

— Sua mãe faleceu?

Baixei a cabeça para não cair na tentação de mentir e fiz que sim.

— E seu pai?

Fiz que sim novamente.

— Como? — ele sussurrou, quase como se tivesse medo de perguntar.

Me senti entorpecida ao lembrar do tapete e da minha mãe se olhando no espelho enquanto o navio virava.

Afogados.

Eu preferia pensar naquilo como um acidente, embora imagens do assassinato pelas mãos da Água ou do suicídio dos dois fossem as primeiras a me saltar na memória.

Ele deixou escapar uma espécie de suspiro, quase uma risada.

— Que loucura.

Houve uma longa pausa. Ele permaneceu sentado, olhando para tudo na sala, menos para mim.

— Umas semanas depois de você ir embora, recebi uma ligação da minha mãe. O que, como você sabe, não era surpresa, já que ela telefonava todo dia. Mas logo que ela disse “alô” percebi que alguma coisa não estava bem. — Ele fez uma pausa, engoliu em seco e começou a brincar com um fio solto do sofá. — Ela estava com câncer. Era bem grave, e eu quis voltar para casa na hora. Eles queriam que eu terminasse o ano, então chegamos a um meio-termo e voltei para as festas de fim de ano. Depois do Ano-Novo, meu pai insistiu para eu voltar para a faculdade. Eu não tinha muita certeza se conseguiria, por medo do que podia acontecer com a minha mãe. Não queria deixar meu pai sozinho, sabe?

Ele levantou o olhar para mim e eu acenei de leve com a cabeça. Eu sabia. Eu sabia como era ficar.

— Era para eu ter estado com eles — Akinli disse. Foi a única frase que consegui pronunciar antes de desviar o olhar de novo. — Minha mãe tinha uma consulta médica e meu pai ia levá-la. Era para eu ter ido também, mas minha mãe... Nunca vou esquecer. Ela me pediu para ficar. Toda vez que eu tentava discutir o assunto, ela insistia para eu ficar. Às vezes me pergunto se ela pressentia.

Ele encarou o nada, atormentado.

— Estava chovendo — ele continuou. — Às vezes as ruas aqui alagam quando a chuva é forte. A polícia não sabe ao certo se meu pai viu um alce ou se passou num buraco, mas ele bateu de frente com uma árvore.

Levei a mão à boca. Meus olhos marejavam.

— Estava me preparando para perder minha mãe, mas os dois de uma só vez... Não estava pronto pra isso.

Avancei um pouco pelo sofá e sentei mais perto dele.

Eu também deveria ter estado com os meus pais, escrevi.

Ele franziu a testa.

— Você quase se afogou?

Fiz que sim.

Ele soltou um suspiro.

— Parece que quase se afogou de novo esta noite. — Ele secou uma lágrima no canto do meu olho. — Parece que a água não é sua amiga.

Tentei controlar minha expressão. Não queria revelar que a Água era muito mais do que isso e ao mesmo tempo muito menos.

Estávamos entrando num terreno perigoso, no qual eu não poderia guardar meus segredos. E Akinli parecia incrivelmente cansado. Me senti culpada por mantê-lo acordado. Assim, aponte para o relógio, para mim e para o quarto, e o liberei.

— É, você deve estar certa — ele disse, apesar de estar tão hesitante quanto eu com a separação.

Atravessei a sala até o quarto de hóspedes e ouvi Akinli levantar quando cheguei à porta.

— Você vai ficar bem sozinha? Posso sentar lá com você se você quiser. Sei que a noite foi louca.

Ele tirou o cabelo comprido do rosto e olhei bem para os seus lindos olhos azuis. Já tinha sido bem difícil me convencer a parar de gostar dele seis meses antes. Mas naquele momento, vendo Akinli de um jeito tão familiar, tão à vontade, tão humano... era quase impossível pensar em sair pela porta no dia seguinte.

Mas, claro, eu teria que fazer isso. E, cedo ou tarde, teria que voltar à Água. Ainda devia dezenove anos a Ela. Quem Akinli seria em dezenove anos? Um marido? Um pai? E o que eu seria? Uma adolescente que passara o último século matando e fugindo, mas que acabara sem dinheiro, sem nome e sem propósito?

Fiz o sinal de “não” e foi um alívio ver que uma palavra entre nós não precisava de tradução.

— O.k. Bom, vou estar por aqui se você precisar.

Fiz que sim com a cabeça.

— E, olha... — ele emendou rápido, com as mãos nos bolsos da calça de moletom. — Apesar das circunstâncias estranhas, é bom te ver de novo.

Sorrindo, dei meia-volta e entrei no quarto.

Sem as piadas e os risos de Akinli para me distrair, pude mais uma vez ouvir a Água me chamar de volta. Eu estava a algumas centenas de metros do mar. Mesmo assim, era longe demais para Ela me encontrar.

— *Onde você está? Suas irmãs estão preocupadas. Volte, Kahlen. Volte.*

Deitei na cama, escutando-A chamar e chamar. O tom ansioso transmitia a imagem de que Ela estava andando de um lado para o outro agitando as mãos, como uma mãe que perdera o filho na multidão.

Bom, talvez Ela passasse a compreender como os amigos e parentes das pessoas que devorara ao longo dos anos se sentiram. Além disso, Ela era muito dramática. Para onde eu poderia ir? Eu não era nem capaz de morrer sem a ajuda dEla.

— *Volte. Onde você está? Por que não responde?*

A insistência dEla não tinha fim. Claro que eu voltaria. O que mais poderia fazer?

Ouvi a porta do quarto de hóspedes ranger. Fingi estar dormindo, na esperança de conseguir me passar por uma pessoa normal por mais algumas horas.

Senti uma mão cálida tocar minha testa. E depois minha bochecha. Mantive o teatro, apesar de o toque dele me deixar mais do que desperta.

— De que lugar do mundo você saiu, menina linda e silenciosa? — Akinli sussurrou. Depois de um longo momento, eu o ouvi sair do quarto na ponta dos pés e fechar a porta com cuidado.

Mordi o lábio, com vontade de chorar. Ele já tinha me tocado antes, mas a carícia na bochecha foi de uma ternura tão incrível que era quase impossível aguentar.

Na minha primeira vida, jamais cruzara com alguém com quem quisesse ficar, e não havia garantias de que encontraria uma pessoa assim depois do fim da sentença. Então por que naquele momento? Por que naquele tempo congelado e inútil alguém tinha que aparecer e me fazer sentir isso?

Eu não podia ficar com Akinli. E não podia sequer ter certeza da profundidade dos sentimentos dele, embora intuísse que sua curiosidade em relação a mim era tão grande quanto a minha em relação a ele. Estávamos fadados ao desastre.

Eu não podia ficar para sempre.

Mas talvez pudesse ficar por um dia.



QUANDO O SOL NASCEU, eu ainda estava acordada, pensando nos dedos calejados de Akinli sobre o meu rosto. Ouvi os outros acordarem e começarem a circular pela cozinha. Sentei na cama e olhei pela janela. A Água continuava chamando, mas eu ainda não estava pronta para encará-La. Ou para deixar Akinli.

— Então vou ficar no barco até de tarde, e preciso falar com Evan — Ben comentava com a boca cheia.

— Eu vou amanhã — Akinli prometeu. — Bom, estamos cumprindo as metas.

— Não tem problema. Sei que está *indisposto* hoje.

Sorri comigo mesma. Por um dia, Akinli seria só meu.

O barulho diminuiu; as portas abriam e fechavam, os carros vinham e iam. Depois de um tempo, eu só conseguia ouvir Akinli arrastando os pés pela cozinha.

Por volta das oito, ele bateu na porta e enfiou a cabeça pela fresta. Eu estava sentada na cama, e ele me cumprimentou com um sorriso.

— Bom dia, rainha do baile de formatura.

Olhei para o vestido do outro lado do quarto. Eu tinha que me livrar dele antes que desmanchasse.

Akinli entrou com dois pratos e sentou na cama comigo enquanto comíamos. O gosto da refeição estava bem mediano, o que me fez pensar que tinha sido preparada por ele. Visto o histórico desastroso dele como cozinheiro, admirei o esforço.

— Então, Ben e Julie vão passar a maior parte do dia fora. Você quer dar uma volta pra ver a cidade ou precisa ir a algum lugar?

Fiz que não com a cabeça.

— A região é bem bonita, totalmente diferente de Miami. Lembro que você disse que morou em vários lugares, mas já esteve no Maine?

Pensei por um instante. Não.

— Muito bem, decidi que vamos ter o melhor dia de todos. Está proibido acontecer alguma coisa ruim, e se acontecer, procuramos o lado bom. Acho que nós dois merecemos um dia legal, não acha?

Concordei.

— Ótimo. Queria te agradecer de verdade por me ouvir falar dos meus pais ontem à noite. Ben é como um irmão pra mim, e Julie, bom...

Arregalei os olhos e levantei as mãos.

— É, ela é a melhor. Estou muito feliz por terem me acolhido, mas, não sei... às vezes é difícil conversar com eles.

Eu dei uma cotovelada de leve nele para que entendesse que eu não me importava nem um pouco de ser seu ouvido amigo.

— E obrigado por falar da sua família também. Sei que não é um assunto fácil.

Dei de ombros. Era complicado demais explicar que sentia saudades da minha família e, ao mesmo tempo, mal me lembrava dela.

— Pode soar estranho, mas logo depois que nos conhecemos, pesquisei um pouco. Achei meio fascinante você poder ouvir, mas não falar. Descobri que as pessoas mudas que não são surdas geralmente não falam por dois motivos. Ou é um problema físico, língua deformada ou algo assim, ou é algum trauma emocional que impede a fala. Comecei a pensar se...

Fiz o número dois com a mão. Doía tanto falar. Cantar. Rir. Minha voz era mortal, e eu a odiava.

— O.k. Bom, vou torcer para que você possa falar de novo um dia. Tenho a sensação de que tem ideias suficientes para vários livros. Eu adoraria escutá-las.

O olhar dele era suave, e fui tomada pelo sentimento de segurança que o rodeava. Akinli me encarava com uma expressão de encanto no rosto, e, apesar da nossa dor mútua, sorri para ele.



JULIE HAVIA DEIXADO UMA CALÇA JEANS, uma camiseta e um cardigã para mim. Enquanto enxaguava a boca no banheiro, fiquei de frente para o espelho e me dei uma boa olhada. Meu cabelo tinha aquele leve ondulado da praia que algumas garotas tentavam fazer de maneira artificial; meus olhos eram brilhantes e cheios de expectativa. A condição de sereia parecia acentuar nossos melhores traços, mas naquele dia me achei naturalmente bonita. Me sentia jovem e maravilhosamente normal.

Desci a escada aos pulos e dei com Akinli sentado diante da TV, pronto para sair, vestindo calça jeans e camiseta de algodão. Notei que ele tinha se barbeado e prendido o cabelo num pequeno coque no topo da cabeça.

— Muito bem. Quer sair um pouco? Estou com a caminhonete — ele anunciou balançando as chaves.

Concordei entusiasmada. Não eram nem nove da manhã. Tínhamos o dia inteiro para nos divertir.

— Ainda não sabemos a causa ao certo — um âncora comentava na TV.
— Podemos estar diante de um novo Triângulo das Bermudas.

Não consegui desviar os olhos das imagens dos escombros, das cadeiras de praia e das flores flutuando no mar.

— As equipes de resgate ainda têm esperança de encontrar sobreviventes, mas até o momento, não há ninguém para dar qualquer informação sobre o que aconteceu. De acordo com relatos, o navio se desviou do curso e percorreu vários quilômetros em linha reta até o local do acidente antes de tombar de repente. O tempo estava limpo e não há

registros de pedidos de ajuda vindos do capitão ou dos tripulantes, então o naufrágio é realmente um mistério. Recebemos notícias de que alguns familiares estão publicando na internet fotos dos passageiros desaparecidos, mas com certeza a história mais comovente é a de Karen e Michael Samuels, que tinham acabado de se casar. Lamentamos a morte deles e de suas famílias e amigos, todos vítimas do naufrágio.

Arranquei o controle remoto da mão de Akinli e comecei a apertar os botões na tentativa de parar aquilo.

— Ei, ei, ei — ele disse, segurando minhas mãos. Segurei firme o controle enquanto ele virava para a TV e a desligava.

Minha respiração estava irregular. Normalmente eu teria achado aquela informação útil, algo que eu poderia escrever na minha caderneta. Mas era demais ver uma fotografia de Karen e Michael se beijando com os amigos comemorando ao fundo, vidas perdidas porque queriam estar ao lado do casal.

— Você está bem?

Engoli em seco.

Akinli me encarou. Meus olhos permaneciam fixos no aparelho desligado.

— Às vezes também acho difícil assistir ao noticiário. Há muito mal no mundo.

Fiz que sim.

— Mas quer saber de uma coisa? Isso nem aconteceu hoje. Aconteceu ontem. E hoje vai ser o melhor dia de todos, lembra?

Deixei a tensão abandonar meu corpo. O controle remoto saiu da minha mão e passou para a de Akinli. Ele tinha razão. Tinha apenas um dia, e eu jamais o teria de novo. Precisava afastar a tristeza ao menos uma vez. Não podia mudar o que tinha acontecido, mas podia escolher aproveitar aquele dia.

Fiz o sinal de “obrigada”.

— Hum, de nada? — ele chutou.

Eu sorri, assentindo, grata pela presença dele.

— Vamos, rainha do baile de formatura. Você não pode ter o melhor dia de todos os tempos se não entrar na melhor caminhonete de todos os tempos.

Sempre cavalheiro, ele me acompanhou até o lado do passageiro e abriu a porta para mim. No sul, abril era sinônimo de “preparem-se para usar shorts”, mas no Maine o inverno ainda pairava no ar. Uma fresta na janela nos proporcionava uma brisa maravilhosa durante o trajeto pela cidade.

— Bom dia, sra. Jenkins — Akinli saudou quando passamos por uma mulher sentada na varanda.

Ele cumprimentava ou acenava para quase todo mundo com quem cruzávamos pelo caminho. Parecia ser amigo de toda a cidadezinha, e essa energia melhorou meu ânimo. Contemplei a paisagem com uma fascinação renovada. Tinha passado muito tempo em cidades grandes ao longo dos últimos anos, e não estava acostumada com quintais de grama alta ou com terrenos vazios que davam para a praia. A tinta era sempre fosca, e eu não sabia se tinha sido uma escolha ou se o sol a desgastara com o tempo.

— Alguma coisa aqui parece familiar? — ele me perguntou enquanto dirigia devagar por uma estrada longa e levemente sinuosa. — Qualquer coisa que faça você se lembrar de como veio parar aqui?

Passamos por uma igreja e por casas com decorações de metal no jardim. Barcos encalhados em bancos de areia esperavam que a maré alta os resgatasse. Notei vários anúncios de lagostas, como se ninguém soubesse onde encontrá-las.

Fiz que não com a cabeça. Era verdade. Eu jamais tinha visto aquela cidade na vida.

Ele balançou a cabeça.

— Você deve ter sido trazida pelas ondas então. É a única maneira de chegar a Port Clyde. Ontem foi um dia difícil no mar.

Fiz que não. Ele não fazia ideia.

Ele murmurava a melodia da música no rádio, soltando em voz alta algum trecho da letra de vez em quando, envergonhando-se logo em seguida.

— Nunca fui um bom cantor. Minha mãe que era boa.

Ele apontou para a beira da estrada. Duas pequenas cruzes de madeira estavam perto de uma árvore cuja casca machucada ainda estava fechando. Pensei que se eu tivesse que passar pelo local do meu naufrágio sempre que quisesse ir a algum lugar, meu coração encolheria. Mas Akinli sorriu como se ali estivesse um lembrete de que os dois viveram, não de que morreram.

Ele beijou rapidamente o indicador e o dedo do meio duas vezes e soprou, dando um simples “olá”. Enquanto passávamos pelo local, ele continuou animado, como se carregasse os pais consigo.

Quando finalmente chegamos ao fim da estrada, Akinli virou à direita. Por um minuto pensei que seguiríamos por mais uma estrada rural. Mas os sinais de civilização começaram a aparecer aos poucos: uma franquia de fast-food, uma loja de materiais de construção, um posto de gasolina iluminado com neon. Seguimos e seguimos até a estrada fazer um retorno e eu avistar a Água parada em mais uma baía. Eu ainda podia ouvi-La me chamar, uma súplica constante e suave, e me esforcei para ignorar. Eu voltaria para Ela logo. Por enquanto, acompanharia Akinli: o dia pertencia a nós.

Estacionamos. Virei para Akinli e ele respondeu à pergunta no meu olhar:

— Estamos em Rockland. É a maior cidade da região.

Quis descer da caminhonete antes que Akinli chegasse à minha porta, mas ele apareceu rápido do meu lado.

— Não é muito grande, mas é maior que Port Clyde. Pensei que a gente podia dar uma olhada.

Fiz o sinal de “sim” e ele o imitou.

— Já sei três sinais até agora. Acho que cedo ou tarde você vai precisar me dar umas aulas.

Assenti. Eu era a favor de qualquer coisa que permitisse nos comunicarmos.

— Então, aquilo ali é uma joalheria, ali tem uma sorveteria... Essa sorveteria só abre daqui a algumas horas, mas é boa demais. Com certeza vamos lá. Hum, os livros são por ali.

Bati palmas.

— Boa escolha. Vamos.

Era um dia de semana e as ruas estavam praticamente vazias. Eu já tinha ouvido pessoas relembrarem com saudade o charme das avenidas centrais das cidades pequenas. Naquele momento, passei a entender o fascínio delas. Havia um senso de intimidade, de previsibilidade. Eu apostava que aquela mesma avenida era palco de festivais, feiras de rua e desfiles de Natal.

Caminhei sonhadora até a livraria; só voltava à realidade quando meus dedos roçavam nos de Akinli sem querer.

Ele não dizia nada, mas ria um pouco.

— É aqui.

Um balconista simpático nos cumprimentou quando entramos. Diferente das livrarias enormes e enceradas das grandes cidades, aquela era bem rústica. Uma mistura de decorações preenchia as paredes, dando um ar íntimo e peculiar.

Instantaneamente comecei a correr os dedos pelas lombadas nas prateleiras, já apaixonada por cada um dos títulos. Os livros eram um porto seguro, um mundo separado do meu. Não importava o que

acontecesse naquele dia, naquele ano, sempre existia uma história de alguém que havia superado seu momento mais sombrio. Eu não estava só.

Não demorou muito para que eu encontrasse o destaque da loja: a seção de livros infantis. Lá havia uma casinha com dois travesseiros dentro, e um dos lados do teto funcionava como prateleira. Uma escrivaninha estava encostada do lado de fora, com uma caixa de correio onde as crianças podiam deixar e pegar cartas. Havia ainda uns cubos de plástico com palavras diferentes em cada face que serviam para compor poemas.

— Minha rainha! Seu palácio a espera! — Akinli cochichou, fazendo um gesto pomposo em direção à casinha.

Entrei engatinhando e tive que abaixar a cabeça para passar pela porta. Ajeitei um punhado dos livros espalhados no colo e Akinli pegou os cubos de palavras.

Ficamos espremidos naquele espaço limitado, e o calor dele irradiava para o meu corpo. Folheei histórias de piratas, vegetais zangados e aprendizes de bailarinas. Akinli girou os blocos nas mãos e começou a rir das opções.

Ele juntou quatro cubos no meu colo que formavam “o azul é excelente”. Fiz um sinal positivo para ele e formei “cheire este céu”.

Ele respirou fundo.

— Este céu é bom — comentou, voltando a revirar os cubos. — Você acha que as crianças sabem o que significa “melódico”?

Fiz que sim. Oitenta anos de observação à distância tinham sido tempo suficiente para eu descobrir que as crianças eram mais inteligentes do que as pessoas imaginavam.

— Nunca tinha pensado em como as palavras são curiosas. Tipo, a gente escreve e fala, mas quantas línguas existem no mundo? E ainda tem o braile. E a língua de sinais. É bem impressionante.

Concordei. Palavras, sons, comunicação. Meu mundo girava ao redor dessas questões. Delas e da Água.

— Você é fluente em língua de sinais, certo?

Fiz que sim com a cabeça.

Ele recuou um pouquinho para conseguir me observar.

— Conte uma história. Tipo, com sinais. Conte a história mais verdadeira que você conhece.

O rosto de Akinli estava repleto de expectativa e alegria. Olhei pensativa para o teto. Ele não ia entender nada mesmo... Então, na língua de sinais, disse:

— Tenho três irmãs: Miaka, Elizabeth e Padma. A Água é minha mãe, e briguei com ela. Isso é tudo o que lembro sobre mim. Sei que costumava haver mais, mas esqueci. No total, já vivi cem anos. Lembro de coisas estranhas, como as paredes do barco, e esqueço completamente de outras; nem sei se tive uma melhor amiga. Às vezes não sei mais pelo que vale a pena viver. Tento decorar as vidas que ajudei a tirar, mas não sei se isso me faz bem. E tento cuidar das minhas irmãs, mas acho que só isso não é o suficiente. Acho que ninguém seria capaz de existir por outra pessoa durante uma vida inteira.

Fiz uma pausa.

— Mas talvez seja possível. Quando se encontra a pessoa certa. Neste momento, estou pensando em viver por você. Só que você nunca, jamais iria saber.

Me esforcei para sustentar o sorriso no rosto. Não importava o que acontecesse, tinha decidido que aquele seria um dia bom.

— Tirando a parte em que você apontou pra mim, não entendi nada... mas foi bem bonito. Você me deixou com vontade de aprender — ele disse, levantando dois dedos. — É a segunda vez que você me inspira.

Franzi a testa, tentando lembrar o que poderia ter feito ou dito para inspirá-lo.

— Lembra quando a gente estava na Flórida e você disse que eu devia fazer serviço social? Pesquisei a área. Havia toneladas de coisas que

pareciam perfeitas para mim. Adoro crianças. Seria capaz de ajudá-las.

Fiz o sinal de “sim” várias vezes.

— Intuitiva. — Ele apontou para mim. — É isso o que você é.

Em seguida, ele começou a brincar com os blocos de novo, como se procurasse uma palavra específica. Peguei outro livro e permanecemos sentados ali, no silêncio mais feliz que já vivenciei.

Quando chegou a hora de ir embora, compramos o último livro que li. No caminho para a sorveteria, nossas mãos roçaram de novo.

Dessa vez, nenhum de nós se retraiu.



PEGUEI UMA COLHERADA GENEROSA do meu sorvete de menta com chocolate e fechei os olhos para saborear a doçura cremosa se espalhando pela minha língua.

— Eu avisei sobre o sorvete — Akinli disse. — Ouvi dizer que já fundaram religiões por causa disto aqui.

Além das lagostas, Akinli me dissera que a região também era famosa pelo sorvete. Logo vi por quê.

— Este sorvete era uma das coisas de que eu mais sentia saudade quando estava na faculdade. Assistir aos jogos com meu pai era outra. Quer dizer, eu podia assistir com qualquer um, mas era sempre mais divertido com ele. O cheiro da minha mãe... — Ele fez uma pausa e balançou a cabeça. — É estranho tudo o que está contido na sensação de estar em casa. E é estranho ter que mudar isso.

Quis gritar que sabia exatamente o que ele queria dizer. Que às vezes as coisas que nos davam a sensação de estar em casa nem eram coisas de que gostávamos. Que eu estava cansada da pele fria e do sal. Que tinha visto novas irmãs virem e irem embora ao longo das décadas, e isso tornava difícil prever como seria o futuro da nossa pequena família. Então era impossível ficar confortável por muito tempo em qualquer lugar.

— Como é a sua casa? — ele perguntou.

Revirei a memória, tentando encontrar um lugar onde eu realmente me sentisse em casa. Por mais tempo que tivéssemos passado numa região,

por mais cidades que tivéssemos visitado, nenhum lugar fazia eu me sentir segura.

Dei de ombros e enfiei a colher no sorvete. Eu lembrava de muita coisa, mas *lar* não era algo que eu pudesse definir.

— Tudo bem se você não quiser falar sobre isso. Um dia você vai construir novas lembranças, um novo lar — ele disse de maneira triste, mas ao mesmo tempo reconfortante. — Nós dois vamos.

Não queria me deixar levar pela sinceridade na voz dele, pela generosidade do seu olhar que prometia que todos os cacos da minha vida seriam unidos novamente. Era difícil resistir, e acabei cedendo.

Eu observava aquele garoto despretensioso, sereno, e pensava que ele não fazia ideia do quanto era extraordinário. *Você me passa tanta segurança*, pensei.

— Então, há muitas outras lojas para visitarmos por aqui, ou podemos voltar para Port Clyde — Akinli disse, conferindo as horas no celular. — Ben deve estar quase terminando o trabalho, e Julie só tinha uma cliente.

Franzi a testa.

— Ela é cabeleireira e maquiadora. Não tem uma clientela gigantesca na cidade, mas está disposta a viajar e é boa no que faz. Quase sempre tem alguma cliente. Hoje era um casamento, e quando há outros eventos formais, tipo festas de boas-vindas e coisa assim, ela está sempre ocupada — Akinli explicou. Depois, mordeu a bochecha e fez uma careta. — Às vezes ela faz testes em Ben e em mim.

Sorri ao imaginar os dois de sombra e blush.

Akinli pegou o celular e passou o dedo na tela.

— Aqui era um tipo de máscara hidratante.

Ele me mostrou uma foto dele e de Ben com uma meleca verde espalhada no rosto. Ben estava com uma cerveja na mão, e Akinli com um copo de leite. Posaram brindando, fazendo careta.

Precisei tapar a boca para conter o riso.

— Considere isso um sinal do quanto confio em você. Ninguém nunca viu essa foto. Só guardei para o caso de precisar chantagear Ben algum dia.

Batuquei com os dedos na mesa; o tá-tá-tá era o mais perto que eu podia chegar de soltar uma gargalhada.

Ele riu do som, olhou a foto de novo e balançou a cabeça.

— Os dois são ótimos. Estaria perdido sem eles.

Apoiei a mão sobre a dele, comovida por seu lado humano, sua capacidade de cuidar dos outros apesar da própria dor e pela pontinha de sorriso que permanecia em seu rosto mesmo quando não havia motivos para sorrir.

Akinli virou a palma da mão para a minha e enlaçou os dedos nos meus. Em seguida, apoiou a cabeça na outra mão e me encarou nos olhos. Assumi a mesma postura e comecei a analisar aquele garoto inacreditável.

Os olhos dele eram tão azuis. Fiquei um pouco sem ar quando foquei neles.

Akinli acariciou as costas da minha mão com o polegar.

— Vamos, rainha do baile de formatura. Vamos voltar para casa.

Ele não soltou minha mão. Não soltou para jogar o lixo, nem quando segurou a porta para um casal de idosos que procurava uma sobremesa, nem quando a calçada ficou tão lotada que precisei me encolher atrás dele. Ainda podia ouvir a Água me chamando, e a ignorei.

A volta para Port Clyde pareceu longa. Akinli não ligou o rádio nem puxou conversa. Era como se nos estudássemos. Quanto mais ele me observava, mais eu sentia que ele imaginava que havia algo sobrenatural em mim. Quanto mais eu o observava, mais me perguntava se ele aguentaria ser exposto a mim, ao meu domínio, por mais tempo.

Passamos pela residência dos artistas, pelos turistas entrando na única pousada da cidade e pela doce sra. Jenkins, que permanecia na varanda com um bule de chá.

Quando chegamos à casa, outro carro e uma lambreta já estavam na garagem, o que me fez concluir que Ben e Julie também tinham chegado. Subimos os degraus da varanda; Akinli estava com um olhar abatido e as mãos no bolso.

Ao abrir a porta, deparamos com Ben abraçando Julie por trás, e ela se contorcia de tanto rir.

— Um beijo! — ele exigiu.

— Você está fedendo! — ela protestou, batendo nele com uma espátula.

— Mas eu te amo!

Senti vontade de chorar com a beleza daquele instante. Os casais eram como sereias: criavam a própria língua, os próprios sinais e os próprios mundos.

Akinli limpou a garganta para anunciar nossa presença.

— Ah, nossa! Você parece bem menos aterrorizante quando não está ensopada e vestida como a realeza — Ben disse, rindo e aproveitando a deixa para dar um beijo na bochecha da desprevenida Julie. — Vou pro banho. Vejo vocês num segundo.

Julie o seguiu com um olhar carinhoso antes de soltar um suspiro e se voltar para nós.

— Estão com fome?

Akinli estufou a barriga e a esfregou.

— Estou cheio de sorvete, e você?

Fiz o sinal de “o.k.”, um gesto que sabia que ele iria entender.

— Ótimo. Só vou terminar isso para o Ben — ela disse, acrescentando, com os olhos em mim: — Você fica melhor nas minhas roupas do que eu.

— Como foi hoje? — Akinli perguntou enquanto pegava um suco na geladeira.

Julie ficou radiante.

— Maravilhoso! Os casamentos são os melhores trabalhos. Bom, menos aquele no começo do ano — corrigiu.

Akinli se virou para mim.

— Uns meses atrás, uma noiva jogou uma taça de champanhe na Julie.

Encarei Julie com os olhos arregalados.

— Ainda não sei direito como isso aconteceu — ela disse, rindo. — Lembro vagamente que tinha a ver com um curvex, mas quando as coisas começaram a voar, guardei o que era meu e dei o fora.

— Então nada do tipo hoje? — Akinli perguntou a Julie, mas com os olhos em mim. Tentei não retribuir o olhar.

— Nada. Alegria em todos os sentidos. O casal feliz já deve ser marido e mulher a esta altura — ela comentou ao conferir o relógio. — Ben teve uma boa manhã também. E encheu o tanque do barco. Você — ela disse, apontando o garfo para Akinli — tem que parar de sair com ele à noite.

Akinli fechou a cara.

— O quê? Como assim?

— Essas voltinhas pesam.

— Certo. E se eu soltar as armadilhas quando sair?

— Se você sair.

— Ah, por favooooor — ele gemeu.

Julie riu, e tive a impressão de que ela cederia. Ben provavelmente seria um pouco mais difícil de convencer.

Naquele momento tão comum, me vi à beira de lágrimas. Era renovador simplesmente ter uma amostra do que era uma família de verdade. E aquela — desfeita, mas remendada — era melhor do que qualquer outra que eu pudesse imaginar.

Ir embora seria mais difícil do que eu pensara. Por muitos motivos.

Akinli voltou a me encarar. Sua intenção de descobrir meus segredos era clara como um cristal. Não sei quando ele deixou de desconfiar e começou a ter certeza de que algo não estava bem.

E ainda assim...

Ele passou o braço ao meu redor.

— Julie, você tem horário esta noite?

Ainda sorrindo, ela fez que sim.

— Por que a pergunta?

— Kahlen e eu decidimos ter o melhor dia de todos os tempos, e acho que ela precisa de uma noite fora. Você pode ajudar com isso?

Ela seguiu o olhar de Akinli até mim. Seja lá o que tenha visto no meu rosto, sua expressão refletia apenas simpatia.

— Com certeza.



JULIE NÃO QUIS QUE AKINLI OU EU pagássemos pelos seus serviços. Em vez disso, nos mandou ir ao mercado — o único da cidade — fazer compras para ela.

— Ei, Akinli! Quem é a sua amiga? — perguntou o senhor no balcão.

— Kahlen. Uma amiga da faculdade. Vai passar uns dias aqui.

Uns dias?, pensei. *Você tem noção de como as últimas dezenove horas foram impossíveis?*

— Prazer em conhecer, querida — ele disse estendendo a mão.

Eu o cumprimentei e pude notar como a pele dele parecia papel de seda. Aquele homem nunca tinha sido pescador, com certeza.

— O Dip Net está lotado hoje à noite? — Akinli perguntou ao pegar um cesto.

— Não.

— Ótimo! Kahlen vai experimentar o melhor da nossa comida — Akinli respondeu, piscando para mim e se despedindo do velho com um aceno. Fiz o mesmo. — Já comeu lagosta? — ele me perguntou.

Abri um sorriso amarelo. Depois de me tornar sereia, a ideia de comer frutos do mar soava como devorar um parente distante.

— Por favor, diga que é brincadeira.

Abri um sorriso ainda mais constrangido.

— Sério? Kahlen, o que vou fazer com você? — ele provocou enquanto caminhava pelos corredores do mercado, parando para pegar *croutons* e sopa. — Você surge do nada na cidade como se fosse a coisa mais normal

do mundo, fala tanto que mal consigo pronunciar uma palavra, e depois ainda confessa o mais hediondo dos crimes! — Ele balançou a cabeça. — Não conte para Ben. Ele literalmente te chutaria de casa por isso.

Akinli sorriu consigo mesmo e correu a mão pelas prateleiras. Fiz o mesmo, apreciando o frio do metal. Adorei aquele mercadinho, o ambiente, o cheiro. Fiquei com vontade de voltar lá um dia.

— Ai! — Akinli gemeu puxando a mão com tudo. — Cuidado.

Quando ele estendeu a mão para me mostrar, vi um corte fino entre dois dedos. Olhei para a prateleira e vi uma parte quebrada e afiada que devia ter causado o machucado.

— Como está a sua mão? — ele perguntou esticando o pescoço para ver a minha palma.

Balancei a cabeça, sabendo que não haveria corte algum.

— Não, sério. Está tudo bem? — Ele pegou minha mão e a virou. Nada. Nem uma marca, nem uma gota de sangue. — Hum... Você é osso duro de roer — ele disse com um sorrisinho despontando nos lábios.

Ele me encarou, consciente de que eu deveria estar sangrando. Mas não havia qualquer traço de acusação ou medo na sua expressão, apenas curiosidade.

Ele suspirou.

— Infelizmente, sou um mero mortal. É melhor arranjar um curativo. Ei, Kurt! Você precisa consertar a prateleira aqui no fundo.

Com cuidado, recolhi a mão, e ele virou para o corredor seguinte à procura de produtos médicos. Passei um instante sozinha, tentando acalmar as batidas rápidas do meu coração.

Julie correu os dedos pelo meu cabelo quando ficamos diante da penteadeira do quarto dela.

— Que xampu você usa? Seu cabelo parece seda! — ela disse com inveja.

Eu precisava inventar novas expressões faciais que dissessem o que eu estava pensando o tempo todo. Como poderia fazer as bochechas dizerem que eu não lembrava e a testa expressar gratidão? Sentia falta das palavras.

— Muito bem, primeiro o mais importante: cabelo e maquiagem. O restaurante não é muito chique, então talvez seja melhor deixarmos de lado o seu vestido absolutamente maravilhoso. É um pouco acima do tom. Melhor você simplesmente pegar outra coisa do meu guarda-roupa.

Enquanto eu sorria, ela ligou o *babyliss* na tomada e abriu uma coisa que parecia uma maleta de pescador. Só que não havia iscas dentro. Em vez disso, estava repleta de pós, blushes, lenços umedecidos e tubos de rímel.

Não consegui evitar que meu queixo caísse com a quantidade de maquiagem que Julie tinha.

— Eu sei, eu sei. Preciso fazer uma limpa, mas acredite: já usei tudo pelo menos uma vez — ela disse, posicionando as paletas ao lado da minha bochecha para encontrar o tom certo. Parecia Miaka escolhendo tintas.

— Quero pedir desculpas — ela continuou, passando uma escova no meu cabelo. — Sinto muito se ficamos na defensiva ontem à noite. É estranho receber alguém que não conhecemos em casa.

Fiz um sim entusiasmado com a cabeça. A bondade deles ao me deixar ficar ainda me encantava.

— Mas é claro que Akinli confia em você, e seja lá o que aconteceu com você, quero que saiba que está segura aqui.

Nossos olhos se encontraram no espelho, e não vi nada além de compaixão no olhar dela.

— Para ser sincera, não ligaria nem se você fosse uma genocida.

Esperei que ela não notasse a tensão no meu corpo ao ouvir essa palavra.

— Qualquer pessoa capaz de fazer Akinli sorrir desse jeito... Ele fez a barba hoje e me pediu para cortar o cabelo — ela balançou a cabeça como se fossem coisas importantíssimas. — Sei que é tudo superficial, mas ele não tem ligado para muita coisa desde que os pais morreram. Você já sabia, né?

Confirmei com a cabeça.

— Que bom. Ficaria péssima se tivesse feito fofoca sem querer. — Ela segurou uma parte do meu cabelo de lado e puxou as mechas que ia encaracolar. — Não sei que tipo de amizade vocês tiveram antes, ou se foi mais que isso, mas parece que ele despertou hoje. Fazia tempo que não o via desse jeito.

Abri a boca, surpresa. Tudo antes tinha sido tão breve. Um conjunto de momentos que não pareciam nada se analisados em perspectiva.

Mas se era assim, por que eu pensava tanto nele? E por que eu surtia esse efeito sobre ele?

Naquele momento, pensei em quando Miaka e Elizabeth se encontraram pela primeira vez. Ficaram tão amigas que me fizeram acreditar que realmente tinham que se conhecer. No meu coração, queria dizer que Akinli e eu tínhamos que ficar juntos, mas afastei a ideia. Eu ia descobrir um jeito de ir embora de manhã. Precisava descobrir, pelo bem de todos.

Akinli puxou a cadeira para mim enquanto eu corria os olhos pelo restaurante, tão pequeno que eu não teria notado se ele não tivesse apontado. Boias pendiam do teto sobre o bar, e dava pra ver um pouco da cozinha. Pela porta lateral, um píer estendia-se sobre o mar, e o céu passava do cor-de-rosa ao violeta em volta dos barcos ancorados.

Estava apaixonada por Port Clyde. Era pequena, não tinha muito o que fazer por lá, mas transbordava personalidade. Ali eu via Akinli sob uma nova luz. Sim, ele devia voltar à faculdade, e sim, provavelmente foi bom

para ele conhecer uma cidade grande, mas ele era como uma engrenagem nessa cidadezinha, e me perguntei como as outras conseguiam girar quando ele estava ausente.

— Muito bem — ele começou. — Não sei dizer se você odeia frutos do mar ou se nunca experimentou.

Fiz um dois com a mão.

— E você está com coragem suficiente para ao menos experimentar a lagosta? — ele fez um biquinho e piscou várias vezes.

Abri um sorriso. Claro.

— Sem pressão, hein. Só acho que você vai adorar.

Fechei o cardápio e ergui os braços em rendição. Considerei o riso dele como uma grande conquista.

— Tudo bem então.

Enquanto esperávamos, Akinli deixou sobre a mesa o bom e velho conjunto de caneta e bloco de notas da casa dele. Eu ia sentir falta desse detalhe.

— Então, o que você está achando da minha cidade? Seja sincera — ele disse, apontando para o papel. — Quero um relatório completo.

A pergunta era tão pertinente que comecei a me perguntar se ele era capaz de ler meus pensamentos.

Ele me deu um tempo para registrar tudo e leu com atenção quando terminei.

Aqui é um lugar lindo. Gosto do ar rústico das coisas, do fato de você saber o nome de todo mundo. Passa uma sensação de paz. Ela é quase perfeita.

— Quase perfeita? Acha mesmo?

Fiz um sim entusiasmado. Depois de ter conhecido um lugar como aquele, onde as vidas se entrelaçavam e se cruzavam, foi fácil perceber por que todas as cidades grandes pareciam erradas para mim. O anonimato ajudava, claro, mas se você encontrasse o lugar certo, com as pessoas

certas, era muito melhor morar onde talvez você pudesse receber ao menos um aceno ao voltar para a casa.

— Fico feliz por você gostar daqui. De verdade.

Assistimos ao escurecer do céu pela janela, e eu não parava de pensar que tinha de sair dali a qualquer momento. Eu carecia de uma desculpa plausível, e não queria — *mesmo* — sumir de novo.

Minutos depois, uma lagosta vermelha e reluzente foi posta diante de mim, acompanhada de uma fatia de limão e de uma tigela de manteiga derretida. Fiz uma pausa. A sensação era estranha.

Você não é um peixe, lembrei a mim mesma. Você é uma garota.

Usando um martelinho, dois garfos e, de vez em quando, os dedos de Akinli, consegui tirar um pouco da carne de dentro da carapaça. No final, concordei que o trabalho tinha valido a pena, e ele me observou satisfeito lambe a manteiga do dedo depois de comer a lagosta até o último pedaço.

Eu gostava do ritmo da voz de Akinli, da contínua mudança de expressões enquanto falava. Ele me contou mais sobre crescer naquela cidade pequena, trabalhar no barco do primo, passar uma infância segura sob o amor dos pais.

Dividimos uma fatia maravilhosa de cheesecake e ele segurou minha mão quando saímos do restaurante.

— Só mais uma parada. Se você não se importar em fazer mais um passeio, claro.

Não conseguia imaginar mais nada para acrescentar àquele dia. Sabia lá no fundo que era hora de começar a inventar alguma desculpa. Se eu fosse minimamente racional, teria pedido para Akinli me deixar perto do mercado e se despedir de Ben e Julie por mim.

Mas eu o acompanhei.

Entramos no carro e atravessamos a cidade em questão de minutos, passando pelo farol, pela casa de Ben e por incontáveis florestas densas, até finalmente pararmos diante de uma casa com as luzes apagadas.

Akinli estacionou na frente da garagem vazia e suspirou ao tirar a chave do contato.

— Última parada da noite. Vamos.

A casa não era uma mansão, mas bem que poderia ser em comparação com todas as outras de Port Clyde. Dois andares, uma varanda que dava a volta na casa e um jardim amplo ao redor da escadaria frontal. Akinli mexeu no chaveiro até encontrar a chave certa e destrancar a porta, que dava para um cômodo vazio.

A lua estava cheia, mas não nos ajudou muito quando entramos. Olhei para Akinli que, com um sorriso, sacou um isqueiro do bolso. Em seguida, acendeu uma vela, depois outra e mais outra. De repente me dei conta de que não fazia ideia de onde ele estivera enquanto Julie me embonecava.

Eu o segui, observando seu rosto atraente à medida que os cômodos se iluminavam. A cada chama eu me apaixonava mais. Ele carregava uma vela na mão enquanto caminhávamos.

— Meu avô construiu esta casa — ele disse. — Era um velho rico, então enquanto meu pai cresceu trabalhando num barco, minha mãe cresceu com uma casa de férias no Maine. — Ele apontou para as paredes ao redor. — Acho que meu vô não gostou muito quando minha mãe veio passar um verão e decidiu não voltar mais, mas também acho que acabei apaziguando as coisas. Ele ficou bobo de alegria quando nasci e me paparicou até morrer.

Akinli fez uma pausa e abriu um sorriso.

— Vendemos a mobília depois que meus pais morreram. Eles tinham um dinheiro guardado, mas a maior parte foi para as contas de hospital da minha mãe quando o convênio os deixou na mão. Ia doer demais ficar com tudo de qualquer jeito. E tem mais — ele disse, indicando os fundos da casa com a cabeça.

Sáímos na varanda e descemos uma rampa. Ficamos perto demais dos gritos da Água. Tentei não ouvir as palavras dEla.

— Esta é uma das poucas casas que têm uma praia de verdade em vez de pedras — ele se gabou, rindo da própria afirmação. De fato, não havia nenhum pedregulho na areia, mas a praia devia ter menos de um metro de largura. — Está vendo a luz naquela direção? É o farol. Se caminhássemos pela praia chegaríamos ao centro da cidade.

Ele sorriu, voltou a olhar para mim e tomou minha mão.

— Gostou daqui também? — ele perguntou.

Levantei os olhos para observar a casa. Ela parecia ter vida mesmo sem moradores, e eu não podia negar a beleza da construção. Foi então que senti algo escorrer pela minha mão.

Quando olhei, Akinli tinha derrubado a cera da vela nos meus dedos.

— Hum... — ele murmurou, como se tivesse visto algo esperado. Ele voltou a me encarar. — Acho que a maioria das pessoas teria se queimado.

Engoli em seco. Não tive qualquer reação à dor.

— Ouça, Kahlen, não sou cego. Não sei o que pensar de uma garota sem sobrenome que não pode ou não quer revelar certos detalhes da vida, que não consegue falar e que não se corta nem se queima. Só tenho duas hipóteses: ou você é um problema ou *está* com problemas. Tenho um palpite de que é a segunda opção.

Mordi o lábio na tentativa de não chorar. Se a Água pudesse ao menos parar de gritar por um minuto, eu seria capaz de pensar. Eu *era* um problema. Um problema enorme para ele. Mas o que podia fazer?

Ele levou as mãos ao meu rosto.

— Não sou rico, Kahlen, mas tenho esta casa. Graças a Ben e Julie, juntei dinheiro para recomeçar a vida. Mas até você aparecer na praia, não sabia ao certo se havia algum sentido nisso. Se quiser ficar aqui, não vou deixar nada machucar você. Se quiser escapar do que aconteceu com você, seja lá o que for, vamos cuidar de você.

Perdi meu coração para ele completa e instantaneamente. Akinli não sabia direito o que havia de errado comigo, e mesmo assim queria que eu

ficasse. Ele não sabia o perigo que eu corria, mas estava pronto para enfrentá-lo por mim.

E quem eu era? Ninguém, na verdade. Só uma garota.

Mas ao olhos dele... Eu parecia muito mais que isso.

Em menos de vinte e quatro horas, eu tinha cometido alguns deslizes, mas conseguiria me sair melhor por Akinli. A Água e as minhas irmãs jamais precisariam saber dele. Aisling me ensinou isso. E se ele realmente me queria ao seu lado, compreenderia que talvez eu precisasse desaparecer por umas horas uma vez por ano ou até menos se tivesse sorte.

Se ele gostava de mim tanto quanto dizia, tanto quanto eu sabia que gostava, ele viajaria comigo antes que seus amigos e parentes comessem a fazer perguntas sobre as minhas anormalidades. Lá no fundo, acreditei pela primeira vez que era possível.

E então eu poderia viver por alguém de verdade. Porque, apesar de todo o silêncio e a morte e a inevitabilidade da minha vida, ele estaria comigo para equilibrar todo o resto.

Não era um conto de fadas, mas era possível.

Fiz que sim. Claro. Claro que eu ficaria.

— Sim?

Confirmei. Sim.

Com o meu rosto ainda entre suas mãos, Akinli me beijou. Foi breve, mas o suficiente para fazer fogos de artifícios explodirem nas minhas veias.

— Você me trouxe de volta à vida — ele sussurrou. Ele devia ter notado a expressão sonhadora no meu rosto, porque baixou os lábios até os meus de novo quase imediatamente.

Eu tinha esperado uma eternidade por aquilo. Esperaria tudo de novo se necessário. Meu destino era beijar aquele garoto, fui feita para estar em seus braços.

Todas as posturas cuidadosas que eu sustentara até então se desmancharam e eu o puxei para mim, desejando que existisse uma maneira de estarmos ainda mais próximos.

Éramos as estrelas. A música. O tempo.

Quando nos afastamos, eu estava tomada por uma tontura deliciosa. Me sentia diferente, como se até a pele grudasse nos ossos de outra maneira. Meu sangue de água salgada fervia dentro de mim, e eu estava mais viva do que nunca.

— Uau — suspirei.

Reconheci meu erro na hora. Os olhos de Akinli se apagaram e ele balançou a cabeça como se tentasse clarear a mente.

— Akinli! — gritei estupidamente na tentativa de quebrar o transe.

Ele perdeu o equilíbrio e caiu em cima de mim, mas logo se endireitou e começou a andar rumo à Água.

Corri atrás dele, agarrando-o, tentando detê-lo.

— NÃO! — gritei, mas ele sequer olhou para mim. Apenas continuou a avançar para Ela sem hesitar. Ele entrou na Água com passos firmes, e o segui tentando desesperadamente puxá-lo de volta para a terra. Ainda bem que não havia pedras naquela praia, senão ele teria se despedaçado nelas ao entrar cegamente no mar.

As ondas dEla saltavam pelos meus tornozelos, depois pelos meus joelhos. Puxei Akinli com toda a força, odiando a mim mesma por ter passado tanto tempo achando que era mais forte do que qualquer ser humano. Minha cintura ficou coberta pelo mar, e então meus ombros. Será que Água estava fria a ponto de fazer mal para ele? Minha pele era incapaz de avaliar. Puxei e puxei, porque tudo o que restava a Akinli era a capacidade de respirar.

E então, sem hesitar, ele mergulhou dentro dEla. Ainda assim, eu o segui.



A VOZ DELA SOAVA ALTO EM MEUS OUVIDOS.

— *Você não me respondeu! Suas irmãs ficaram preocupadas! O que andou fazendo?*

Ignorei a Água e passei os braços pelo peito de Akinli. Seus olhos estavam abertos, mas desfocados.

— *Deixe-o.*

Continuei a puxá-lo.

— *Não. Preciso levá-lo para a superfície* — pensei em resposta.

— *Ele ouviu a sua voz. Agora é meu.*

Eu não conseguia puxar Akinli para cima. Havia uma tensão, como se uma corda o prendesse no fundo arenoso do mar.

— *Eu imploro! Poupe-o!*

— *A morte dele dará vida a outros.*

— *Mas posso trazer mil vidas para você em troca da dele* — prometi. — *Por favor! Deixe-o viver. Por favor!*

Eu conseguia sentir que Ela ainda segurava Akinli firme. Os olhos dele estavam fechados, e o meu tempo se esgotava. O tempo *dele* se esgotava.

Entre meu comportamento durante o último naufrágio e o risco de expor nosso segredo, eu sabia que já tinha ultrapassado os limites dEla. Eu nunca A desobedecera, nenhuma vez em oitenta e um anos. E pedia demais naquele momento. Não tinha dúvida de que, fosse qual fosse o final daquilo, um castigo estava à minha espera. Não me importei. Pela

primeira vez — a única vez — precisava manter alguém vivo. Numa súplica sem palavras, abri todos os meus pensamentos a Ela.

A Água se calou, mas a tensão desapareceu de repente. Puxei Akinli com toda a minha força. Não o escutei resfolegar quando chegamos à superfície. Temi que fosse tarde demais. Será que ele ainda respirava?

Ela não me ajudou a nadar como geralmente fazia, e foi difícil manter a cabeça de Akinli acima do nível do mar enquanto eu lutava para chegar à praia. Achava que meu corpo era impenetrável, forte, mas estava completamente fraca e exausta quando finalmente arrastei Akinli para a areia.

Soltei o garoto no chão, que caiu com mais força do que eu pretendia. Deixei escapar um grito quando a cabeça dele bateu na areia compacta. Se não estava morto, estava profundamente inconsciente, já que não esboçou qualquer reação.

Por favor, pensei. Por favor, esteja vivo.

Encostei o ouvido no peito dele e ouvi o som mais bonito do mundo: as batidas do coração de Akinli. Recuei um pouco e vi que ele respirava, embora seu único movimento fosse o leve subir e descer do peito.

Meu coração doía, uma dor física no peito. Akinli tinha perdido tantas coisas, ainda sofria com a morte dos pais. Eu odiava a ideia de abandoná-lo, sozinho e inconsciente, à sombra do lar que ele acabara de me oferecer. Mas eu precisava voltar.

Beijei sua bochecha molhada. Lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto.

— Sinto muito — murmurei entre o choro ao tocar o rosto dele pela última vez. — É tudo que posso fazer por você agora. Por favor, viva. Eu te amo.

Precisei de toda a força que me restava para sair do lado de Akinli e me jogar nas ondas.

A Água se enroscou violenta no meu braço e me puxou antes que eu pudesse pensar. Fixei o olhar nos barcos atracados em Port Clyde até eles não passarem de pontos no horizonte.

Esperei a morte. Ela me conduzia tão determinada que imaginei estar sendo levada a uma espécie de forca. Calada, confortava-me com a ideia de que as outras não veriam. Não queria ser outra Ifama gravada na memória de Miaka.

A Água me levou tão fundo que a ansiedade da morte era esmagadora. Na tentativa de afastar o pânico crescente, pensei em Akinli, na certeza de que ele acordaria e ficaria bem. Relembrei cada detalhe do nosso dia, desejando que a bondade dele fosse a última lembrança que eu levasse para o túmulo.

— *É por isso que não escolho esposas. Você nunca mais me servirá adequadamente agora. E veja a sua dor! A sua paixãozinha causou isso.*

Dava para sentir a raiva dela ao meu redor.

— *Você pode me dar uma morte rápida, por favor?* — pedi, começando a chorar. — *Estou com medo.*

— *Não vou acabar com a sua vida. Não hoje.*

Ela finalmente me soltou sobre o fundo negro do mar. Eu sabia que estava presa e indefesa. As correntes dEla jamais me deixariam subir à superfície. Teria que circular eternamente em Suas profundezas.

— *Você quase expôs a si mesma e às suas irmãs duas vezes!*

Me encolhi diante da raiva em Sua voz.

— *Você fez a noiva que tanto queria proteger sofrer bem mais do que o necessário. Você parou de cantar, o que já é motivo suficiente para te matar.*

— *Eu sei, eu sei* — reconheci, aterrorizada.

— *Então vejo suas lembranças com aquele garoto... Seus pequenos devaneios, cada um dos riscos que assumiu ao longo do dia. Mil momentos em que deu motivos para desconfiarem de você. Muitas vezes você quase esqueceu quem era e falou. Você podia ter matado a todos.*

Chorei abertamente ao pensar em Ben no fundo de uma banheira ou Julie se jogando debaixo da torneira da cozinha.

— *E o pior: você tomou o que era meu por direito. Ele deveria ter morrido esta noite.*

— *Você disse que não vai me matar. É verdade?* — perguntei, tomada pela tristeza, incapaz de processar tudo aquilo. — *Quebrei suas regras; conheço o castigo. E, sinceramente, se tivesse que tomar Akinli de você cem vezes, eu tomaria. Compreendo o seu sofrimento, mas não sou seu remédio!*

Minhas mãos tremiam. Minhas lágrimas misturavam-se ao sal dEla e sumiam.

— *Temo passar os próximos dezenove anos decepcionando você. Não quero arriscar você ou minhas irmãs de novo, e não sei como suportar a dor da separação...*

Cobri a boca, desolada diante da minha nova realidade. Era certo como o sol se pôr no oeste que Ela me manteria longe de Akinli até um de nós morrer.

— *Sei das consequências do que fiz. Pode me matar se for necessário.*

Houve um longo silêncio, e pude sentir a Água suavizar e demonstrar o estranho afeto que Ela dedicava a mim mais do que às outras.

— *Você acha que me alegro com a morte?*

Levantei a cabeça.

— *O quê?*

— *Não fico feliz em punir vocês ou tirar vidas. Faço o necessário para sobreviver. E não só jamais me deleitaria com a sua morte como a lamentaria. Você deve saber o quanto é querida por mim.*

Engoli em seco.

— *Por que eu? Por que sou mais favorecida do que as outras?*

Com muito carinho, a Água me ergueu da areia como se acalentasse um bebê. Visto que Ela era atemporal enquanto eu era temporária, a Água me considerava praticamente uma recém-nascida.

— *Ao longo dos meus muitos, muitos anos, dentre todas as sereias que carreguei, nenhuma teve a consideração que você teve comigo. Havia um distanciamento, um isolamento deliberado entre nós. Mas você? Você veio até mim com doçura, tentou entender. Você vem até mim mesmo quando não é chamada. Sinto por você o que uma mãe sente por uma filha. Exterminar sua vida seria exterminar a minha.*

Chorei de novo.

— *Sinto muito. Nunca quis te magoar.*

— *Eu sei. E é por isso que você continuará viva. Mas você sabe tão bem quanto eu que não pode sair ilesa. Miaka e Elizabeth vivem no limite, e temo o que aconteceria com elas se pensassem que podem viver como quiserem.*

Tremi. Havia verdade demais naquela frase.

— *Entendo. Então o que vai acontecer agora?*

Ela refletiu em busca de uma alternativa viável.

— *Mais cinquenta anos.*

— *O quê?*

— *Acrescentarei mais cinquenta anos ao seu tempo.*

— *Não!* — implorei. — *Você não pode fazer isso!*

— *Não aguentaria matar você. Acabei de explicar o quanto é preciosa para mim. Seria tão terrível assim passarmos mais tempo juntas?*

— *Por favor, não! Não me faça viver mais setenta anos sem ele!*

A voz dela saiu cheia de amargura.

— *Ouça meu aviso. Esse rapaz deve ser banido dos seus pensamentos. Não quero acabar com a sua vida, e não gostaria de ter um motivo para*

acabar com a dele...

Ela deixou a frase pairar e me vi paralisada. A vida dele dependia da minha obediência.

Ele passava tanto tempo na Água...

— *Não! Você não pode fazer isso! Não!*

Fui impulsionada para cima enquanto Ela chamava minhas irmãs.

— *Por favor, não faça isso!*

— *Você vai acabar aceitando* — Ela garantiu. — *É mais do que merece.*

— *Não consigo!* — Meu espírito estava tão fraco. — *Não consigo.*

— *Voltamos a falar em breve. Quando você estiver pronta.*

— *Por favor...*

Ela me deixou numa praia pequena coberta de pedregulhos e entulho. Ao ver minhas mãos, o lodo na minha pele, me senti largada numa pilha de lixo. Era aquilo que eu tinha me tornado? Na verdade, a sensação era praticamente a mesma.



OLHEI AO REDOR E TENTEI DESCOBRIR ONDE ESTAVA. Mesmo no breu da noite, o céu brilhava de um jeito estranho. Ouvi o ronco dos carros e me dei conta de que estava debaixo de uma ponte.

Virei na direção do som de pés correndo e avistei silhuetas familiares. Minhas irmãs se apressavam ao meu encontro. Atrás delas, Nova York fervilhava.

Elas correram os olhos pela praia estreita para se certificarem de que estávamos a sós. Padma foi a primeira a se ajoelhar ao meu lado.

— Você está bem?

Fiz que não com a cabeça.

— Estávamos preocupadas com você — disse Elizabeth, ajoelhando diante de mim. — Você parou de cantar e logo foi embora. Onde esteve?

Fiz que não mais uma vez em meio às lágrimas.

— O que houve? — Miaka perguntou.

— Estamos seguras? — perguntei entre soluços.

— Sim — ela garantiu. — Estamos debaixo da ponte de Manhattan. Não há muita gente na rua a esta hora, e o barulho dos carros abafa a nossa voz. Estamos bem.

— *Onde você esteve?* — Elizabeth levantou com as mãos na cintura e a cara fechada. — A Água disse que estava à sua procura, mas que você não respondia.

Miaka pôs a mão no meu ombro para me confortar.

— Sabemos que o cruzeiro te deixou mal, mas você não precisava ter ido embora.

As palavras me fizeram estremecer de náusea ao lembrar do rosto da noiva — o rosto de Karen — e de todas as imagens que tentei esquecer quando estava com Akinli. Nada tinha mudado.

Respirei fundo algumas vezes.

— Me amordacem — supliquei.

— O quê? — Padma perguntou.

— Me amordacem, por favor!

Elizabeth arrancou a camisa e a enrolou no meu rosto. Apertei a peça contra minha boca e soltei o grito mais alto que meu corpo minúsculo era capaz de produzir. A crueza gutural do som estava totalmente distante das nossas vozes delicadas, mas era sincera, mais próxima de quem eu era de verdade. Não via outra maneira de expressar a dor.

— Kahlen? — Miaka suplicou.

Devagar, afastei a camisa.

— Ela me deu mais cinquenta anos. Mais cinquenta anos de sentença.

Elizabeth xingou e Padma ficou chocada.

Miaka me abraçou.

— Sinto muito. Mas pelo menos você ainda está viva.

— Estou?

Miaka começou a andar.

— Vamos entrar.

Sob o cobertor da noite, nos instalamos num sobrado de arenito no Brooklyn. Enquanto as outras tiravam as roupas da mala e reorganizavam a mobília nova, chorei sentada num canto. Passei dois dias em lágrimas. Quando senti que toda a água havia saído do meu corpo, finalmente caí no sono.

Motivadas pelo entusiasmo de Padma, as garotas se tornaram turistas. Foram à Estátua da Liberdade e a todos os espetáculos da Broadway que conseguiram. Liam as resenhas dos restaurantes e das casas noturnas. Padma se tornou baladeira como elas. Suspirei comigo mesma: não estava pronta para passar sabiam-se lá quantos anos assistindo ao ciclo de bebidas e danças e conquistas. Era como se, apesar do meu castigo, elas tivessem esquecido de mim ou de como eu encararia aquele tipo de vida. Estávamos juntas como sempre, mas nunca tinha me sentido tão afastada.

Numa das muitas noites em que elas saíram, comecei a revirar meu baú.

Olhei para todas as cadernetas. Não ia voltar a fazer aquilo. Saber o nome de Karen já era ruim o bastante, e não tinha o menor desejo de descobrir o nome dos pais dela nem da dama de honra. Nenhuma informação era capaz de reparar o que eu tinha feito. Alguma vez reparou?

Arrastei o baú para fora. Não estávamos longe da ponte nem do mar, embora tenha dado trabalho descer até a praia.

Com os pés descalços sobre as pedras, lancei cada uma das cadernetas ao mar.

Adeus, Annabeth Levens e sua crença em trevos de quatro folhas.

Adeus, Marvin Belmont e seu time três vezes campeão da liga amadora de beisebol.

Adeus a milhares e milhares de vidas que não consegui consertar e que não me consertaram.

Joguei minha escova de cabelo, alguns vestidos a que estive apegada e toda a pesquisa sobre sereias. Para que serviam?

A última coisa que encontrei foi o grampo de cabelo, meu único vínculo com minha mãe. Eu o girei nos dedos, observando minha mão manchar de ferrugem. Então o soltei no mar.

Nada mais me prendia, e eu não tinha mais nada a que me prender.

Nas semanas seguintes, as garotas não notaram que o meu baú tinha sumido — embora fosse uma mudança significativa, já que a nossa casa era muito apertada. Para mim, era mais uma prova de que eu tinha me tornado invisível para elas. Eu era apenas uma âncora que as puxava para baixo.

Nova York exerceu um novo tipo de fascínio em Elizabeth e Miaka. Uma cidade que nunca dormia era perfeita para garotas que também não dormiam. E embora Padma as seguisse e desejasse ver tudo nos mínimos detalhes, pude notar que o peso das aventuras a deixava cansada, até uma noite em que não aguentou mais.

— Você não pode ficar em casa — Elizabeth insistiu. — Dizem que essa é a melhor balada da cidade!

Padma fez uma careta brincalhona.

— A de ontem também era.

Elizabeth deu de ombros.

— Isso muda todo dia. Vamos, não podemos perder!

— Deixe Padma — Miaka interveio. — Ela virou sereia há pouco tempo, e tenho certeza de que a vida anterior dela estava longe dessa agitação.

Padma estendeu a mão na direção de Miaka.

— Obrigada. Minha vida não era agitada mesmo, e acho que uma noite de folga vai me fazer bem. Além disso, Kahlen talvez goste de companhia.

Eu estava ouvindo a conversa delas do meu canto no sofá, mas só sintonizei de verdade ao ouvir meu nome. Levantei a cabeça e vi as três me encarando. Que bondade a delas em reparar que eu ainda morava lá.

— Hein?

— Você não vai se incomodar se eu ficar aqui com você hoje à noite, vai? — Padma perguntou, suplicante.

Forcei um sorriso, ainda me sentindo mal por Padma. Ela seguia o exemplo das outras duas na vida e no relacionamento comigo. Até aquele

momento, sua vida de sereia estava longe de ser a experiência que eu pretendia oferecer.

— Nem um pouco — respondi.

Elizabeth soltou um suspiro.

— Ótimo. À vontade.

Elas saíram dali a vinte minutos, e Padma sentou no outro canto do sofá vestindo uma legging e uma camiseta grande demais. Ela tinha abandonado seu antigo jeito de se vestir tão rápido que me senti péssima mais uma vez por ser tão devagar para mudar.

— Obrigada — ela balbuciou. — É legal sair e ver coisas novas, mas é informação demais para processar.

— Entendo. Tentei seguir o estilo de vida das duas e sair para beber e dançar. Fui uma única vez — contei, com o indicador erguido — e desisti logo depois.

Padma riu.

— Não consigo imaginar você num vestido daqueles rebolando numa pista de dança.

Abri um sorriso.

— Exatamente. Não era pra mim. Sou mais... — quase disse que era mais do tipo que curte *jitterbug*, mas o pensamento me transportou setecentos quilômetros para o norte — Sou mais caseira.

— Eu gosto. Você sente uma energia quando está acordada no meio da noite com todos aqueles estranhos ao redor. Dá pra se distrair bastante — ela disse, e sua expressão mudou. — Gostaria que durasse mais.

Foquei nas lembranças das últimas semanas. Tinha andado tão preocupada com meu próprio sofrimento que me esqueci do de Padma.

— Você ainda lembra de tudo, não lembra?

Ela confirmou com a cabeça.

— Fui até a Água uns dias atrás e tentei deixar que Ela levasse meus pensamentos.

— Acho que não é bem assim que funciona.

— Pois é — Padma disse enquanto mexia na barra da camiseta. — Acho que não... — Ela fixou o olhar triste no chão.

Eu estava falhando com ela. Ela carregava o próprio sofrimento e ainda tinha um século pela frente. Como sua dor seria menor do que a minha? A fonte era diferente, mas eu a tinha ignorado para pensar só em mim.

Me arrastei para perto dela no sofá.

— Quero pedir desculpas. Sei que andei meio distante ultimamente.

— Tudo bem — ela disse. — Chorei por horas depois do naufrágio. Miaka disse que vou ficar mais forte, mas não sei. De qualquer forma, entendo como foi difícil para você tirar aquelas vidas. E a Água ainda te deu mais tempo logo agora que faltava pouco... Você merece um tempo para lidar com seus sentimentos.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Obrigada por entender. Mesmo assim, peço desculpas por não ter sido uma irmã melhor.

— Minha impressão é de que você segurou as pontas sozinha por décadas. Não te culpo. Só queria saber como ser uma sereia tão boa quanto as outras. Kahlen, você é a mais velha. Não sabe me dizer como esquecer? — ela implorou e, do nada, explodiu em lágrimas. — Não aguento mais esse peso. Por favor... Dói demais.

Eu a abracei bem apertado.

— Não sei o que dizer. Tudo vai sumir, prometo. Mas mesmo que, por algum motivo horrível, você continue presa a essas lembranças pelos próximos cem anos, no dia em que deixar de ser sereia elas vão desaparecer para sempre.

— Vão?

— Claro. Você acha que seria capaz de viver sabendo que a Água devora humanos? Que você passou um século ajudando a fazer isso? Tudo desaparece. É como se você tivesse três vidas: uma que você não faz ideia

de como viver; uma em que você tem mais poder do que qualquer um é capaz de imaginar; e outra em que você tem um verdadeiro senso de identidade e a capacidade de ir atrás do que quiser.

Ela secou as lágrimas.

— É um consolo, ainda que pequeno. Mas está tão distante...

Abri um sorriso triste.

— Eu sei, mas não se preocupe. Suas lembranças logo vão embora. Juro. Não há motivo para permanecerem.

Ficamos em silêncio por um tempo enquanto ela absorvia tudo aquilo, mas eu podia ver que as lembranças ainda a atormentavam.

— Eu odeio meu pai, Kahlen — ela murmurou. — Ele me tratava como lixo. Ele tentou me matar. E a minha mãe cruzava os braços e deixava acontecer, então também a odeio.

— Você tem que desapegar. O ódio faz as lembranças permanecerem.

— E se não houver espaço para o amor? — perguntou baixinho, apoiando a cabeça sobre o meu ombro.

— Não seja boba — respondi ao passar um braço pelo ombro dela. — Sempre há espaço para o amor, nem que seja uma frestinha. Isso basta.

Duas semanas depois, um morador de rua atacou Elizabeth, que teve de cochichar em seu ouvido para tirá-lo de cima dela. O homem se jogou no rio Hudson. Ninguém quis mais ficar, e todas tiveram que juntar as coisas mais uma vez.

Menos eu. Daquele momento em diante, não carregaria mais nada.



UMA PROPRIEDADE ABANDONADA NUMA ILHA DA COSTA DA ITÁLIA.

Um casebre perto de um pesqueiro no México.

Um apartamento alugado na península Olímpica.

Nomes diferentes para o mesmo lugar.

Quatro locais em sete meses foi demais para nós. Embora Elizabeth tivesse sido o motivo da primeira mudança, dava para ver que minhas irmãs haviam decidido que eu precisava de espaço, de um lugar onde podia falar sem me preocupar se outros estavam ouvindo. Deve ter sido Padma quem incentivou as mudanças para paisagens pacíficas e isoladas. Minhas irmãs esperavam que a mudança de ares acabasse com a minha depressão. E embora eu agradecesse o gesto, nada do que elas fizessem me ajudava.

Assim que eu fosse capaz, iria morar sozinha, não importava onde. Estava cansada de tentar ser alguém que eu não era, e cansada de me sentir um fardo para minhas irmãs, além de todo o peso dos meus próprios sentimentos.

A nossa moradia da vez era um casarão numa encosta coberta de grama que dava para um caminho de pedras arredondadas e depois para a Água. Apenas uma estrada de terra bem gasta conduzia até a casa isolada. Se precisássemos chegar a algum lugar, levaríamos uns bons trinta minutos.

Minhas irmãs escolheram bem. A possibilidade de falar ao ar livre me fez bem, embora não pudesse curar a saudade de Akinli ou a dor pela minha punição. A Água tentava falar comigo, mas eu A ignorava com a

satisfação amarga de que Ela não me ouviria se eu permanecesse em terra. Em vez de conversar com Ela, passava horas vendo pássaros enormes mergulharem para buscar comida e ouvindo o som do vento que abria caminho pelas árvores.

Aquilo não me trazia nenhuma alegria. De fato, eu não tivera nenhum motivo para rir desde que saíra de perto de Akinli. A única coisa que me arrancou um riso baixo foi uma sensação extraordinária na minha perna.

Coceira.

Fiquei hipnotizada pelo calor irritante na batata da perna. Olhei bem para o lugar da coceira, levemente rosado, o que também era estranho — nossa pele geralmente era imutável e invulnerável como todo o resto do corpo —, mas agradei.

Dentre todas as comidas exóticas e lugares belos que conheci, de todas as distrações e aventuras vividas, aquela novidade minúscula me fez pensar que parte de mim ainda era humana.

— Kahlen?

Olhei para trás e deparei com Miaka me oferecendo uma xícara de chá. Permaneci sentada numa pedra, pensando em como estávamos separadas da Água e, ao mesmo tempo, cercadas por Ela. Já A tinha visto de tantos jeitos: impassível como uma rocha, impaciente como uma criança, animada como uma festa... Naquele momento, Ela só podia ser uma inimiga para mim.

— Quer ajuda para pensar? — Miaka perguntou ao sentar ao meu lado.

— Se eu conseguisse organizar o que se passa na minha cabeça, te contaria.

Miaka sorriu e tomou um gole de chá.

— O que acha daqui?

— É bom.

— Bom? Kahlen, a gente está fazendo o máximo para ajudar!

Lancei um olhar para aquele dia sem fim. Continuava esperando, como Padma, a hora em que minha dor passaria. Até o momento, não tinha acontecido.

— Não sei o que te dizer. Talvez vocês devessem voltar para uma cidade e me deixar aqui. Acho que é só uma fase.

Miaka esticou o pescoço em direção à Água.

— Ela está preocupada. Você deve ter reparado.

Assenti com a cabeça.

— Ela acha que estou sendo petulante, que vou superar. Posso sentir isso.

— Fiz uma pausa. Apertei a xícara entre as mãos na tentativa de absorver aquele calor. — A verdade é que não sei como perdoar a Água — confessei.

— É melhor do que a morte.

— Não é isso que sinto.

— Você é corajosa, Kahlen. E muito inteligente. Pode enfrentar mais setenta anos.

— Não é só isso... — disse, me endireitando, cansada de guardar meu segredo. Olhei bem para os olhos da minha irmã. — Conheci um garoto.

Miaka me encarou, confusa.

— Em um dia?

— Não — respondi, esfregando o rosto para segurar as lágrimas antes que comessem a cair. — Faz pouco mais de um ano. Ele era aluno da faculdade perto da nossa casa em Miami. Nos conhecemos na biblioteca. Embora eu não conseguisse falar, ele conversou comigo, fez com que me sentisse uma pessoa de verdade. No dia que parei de cantar, fui para a cidade natal dele. Os pais dele tinham morrido e ele havia largado a faculdade.

— Ah, não — Miaka disse, levando a mão ao peito. — Ele tem família?

— Foi morar com o primo e a esposa dele. Eles até me deixaram passar uma noite na casa deles, e deram a entender que eu podia ficar o quanto

precisasse. Me acolheram como uma gata perdida.

— Se eles foram tão legais, por que você foi embora tão rápido?

Baixei os olhos, envergonhada.

— Akinli e eu passamos o dia juntos. No final, eu já estava perdida, com a cabeça na lua. Ele pediu para ficar comigo, e eu disse que sim. Se eu fosse esperta, poderia passar anos ao lado dele. Não seria perfeito, mas ao menos poderíamos ficar juntos. No segundo seguinte ele me beijou. E eu falei. A canção lhe subiu à cabeça e ele caminhou direto para o mar.

— Kahlen!

— Eu sei. Era para ele ter morrido, mas implorei à Água para deixá-lo viver. Trouxe-o de volta à praia, e Ela me castigou com mais vida em vez da morte. Agora a vida dele depende da minha obediência. Ele trabalha como pescador, passa o tempo todo no mar. Ela deixou bem claro que se eu der um passo em falso por causa dele, a vida de Akinli já era.

Miaka balançou a cabeça, incrédula.

— Por que Ela faria isso com você? Ela te *ama*.

— Parece loucura, mas acho que Ela estava com ciúmes — confessei. — Como se ele não pudesse ter meu carinho porque sou dEla.

— Mas não é com ameaças que Ela vai ganhar o seu amor.

— Ela não é humana — relembrei Miaka. — Não sei se entende nossos relacionamentos.

Talvez aquele momento tenha sido o mais próximo que cheguei de ver Miaka com raiva. Ela fechou a cara, decepcionada com a minha situação apesar da minha burrice em deixar tudo isso acontecer.

— Não vou contar para as outras — ela disse depois de um tempo. — Acho que Elizabeth ia ficar uma pilha de nervos, e Padma é tão nova que copia Elizabeth em tudo.

— Logo ela vai descobrir a própria identidade.

Miaka suspirou.

— Espero que sim. Mas no momento acho que não precisamos divulgar essa informação.

Assenti. Minha mente estava do outro lado do país.

— Ele era doce, sabe? Senti que era muito especial encontrar uma pessoa tão boa.

Miaka bateu de leve a cabeça na minha.

— Não consigo imaginar você arriscando tudo por uma pessoa que não valesse a pena.

Eu a puxei para perto e lhe dei um abraço breve, grata pela compreensão. Mas por mais que eu estimasse o apoio da minha irmã, queria que Aisling estivesse comigo. Ela sabia o que significava amar uma pessoa que não envelheceria ao seu lado.

Quando não há necessidade de dormir e de comer, quando não há nada além de lágrimas vazias à espera de serem derramadas, a alma fica inquieta. Eu tinha passado um tempo pensando nas escolhas de Aisling, e entendi por que ela observava a família de longe. Mas ela e eu éramos diferentes, com relações diferentes com aqueles que deixamos para trás.

Por dias refleti sobre como Aisling tinha vivido. No final, cheguei a uma verdade absoluta: eu jamais poderia voltar para Akinli.

Meu último desejo era que ele tivesse uma vida longa e feliz. E desejei de verdade, com todas as minhas forças. Mas assistir ao dia em que ele me esqueceria, em que estaria com outra garota, ver o rosto dele nos filhos de ambos... Não seria capaz de aguentar.

Também sabia que não seria capaz de esquecê-lo. Mas era uma cruz que teria de carregar em silêncio.

Silêncio. Eu já deveria estar acostumada com isso àquela altura.



OS PINCÉIS DE MIAKA ESTAVAM ESPALHADOS PELO CHÃO. Havia dias que pintava sem parar.

— Este está lindo — comentei na esperança de que a frase fosse conversa suficiente para eu passar o resto do dia sem os olhos preocupados das minhas irmãs em cima de mim quando elas achavam que eu não estava vendo.

— Obrigada. Você achou os outros um pouco mais crus, então?

Fiz que sim com a cabeça.

— Gosto dos seus quadros mais agressivos — Elizabeth disse. — Acho que as pessoas ririam se soubessem que uma coisa tão ameaçadora veio de uma garota de dezesseis anos.

— Ou de oitenta e quatro. Mesmo assim...

As duas riram, mas não achei nada daquilo engraçado.

— Posso fazer arte também? — Padma perguntou de maneira doce. Era possível ver a tensão nos olhos dela. Ela ainda não estava livre das preocupações, mas tentava lidar com elas de todas as formas possíveis. Ela era mais forte do que eu, e a admirei por isso.

— Eu também! — Elizabeth disse pegando uma pilha de papéis.

— Claro! — Miaka respondeu, prendendo o cabelo num coque com um lápis de cor. — Sejam poderosas, sejam destemidas. Criem algo de que as pessoas não consigam tirar os olhos.

— Acho que não consigo recriar a mim mesma — Elizabeth soltou, subindo e descendo as sobrancelhas.

— E quem poderia?

Abri um sorriso minúsculo e sem brilho para elas. Lembrei que tinha pensado em viver em função de Akinli em Port Clyde. Comecei a imaginar se seria capaz de viver pelas minhas irmãs. Afinal, elas eram tudo o que me restava no mundo. Mas não conseguia reunir disposição para isso.

Fiquei olhando para as linhas entre as tábuas do assoalho. Miaka se aproximou e pôs papel e lápis de carvão na minha frente. Nossos olhos se encontraram. Ela apenas deu de ombros.

— Eu também sofro. Não tanto quanto você, sei disso. Mas isso me ajuda. Talvez... talvez...

Apoiei a mão sobre a dela.

— Obrigada.

Ela voltou à tela, determinada a terminar uma série. Não me preocupava mais em ter uma casa ou roupas novas, mas Elizabeth e Miaka sim. Eu sabia que as duas se sentiam responsáveis por Padma, e agora por mim também. Por enquanto, eu toparia tudo que elas quisessem, desejando ficar sozinha ao mesmo tempo que torcia para elas não me expulsarem do grupo por ser tão infeliz.

Se dependesse de mim, talvez eu tentasse voltar ao Maine. Ainda não era forte o suficiente para manter distância por conta própria. E eu tinha medo. Se cometesse um erro, Akinli morreria. E havia um pedacinho do meu coração preocupado com a possibilidade de a Água se livrar dele por prevenção, ou por qualquer motivo que Ela julgasse plausível.

Peguei o papel e comecei a rabiscar. Nada. Páginas de círculos e ziguezagues. Mas numa página uma curva se tornou o perfil da bochecha de Akinli, e os círculos eram da forma exata dos olhos dele.

Eu não era artista, mas guardei cada detalhe de Akinli na memória, e o derramei na página, inconscientemente. De fato, fiquei admirada com o que minhas mãos foram capazes de fazer. Podiam se lembrar da textura do

cabelo dele, do leve pontilhado da barba ao fim do dia, da curva cálida do seu queixo. Minhas mãos recriaram tudo belamente em preto e branco.

Que saudade eu sentia daquele rosto. O que eu não daria para vê-lo se iluminar de surpresa ou conspirar comigo com uma piscadela? Aquele rosto que rapidamente se tornou o símbolo de conforto no meu mundo.

Não quis chorar na frente das outras, não com a preocupação delas pairando sobre mim. Simplesmente amassei os papéis e os joguei no lixo.

Tentei fazer o mesmo com as lembranças, mas não adiantou. Como seria capaz de superar aquilo um dia?

Saí pela porta dos fundos, descii o morro e entrei no lugar que evitava havia meses.

— *Bem-vinda.* — A Água soava insegura, mas como se estivesse feliz em me ver.

À medida que eu nadava para mais longe da praia, Ela me abraçava com suas correntes. Deitei de costas sobre a superfície.

— *Não está funcionando* — confessei enquanto afundava.

— *O quê?*

— *Me separar de quem eu amo não aumenta meu amor por você. Só me torna amarga. Não quero existir assim, como meia pessoa.*

— *Você não é meia pessoa* — ela insistiu. — *Você é mais do que uma pessoa. Eu lhe dei todos os dons que podia. Você é mais forte do que qualquer humano. Tem a minha preferência em relação às outras. O que mais você quer?*

— *Amar* — revelei. — *Casar.*

— *Com certeza vai conseguir quando não me pertencer mais.*

— *Mas Akinli vai estar morto! Ou quase isso! Não sei o que você pensa dos humanos, mas não é normal casar com um cadáver!*

— *Você acha que desprezo os humanos?* — Ela perguntou com irritação na voz. — *Eu existo para servi-los. Tudo o que sou é deles. Você acha que carrega uma maldição pesada nas costas. E eu?*

Ela esperou uma resposta que eu não tinha.

— *É pedir muito querer ficar um pouco mais com a única joia que tenho?*

Permaneci calada. Pensei na minha vida, tanto nos poucos anos em que fui de carne e osso como nas décadas passadas como um ser mais assustador. Não havia nada de especial em mim. Nada mudaria se eu morresse ou continuasse viva. Para Ela, deixar de viver não era uma opção.

Pensei na minha tristeza, acarretada pela minha própria idiotice e prolongada pela minha teimosia. A Água não tinha a opção de ser mesquinha, de não se dar o tempo todo.

Quando somei tudo, cheguei à conclusão de que eu era insignificante. Menos para Ela, talvez.

— *Você acha que mais tempo é um castigo, mas pode continuar a crescer, a aprender. Por que quer me abandonar?*

— *Não é isso que quero dizer.* — Por que Ela não conseguia entender?

— *O que é, então?*

Cerrei os dentes de frustração e fúria.

— *Você entende como é difícil te amar quando você ameaça alguém que amo? Sei dos meus defeitos. Como posso confiar que você não vai destruir Akinli na minha próxima falha?*

— *Você sempre me serviu tão bem, Kahlen. Nunca deu um passo em falso até conhecê-lo. Quanto mais fala sobre esse garoto, mais certeza tenho de que a morte dele faria bem para você.*

— *Não!* — Eu podia sentir a raiva irradiar da minha pele. — *Você não entende? Isso me faz te odiar!*

— *Então qual vai ser nosso meio-termo? Como vamos continuar a conviver depois desse erro?*

Fechei os olhos, magoada pelas palavras. Akinli não era um erro.

— *Controle seus pensamentos.*

— *Você quer minha devoção? Meu carinho constante?*

— *Sim. Quero o mesmo que lhe dou.*

— *Então não me ameace com a morte dele* — eu disse. — *Prometa a vida dele.*

— *O que você quer dizer?*

Pensei no que sabia sobre Ela.

— *Você pode identificar algumas almas se precisar, certo?*

— *Claro.*

— *Então prometa que se vir o corpo dele se debatendo na água, vai levá-lo para a praia. Prometa que se uma corda o puxar para fora do barco, você mesma vai desenroscar. Prometa que a minha voz jamais o levará ao túmulo. Se você fizer tudo isso, se puder poupar Akinli, jamais pronunciarei o nome dele de novo. Prometa a segurança dele e darei a você tudo o que resta de mim.*

Ela refletiu sobre a proposta.

— *Você vai ser mais gentil com as suas irmãs? Elas estão preocupadas.*

— *Dou a minha palavra. Miaka, Elizabeth e Padma vão receber o que tenho de melhor.* — Conseguia sentir as ondas dEla moverem-se como engrenagens, processando a solicitação, em busca de uma falha. — *Prometo.*

— *Então também prometo* — Ela garantiu. — *A morte de Akinli não virá por mim. E farei tudo o que puder para preveni-la.*

A tensão no meu corpo enfim afrouxou. Um medo foi tirado de mim.

— *Obrigada.*

— *Estarei aqui quando você estiver pronta para me amar. Vá até as suas irmãs. Elas também precisam de você.*

Saí do mar e marchei de volta à casa pingando. Miaka e Elizabeth estavam inclinadas lado a lado à mesa, conspirando como sempre, enquanto Padma as observava com o queixo apoiado nas mãos.

— Ei! — Miaka disse toda animada. — Estávamos pensando em encontrar uma cidade nova, algum lugar quente. Sugestões?

— Não precisamos ir embora. Já disse que aqui está ótimo. Nesse ritmo vamos ficar sem lugares para ir.

— Mesmo assim... Para onde você foi quando nos deixou? — Elizabeth perguntou. — Algum lugar bom?

A sensação era de que um prego tinha atravessado meu coração. Não era um lugar bom, era perfeito.

— Port Clyde — respondi. — Uma cidadezinha no Maine. Nunca passaríamos despercebidas lá.

— Ah... — Foi a reação de Elizabeth, que apertou os lábios, pensativa. Senti a poça de água sob meus pés aumentar.

— Sei o que estão fazendo.

Miaka se assustou.

— Como assim?

— Pulando de um lugar para o outro na tentativa de me animar. Agradeço, mas não vai melhorar nada.

Elizabeth levantou.

— É que a gente simplesmente não sabe mais o que fazer. Você cuidou de nós por muito tempo. Queremos fazer o mesmo por você.

Eram palavras de peso considerando a preocupação que ela tinha com a própria alegria e conforto. Soltei um suspiro, lembrando do que tinha acabado de prometer à Água, e me aproximei das minhas irmãs.

— É uma fase — disse a elas. — Toda fase passa.

Forcei um sorriso. Eu tinha feito uma promessa, e sempre fui obediente. Essa atitude tinha sido o meu diferencial na vida de sereia, e precisava resgatá-la.

— E essa fase acaba hoje. Só precisava de tempo para me adaptar. Vou ficar bem agora.

A mentira me custou muita energia. Tudo bem. Pelo menos meu corpo era indestrutível.



— E AÍ, RAINHA DO BAILE DE FORMATURA? — ele começou, rindo.

Sorri mesmo sem querer.

— Essa piada não tem mais graça.

— Bom, mas pegou.

Rolei na direção dele. Estávamos deitados sobre uma coberta no gramado entre a casa dele e a Água. O sol era ofuscante, mas o murmúrio da Água batendo na areia me tranquilizava.

Akinli cheirava a algodão e a grama e a algo seco... talvez livros. Era um cheiro maravilhoso e único, que me inebriava.

— E então? O que você vai estudar? — ele perguntou erguendo um panfleto. — Letras? Comunicação social? Lembra de quando nos conhecemos? Você olhando todos aqueles bolos...

— Hum, bolo... — respondi sonhadora.

Akinli riu da minha reação.

— Você podia estudar gastronomia. O que acha?

— Eu comeria todos os trabalhos. Não ia sobrar nada para o professor avaliar.

Ele me bateu de leve com o panfleto.

— Bom, então o quê? Quando eu voltar para a faculdade, você vai junto. O que quer estudar?

— Talvez história — reconheci.

— Parece que você sente vergonha.

— É que não parece tão empolgante quanto química ou direito. Eu provavelmente acabaria num museu ou coisa parecida.

Akinli deu de ombros.

— E daí? O importante é você estar feliz.

— *Eu posso lhe mostrar a história!*

Sentamos imediatamente.

— Nossa!

— Você ouviu isso? — perguntei. Ele não deveria ter escutado nada. Nem eu, não mais.

— *Posso te conduzir através dos séculos. Fique comigo.*

— Mas eu já fiquei! — gemi. Não tinha esquecido. Tudo o que me prometeram era mentira.

— Quem é essa? Com quem você está falando?

— *Fique. Posso te dar tudo.*

Ela tinha ficado mais forte, muito mais forte, e eu A imaginei causando tsunamis e derrubando aviões apenas para ter energia suficiente para aquele momento. O vento me empurrava para a Água ao mesmo tempo que segurava Akinli no lugar.

— *Veja! Ele está seguro. Como eu prometi. Agora volte para casa.*

— Não! Não! Já servi o meu tempo!

— Kahlen! — Akinli gritou, com a mão estendida para mim e o rosto em agonia.

Acordei sobressaltada. Pensei que dormir seria uma boa ideia, uma forma de passar o tempo sem decepcionar ou mentir para minhas irmãs. Por mais estranho que fosse, nos últimos dias houve momentos em que sentira *necessidade* de descansar. Mas era melhor evitar por ora. Eu não conseguia me desvencilhar do pesadelo em que Akinli ouvia a Água, compreendia o chamado dEla... Me dava calafrios.

Quando meu coração desacelerou, fui atrás das garotas. Tinha acabado de amanhecer e o sol brilhava forte atrás das janelas. O cabelo castanho-

claro de Elizabeth parecia ter um brilho dourado à luz da manhã.

— Oi — eu disse ao me aproximar. Elizabeth tinha apoiado uma tela larga no chão e trocado os pincéis por brochas. Padma a observava em silêncio. Minha irmã mais nova falava menos a cada dia, mas parecia feliz com Elizabeth. Vi Elizabeth riscar a brocha pela tela e deixar um rastro azul grosso. — Acho que assim também vale — comentei.

Ela riu.

— Não sou tão talentosa quanto Miaka. Não consigo fazer todos aqueles traços finos. Mas isto aqui tem mais a minha cara.

Contemplei as linhas bizarras, as cores aleatórias. Tudo parecia mero acaso, mas dava para sentir a arte na pintura.

— Com certeza — concordei. — Onde está Miaka?

— Ah, ela saiu — Elizabeth disfarçou num tom estranho.

— Saiu para onde?

— Ela leu sobre uma floresta na Islândia com flores superespeciais. Se você moer as pétalas e misturar com óleo, teoricamente consegue uma tinta incrível e vibrante. Tipo, melhor do que qualquer coisa que você encontra nas lojas.

— Ah... E quanto tempo ela vai demorar?

— Uns dias, acho. A Água a levou até a Islândia, mas Miaka tem que encontrar as flores por conta própria.

Corri os olhos pelas pinturas prontas espalhadas pela sala. Miaka já tinha mais de uma dúzia, o suficiente para chamar de série e começar a vender.

— Bem que ela poderia ter nos levado. Um projeto me faria bem agora.

— Então pinte alguma coisa — Elizabeth sugeriu enquanto mergulhava a brocha num pote de tinta amarela.

— Não sei se tenho alguma coisa que valha a pena pintar no momento.

— Não seja tonta. É só encontrar o bilionário certo, aquele que compra um risco verde num fundo branco por dinheiro suficiente para pagar três meses de aluguel.

Com essas palavras, ela sorriu e voltou ao trabalho.

Sentei com os lápis de carvão e tentei. Tentei de verdade. Mas só saíam as ondas do cabelo de Akinli quando dirigia de janela aberta ou suas mãos imóveis quando tirei seu corpo da Água. Evitei desenhar o rosto dele, mas Akinli aparecia numa centena de imagens. Não passavam de esboços no papel, mas os deixei empilhados para Miaka. Ela saberia o que fazer com eles.

Depois de quatro dias ela finalmente retornou, toda molhada, e fiquei contente com o potencial que vi nos meus rabiscos desleixados.

— Eles transmitem tanta honestidade, Kahlen. Se tivesse dinheiro, compraria na hora.

Dei um cutucão no braço dela.

— Para com isso. Gosto desses desenhos, mas não são tão bons assim. Nada perto dos que você faz.

— Bom, vou colocar na minha galeria mesmo assim.

— Junto com obras novas? Com a tinta da flor?

Ela franziu a testa.

— Hein?

— As flores da Islândia. Você não ia fazer uma tinta com elas?

Ela riu e abanou a mão, despreocupada.

— Ah, nem consegui encontrar as flores. Me senti uma idiota perambulando pela floresta tanto tempo. Acho que preciso pesquisar mais.

— Vou junto da próxima vez se você quiser.

Miaka tocou meu braço.

— Que gentil da sua parte. Fico feliz que esteja voltando ao normal.

Dei de ombros.

— Não desista de mim. Estou tentando.

— Nunca.

Miaka piscou para mim e fui para a cozinha. Talvez um pouco de comida levantasse o ânimo de todas. Talvez preenchesse o vazio no meu estômago

que parecia uma fome estranha.

Quando me virei para abrir a geladeira, notei Miaka acenar discretamente com a cabeça para Elizabeth. Elizabeth respirou fundo na tentativa de esconder um sorriso.

Depois foi enxaguar as brochas enquanto Miaka ia atrás de roupas secas, e a comunicação das duas parou por aí.

Umas semanas depois, Elizabeth saiu para uma viagem de compras de cinco dias. Padma chorou, implorou para que ela não fosse, mas em vão. Elizabeth já tinha feito isso antes. Chegou a comprar tantas roupas que as mandou para casa por uma transportadora. Dessa vez, ela voltou com duas sacolas. Duas!

— O que posso dizer? A estação está lamentável — ela explicou ao jogar seus achados num canto como se nem importassem.

Depois disso, Miaka passou uma semana no Japão para se reconectar às raízes em nome da arte. Durante todo o tempo em que ela esteve fora, Elizabeth não fez mais nada além de andar de um quarto para o outro, inquieta, como se não suportasse a ausência da irmã. Eu nem entendia o motivo da viagem para começo de conversa. Miaka nunca quisera voltar para a terra natal antes, independente do motivo. E depois que voltou, sua arte parecia a mesma de sempre.

Nem tentei lembrar da desculpa que Elizabeth deu para sair depois, embora não tivesse entendido o motivo mais uma vez. Se ela tinha ficado tão aflita com a ausência de Miaka e sabia como Padma se inquietava com a sua partida, por que sair?

Quando voltou, pus as três contra a parede, determinada a botar um fim naquela história.

— Por que vocês não param de fugir? — exigi saber, com as mãos na cintura.

Miaka cruzou os braços na defensiva.

— Não sei do que você está falando.

— Tenho a sensação de que já estou bem melhor, de que já está muito mais fácil me ter por perto. Então por que vocês ficam se revezando para sair e deixam Padma como minha babá?

— Ninguém está sendo sua babá — Elizabeth argumentou antes de se jogar no sofá. — Só estávamos pensando que talvez fosse bom passarmos um tempo sozinhas de vez em quando. Como Aisling fazia.

Padma concordou.

— É.

Meus olhos saltavam de uma para outra. Estava difícil acreditar naquilo. Havia décadas que Elizabeth e Miaka eram inseparáveis, e Padma parecia se encaixar às duas com perfeição. Por que estavam agindo daquela forma? O que tinha acontecido?

— Vocês estão brigadas? — perguntei incrédula.

— Não — Elizabeth respondeu, toda esparramada no sofá.

— Estão bravas comigo?

Miaka se aproximou de mim com uma expressão afetuosa no rosto.

— Não, nem um pouco. Tínhamos curiosidade sobre o método de Aisling, só isso. Mas é estranho ficar longe por tanto tempo. — Ela se voltou para Elizabeth. — Não sei como ela aguentava passar meses longe.

— Nem eu. Eu seria infeliz sem vocês — Padma concordou. Eu não quis comentar que ela nem parecia feliz para começo de conversa. Uma discussão de cada vez.

— Então... está tudo bem? — perguntei. Levei a mão à testa, sentindo um pouco de tontura. Era a terceira vez na última semana que havia tido essa sensação e precisara ficar na cama até a cabeça clarear.

— Sim.

— Ah... — murmurei, recuando. Meu cérebro estava todo atrapalhado com a vertigem e a confusão pela ausência delas. — Desculpem. Não

tenho estado muito bem nos últimos dias.

Miaka sorriu.

— A gente sabe. E estamos aqui do seu lado.

— Ou lá do seu lado — Elizabeth acrescentou, apontando graciosamente para a Água.

Um calafrio percorreu meu corpo. Como ele não passava, me enrolei em um cobertor e me retirei para o quarto, decepcionada comigo mesma. Será que eu estava ficando paranoica?

Respirei fundo, tentando lembrar da minha promessa. Eu ia ser uma irmã exemplar. Não adiantava nada acusar as outras. Precisava de um passatempo ou coisa assim. Eu tinha muito tempo livre, espaço demais para a minha mente voar.

Se eu queria cumprir a promessa e tentar viver sem Akinli, precisava pensar em outras coisas.

Uns dias depois, fui obrigada a pensar em alguém que não Akinli. Todas tivemos que nos concentrar em Padma, quiséssemos ou não.

— Ela ainda não esqueceu. Quer que o pai sofra como ela — Miaka anunciou com uma expressão solene ao me encarar do outro lado da mesa. Ao lado dela, lágrimas rolavam pelo rosto de Padma. Elizabeth estava sentada do outro lado da irmã mais nova, com a mão delicada sobre seu ombro.

Me sentia péssima. Sabia que ela estava triste, mas não imaginava que estava tão mal assim. Fazia mais de um ano. Já tivéramos um segundo — e ainda mais melancólico — Natal juntas e assistimos a bola cair em Nova York no Ano-Novo. Padma desejara tristemente estar lá para ver. Já estavam passando comerciais do Dia dos Namorados e Padma não era mais uma sereia iniciante. Nada daquilo fazia sentido.

— Por quê? — perguntei. — Todas esquecemos nossa vida passada. Como ela ainda consegue lembrar de tanta coisa?

— Porque ainda está com raiva — Elizabeth supôs. Recordei do nosso tempo em Nova York, quando tinha pensado numa teoria semelhante. — Miaka perdoou a família, então não lembra de muitos detalhes, e você esqueceu quase tudo. Mas eu lembro de mais coisas que vocês, e Padma passou por bem mais coisas do que todas nós...

— Tenho lembranças suficientes. Meus pais também não gostavam de mim — Miaka reconheceu, encarando Padma. — A minha situação não era horrível como a sua, mas chegava perto.

Padma acenou com a cabeça.

— Talvez não tenham festejado a minha morte, mas duvido que tenham lamentado — Miaka continuou. — Está enganada se acha que essa ideia não assombrou meus pensamentos. Todas temos nossas mágoas — ela disse, apontando para cada uma de nós.

Assenti. Eu sentia uma culpa incalculável pela perda da minha família, como se pudesse voltar atrás de alguma forma. E havia ainda as dezenas de milhares de vidas que tinha tirado com o meu canto ao longo dos anos. Eu as carregava como um peso em volta do pescoço.

E sempre haveria Akinli, talvez por toda a eternidade.

— Mas você não pode querer vingança — Miaka disse a Padma, decidida.

Padma suspirou e secou as lágrimas.

— É uma sensação de injustiça. Ele me matou. Minha mãe deixou. Ninguém vai procurar por mim. Nenhum policial vai atrás deles. Não é justo!

Elizabeth balançou a cabeça.

— O quê? — disparei. — Você acha que ela devia ir em frente, não acha?

Elizabeth deu de ombros.

— Se ela tivesse feito isso por conta própria, sem nos dizer nada, já teria se vingado e nunca saberíamos.

— A Água saberia — respondi. — Se Padma tivesse pulado no mar e voltado à Índia, com certeza Ela leria seus pensamentos. A Água seria capaz de matar Padma por isso — expliquei, apoiando a mão no braço de Padma. — E morrer depois de tudo o que você sofreu? Seria a maior das nossas perdas.

— Ela conseguiria — Elizabeth resmungou.

Fechei os olhos, tentando conter a irritação.

— Sinto muito pelo seu sofrimento, Padma. Você não faz ideia do quanto a sua história me dói. Talvez seja egoísmo, mas não preciso de mais um motivo para odiar esta vida. Se perdêssemos você agora... — disse a ela.

Eu não queria nem pensar na possibilidade.

— O que você quer dizer com “mais um motivo”? — Padma perguntou. — O que mais aconteceu?

Miaka me lançou um olhar rápido. Tinha guardado em segredo o que acontecera comigo — meu amor, o acordo que fiz com a Água — à espera de que eu estivesse pronta para contar às outras.

Engoli em seco.

— É uma vida difícil — eu disse, tentando desconversar. — Ferir as pessoas, perder quem amamos...

Elizabeth se inclinou mais sobre a mesa.

— Quem você amou?

— Amo A... — Quase deixei escapar. Eu sentia tanta falta dele. Todos os dias me perguntava o que ele estaria fazendo. Se pensava em mim. Se estava com outra. Se tinha voltado à faculdade. Se estava feliz. — Amei Aisling. E Marilyn. No final, vamos acabar separadas. E eu amava a minha família — disse, sorrindo para mim mesma. — Eu era uma garota de sorte. Paparicada.

Elizabeth pareceu frustrada. Talvez estivesse esperando alguma revelação mais interessante, mas Miaka falou:

— Você nunca contou muito sobre a sua família. Sei que você tinha irmãos, mas só.

Juntei os retalhos de lembranças que ainda tinha.

— Eu era parecida com a minha mãe. Lembro um pouco do rosto dela porque o vejo no meu. E meu pai tinha orgulho de mim, acho que mais porque eu era bonita. Mas ele sempre dizia como eu era esperta e boa de conversa. E eu era obediente — disse, assentindo. — Eles gostavam disso.

— Uma característica que você nunca perdeu — Elizabeth comentou.

Esbocei um sorriso.

— Bom, quase nunca. Já cometi minha parcela de erros, como você astutamente notou.

— E por que não cometer? — ela questionou, apoiando a bochecha na mão e me encarando. — O que você ganhou com essa obediência?

— Uma segunda chance, Elizabeth.

Ela balançou a cabeça.

— Imagino que a obediência fez você perder sua única chance.

As palavras dela despertaram em mim uma sensação vagamente familiar... O que senti quando caí na Água durante o meu naufrágio. Meu corpo estava tenso, aguçado, real demais.

Miaka bateu no braço dela.

— Pare com isso. Caso você tenha esquecido, Kahlen tem mais cinquenta anos nas costas agora. Você sabe pelo que ela está passando.

Elizabeth fez uma cara de tédio como se aquilo não fosse nada.

— Desculpa.

— E se eu perguntasse à Água? — Padma propôs. — E se Ela autorizasse a minha vingança?

Elizabeth bateu palmas.

— Agora sim uma ideia excelente! Pergunte à Água. Aposto que agradeceria se levássemos os corpos deles para Ela.

Depois de um instante de reflexão, Miaka disse:

— É possível.

— Kahlen? Podemos ir? — Padma perguntou.

Quem era eu para dizer não?

— Podem perguntar, mas temos que concordar com uma coisa: o que a Água disser é definitivo. Seja lá o que Ela decidir, vamos aceitar e parar de insistir.

— Você parte do princípio de que Ela vai dizer que não — Elizabeth reclamou.

— Parto mesmo. Não sei por que ela diria que sim.

— Então você tem que concordar em vir junto se Ela disser que sim. Não podemos deixar Padma sozinha nisso.

Recuei, chocada.

— Isso é loucura. Me recuso a tirar qualquer vida se não for obrigada.

Elizabeth me fulminou com os olhos.

— Sempre pensei que estivéssemos juntas nesta vida. Era você quem pregava solidariedade e apoio. Agora vai deixar a mais frágil de nós se virar sozinha?

— Não vou deixar nada. A Água jamais vai concordar.

Elizabeth afastou a cadeira.

— É o que nós vamos ver.

Ela foi a primeira a sair da casa coberta de neve para ir até o mar, muito segura de si. Ela ficou ao lado da nossa irmã caçula quando Padma confessou seu drama à Água, jurou tomar cuidado e prometeu levar os corpos dos pais para o mar se a Água lhe permitisse a vingança.

— Não.

— *Por favor!* — Padma implorou. — *Não percebe como isso é injusto?*

— *Percebo. Mas o segredo do nosso mundo vale muito mais do que a sua vingança. Um único passo em falso pode arruinar tudo. Você não pode ir.*

Padma começou a chorar e saiu às pressas da Água. Elizabeth a seguiu, balançando a cabeça.

— *Não deixe que cometa nenhuma idiotice.*

— *Não vou deixar* — prometi, ciente de que a ordem era para mim.

Miaka segurou minha mão no caminho de volta. Ainda bem que morávamos num lugar isolado, porque os gemidos de Padma eram estridentes.

— Estou arrasada — Miaka comentou com os olhos cheios de lágrimas. — Houve tantos momentos em que quis mostrar aos meus pais que eu não era inútil, que era inteligente e criativa. Queria que soubessem do que eu era capaz. Assistir ao sofrimento de Padma é tão doloroso...

— A Água disse que Padma tem uma mente bondosa e que já se desapegou de muita coisa. Cedo ou tarde, não vai sobrar mais nada.

Miaka balançou a cabeça.

— O que deixa tudo mil vezes pior. Se Padma já se livrou de tantas lembranças, quantas devem ter existido para que ela ainda se sinta tão injustiçada?

Os dias passaram e as lágrimas de Padma continuaram. Tentei me dedicar a outras coisas, mas fracassei. O pincel de Miaka pendia sobre a tela sem que ela criasse nada. Elizabeth não conseguia se distrair.

Não foi o choro de Padma nem a raiva de Elizabeth que me convenceram. Foi Miaka que, como sempre, encontrara uma verdade simples por trás de tudo. Ela tinha razão: o passado de Padma devia ter sido horrível para que ela continuasse daquele jeito. Ela merecia se vingar.

Então fui eu que pesquisei passagens para a Índia e escolhi um voo direto de Miami. Podíamos sair do aeroporto mais perto da nossa casa no estado de Washington em vez de ter que cruzar o país de carro, mas achei que teríamos mais chance de não sermos notadas pela Água se

viajássemos por terra até o lugar mais distante possível de onde Ela achava que estávamos. Fui eu que aluguei o carro. E fui eu que supliquei a Padma que se acalmasse para que pudéssemos chegar à Flórida sem que a Água soubesse.



JÁ FAZIA UM ANO E MEIO desde a nossa última vez na Flórida, e fiquei feliz de verdade quando entramos no estado. Não por saber o que estava por vir — na verdade, lamentava a viagem para a Índia —, mas porque tinha sido na Flórida que conheci Akinli. Era como se eu fechasse um ciclo, como se voltasse ao começo. Talvez estar ali sarasse a ferida que eu temia ser incurável.

— É aqui — disse ao estacionar na casa alugada. — Não é maravilhosa, mas não vamos ficar muito tempo.

— Não, está ótima — Elizabeth disse ao contemplar a pequena casa e respirar o ar úmido, uma mudança abençoada depois de meses de neve. Estávamos no interior da cidade; não queríamos chegar perto demais da praia. Para o plano funcionar, precisávamos garantir que não haveria chance de nenhuma de nós sequer molhar o dedinho do pé na Água. Só tínhamos aproximadamente um mês até Ela precisar se alimentar de novo. Não aconteceram muitos naufrágios ao longo do ano e, a não ser que um grande acidente ocorresse logo, teríamos que cantar um pouco mais cedo do que o normal. A Água estava cada vez mais faminta, e eu não queria abusar da paciência dEla.

Tínhamos poucas horas livres na casa. O voo partia de manhã. Guardamos a bagagem e nos reunimos na sala de estar, onde dei as instruções finais às minhas irmãs.

— Aqui estão as passagens — disse ao entregar os papéis com nomes e identidades falsas. — Foi o melhor que consegui, Padma.

Ela encarou o rosto no passaporte.

— Mas o nariz desta garota é horrível!

— E é por isso que você pode escrever que fez plástica no nariz caso alguém pergunte — expliquei. Corria os dedos pelo cabelo, exasperada, sem saber ao certo se devia me odiar naquele momento ou não. — Muito bem, tudo o que vocês precisam fazer é serem discretas. Padma, lembre que é crucial não falar com ninguém em nenhum momento — continuei, encarando-a bem nos olhos. — Você é muito nova na vida de sereia, é difícil ficar em silêncio no começo, mas se quer mesmo se vingar, precisa ficar quieta.

— Entendi — ela disse ao enfiar o passaporte na pasta com as passagens.

— Já arrumei um transporte para quando vocês chegarem lá. Padma, conto com você como guia. Circulei os hotéis em que vocês podem ficar se precisarem — falei ao entregar o mapa impresso para Miaka. — Talvez seja melhor viajar à noite, mas vocês que sabem.

— Espera aí. Você não vai com a gente?

— Não posso — respondi, mordendo o lábio e esfregando as mãos de ansiedade. — Mas fiz todos os preparativos para vocês. Não está bom?

Elizabeth pôs a mão no meu joelho.

— Está mais do que bom.

Soltei um suspiro.

— Escutem, acho que nunca é demais enfatizar o seguinte: para qualquer coisa que precisarem, usem água tratada e engarrafada. Nada de ligações com Ela, ou estamos acabadas. E enterrem os corpos. Não os deixem em contato com a Água. Se Ela descobrir...

Miaka me tomou pela mão.

— Somos expertas. Vamos cuidar de Padma e nos manter a salvo.

Engoli em seco. Era estranho sentir a garganta seca.

— Vou esperar vocês aqui. Por favor, tomem cuidado.

Elas reorganizaram a bagagem para o voo enquanto desfiz minha mala em silêncio, tentando me sentir confortável naquele purgatório.

Meu instinto natural era ir à biblioteca. Ele não tinha comentado nada sobre voltar à faculdade, mas depois de todo o tempo que tinha passado, eu imaginava que Akinli estaria de volta às calças cáqui e aos carrinhos de livros que empurrava pelo corredor, talvez de cabelo curto de novo ou com um coque. Me comportei por tanto tempo que, se havia uma chance de vê-lo mais uma vez, ainda que precisasse me esconder, tinha que aproveitar.

Mas bastou pisar fora de casa para saber: Akinli não estava lá.

Não sabia como podia afirmar isso, mas tinha certeza de que ele ainda estava no Maine. Era uma sensação esquisita, como se nossos punhos estivessem presos com uma corda. Se eu prestasse atenção o suficiente nesse sentimento, podia estranhamente sentir a presença dele. Ou melhor, a falta dela.

Sozinha na casa, com mais nada para prender minha atenção, pensei em Aisling, me perguntando se minha irmã mais velha continuava a ser uma mestra da sabedoria na escola nova. Só por causa dela acreditei ser possível enviar as meninas para o outro lado do planeta sem que a Água detectasse. Aisling tinha provado que Ela não sabia de tudo...

Juntei minhas poucas coisas, enchi o tanque do carro alugado e dirigi pelo litoral rumo ao norte.

Se eu precisasse dar satisfação dos meus atos a alguém, juraria de pés juntos que não tinha sido esse o motivo de eu ter voltado à Costa Leste com as garotas ou de tê-las mandado para outro país. E não foi, de verdade. Não queria brincar com a vida de Akinli. Mas precisava ver o

rosto dele, com ou sem a barba feita, bagunçado ou arrumado, com sorte com um sorriso. Era a minha única meta.

Dirigi sem parar, mesmo sob a neve e o gelo, e completei a viagem em pouco mais de vinte e cinco horas. Deixei o carro bem no alto da estrada que dava para Port Clyde, decidida a fazer o resto do trajeto a pé. Então descobri uma falha no meu plano.

Minha calça jeans justa e minha blusinha não me protegeriam dos elementos naturais, principalmente daquele que eu mais temia. Mas eu tinha viajado para muito longe. Recorri ao furto: roubei botas que secavam numa varanda e usei a lona que estava num quintal para fazer um casaco. Era o suficiente para eu poder atravessar a neve acumulada no chão. Olhei para as nuvens gordas no céu, esperando que aguentassem um pouco mais para nevar.

Caminhei pelas florestas nevadas até a casa de Ben e Julie. Meu coração acelerou quando avistei as persianas pretas por entre os galhos congelados. A caminhonete estava na garagem ao lado da lambretinha, mas não havia sinal de vida por trás das janelas. Observei a casa por quase uma hora inteira até uma rajada de vento chacoalhar uma carta colada na porta. Quis ler na hora. O bilhete poderia ser a minha única esperança.

Anoiteceu e ninguém apareceu na casa, o que me fez pensar que a escuridão bastaria para me esconder. Assim, me esgueirei até a porta pela beira da estrada.

Tommy,

Mandeí uma mensagem para o seu celular, mas caso não tenha recebido, tivemos que ir para o hospital. Uma emergência. Deixe a caixa na caçamba da caminhonete para mim . Cuido disso quando voltarmos. Não sei quanto tempo vamos demorar, mas ligo hoje à noite quando tivermos respostas (se dermos sorte desta vez). Em todo caso, obrigado de novo. Nos falamos em breve.

Ben

Senti uma pontada de medo por Julie. Lembrei de como ela tinha ficado aflita por mim quando apareci encharcada na porta da casa dela. Será que era ela quem estava doente? Se eu tivesse ficado, poderia estar segurando sua mão naquele momento.

Me afastei da porta me sentindo uma idiota. Eu não deveria estar lá. Estava arriscando demais. Embora quisesse que Akinli fosse feliz, com certeza perderia qualquer esperança de sanidade se ele tivesse seguido em frente sem mim. E se ele me visse ou se eu cometesse qualquer erro, a vida dele estaria em perigo. Depois de tudo o que tinha acontecido, como Ben e Julie ficariam se o perdessem também? Tinha sido burra, impulsiva.

Passei pela caminhonete, conferi se a tal caixa estava mesmo na caçamba e voltei até o carro pela floresta.

Balancei a cabeça, me considerando sortuda por Akinli não estar em casa. Ao longo do caminho até o Maine, tinha dito a mim mesma que a viagem seria uma espécie de encerramento, o fim dos meus sentimentos por Akinli e de qualquer esperança de nos relacionarmos.

Mas descobri naquele momento que não sentia falta só de Akinli. Em poucas horas, Ben e Julie me proporcionaram a sensação mais próxima de lar que experimentei em muito tempo. Enquanto eu vivesse como sereia, meu conceito de casa estaria sempre atado ao cheiro de amaciante das roupas de Julie e ao ruído do aquecedor central deles, ainda ligado no fim da primavera. Não os amava como amava Akinli, mas eram especiais para mim, vinham junto quando eu pensava em Akinli, e desejei ter visto o rosto de ao menos um deles naquele dia.

Eu tinha vivido décadas, morado em mais países do que a maioria das pessoas seria capaz de visitar. O lugar mais feliz e confortável em que já estivera era naquele sofá surrado com o braço de Akinli em volta do meu ombro.

A viagem ao Maine não marcaria o fim de um capítulo. Apenas me forçaria a virar uma página.

Dirigi de volta para a Flórida refletindo se tinha cometido um erro. A frustração doía, respirar era difícil — difícil de um jeito estranho, como se eu tivesse ficado exposta ao frio por muito tempo. Sim, a Água jamais saberia, assim como as garotas. Mas eu sentia um puxão no peito, uma corda invisível, que tornava os quilômetros cada vez mais difíceis de percorrer.



ESFREGUEI O PEITO QUE AINDA DOÍA enquanto esperava no carro. O avião delas tinha pousado havia quase uma hora, e achei melhor partir para nossa casa no estado de Washington assim que elas passassem pela alfândega e pegassem as malas. Seria melhor voltar antes que a Água percebesse que tínhamos viajado.

Não tinha certeza se queria saber se a viagem delas tinha sido um sucesso. Em todo caso, a sensação era de uma pequena vitória. Tinha feito uma coisa sozinha e ninguém sabia. Essa privacidade fez com que me sentisse um indivíduo, menos serva e mais garota.

Ainda assim, soltei um gritinho dentro do carro quando vi Padma, Elizabeth e Miaka saírem do aeroporto. Estava muito feliz em tê-las de volta.

Quando Padma me viu, soltou a mala e correu pelo estacionamento; o cabelo preto arroxeadado voava atrás dela. Nos unimos num abraço, fazendo o máximo de esforço para não rir.

— Obrigada — ela sussurrou no meu ouvido. — Obrigada por tudo.

— Venha. Vamos para o carro.

Me afastei e lancei um olhar por cima do ombro na direção de Miaka e Elizabeth, ambas contentes. Joguei as chaves na direção de Elizabeth, cansada de dirigir. Na verdade, um pouco cansada de tudo. Foram poucos dias, mas muito longos.

Uma vez seguras, fiz a única pergunta que importava:

— A Água suspeita de algo?

— Não — Miaka garantiu. — Fiquei na escuta, e Ela parecia nem desconfiar da nossa viagem. Só estava ansiosa para chegarmos a tempo. Você A ouviu hoje de manhã?

Assenti.

— Ela está faminta.

— Vamos ter que cantar de novo? — Padma perguntou, mordendo o lábio. Eu sabia que ela estava lembrando da confusão do último canto.

— Não se preocupe — prometi, virando para ela para passar segurança. — Não vai ser como a última vez. Aquilo jamais vai acontecer de novo.

Elizabeth concordou, e Miaka estendeu o braço e segurou a mão de Padma.

— As coisas estão diferentes agora — ela disse. — Faremos o que precisarmos fazer.

Encostei no banco e fechei os olhos. Não via a hora de voltar para casa. Estive perigosamente perto de Akinli, e a presença das minhas irmãs reforçaria minha decisão de me manter longe dele.

A lembrança da textura da barba por fazer na bochecha dele foi a última coisa em que pensei antes de cair no sono.

— Acorde, bela adormecida! — A voz de Miaka me arrancou da inconsciência.

Pisquei para me acostumar com a luz.

— Quê?

— Estamos em casa!

Elizabeth bateu a porta do carro. Levantei os olhos e vi nossa imaculada casa de praia.

— Dormi a viagem inteira?

Miaka sorriu para mim.

— Impressionante para alguém que nem precisa.

— Foram o quê? Uns dois dias?

Ela confirmou.

— Como eu disse, impressionante.

Apesar do sorriso, havia uma pequena ruga de preocupação no rosto dela. Dormir por tanto tempo era estranho, mesmo para mim.

Miaka saltou do carro para a neblina cinza da manhã. O sol era como uma massa gigante e perolada escondida atrás das nuvens, mas ainda brilhante o suficiente para incomodar meus olhos.

Tirei a mala do bagageiro e a levei para dentro. As outras retomaram a rotina instantaneamente, como se só tivéssemos parado para conversar. Miaka pegou as tintas à procura de tons amarelos e alaranjados. Não conseguia deixar de pensar no que ela teria visto enquanto estivera fora e como aquilo a inspiraria naquele dia.

— Muito bem — Elizabeth disse, puxando Padma para o sofá. — Vamos ver se encontramos algum desses filmes de Bollywood de que você falou. — Ela pegou o controle da TV e fez uma busca.

Concluí que a viagem delas tinha sido um sucesso. Padma não chorava mais e as outras pareciam calmas. Sorri para minha irmã mais nova. Como sempre parecia acontecer com as jovens sereias, a sensação era de que ela tinha sido minha irmã desde o começo. Esfreguei os olhos para tentar me livrar da sonolência.

Tinha sonhado com Akinli e isso me deixara mais feliz. Era a única forma de mantê-lo perto, e eu repassaria todos os meus momentos com ele, os reais e os imaginados, enquanto ainda pudesse.

— Vai ser um cruzeiro de novo? — Padma perguntou nervosa, esfregando as mãos.

— Não sabemos — respondi. — Meu único conselho é: evite olhar para o rosto das pessoas. Você vai ouvir gritos de qualquer jeito, mas olhe para

qualquer outra coisa. A lua, a água, o vestido... Ajuda.

— E assim que acabarmos, voltamos e fazemos o que você quiser — Elizabeth disse enquanto acariciava o cabelo de Padma para acalmá-la.

— Não vamos embora dessa vez, vamos? — Miaka perguntou.

Fiz que não com a cabeça.

— Acho que não. Esta casa é tão isolada que ninguém nos incomoda. Talvez seja o lugar mais fácil onde já moramos.

Não sabia o que tinha acontecido na Índia, mas Padma parecia mais calma e confortável em nossa casa à beira-mar. Talvez tivesse finalmente compreendido a própria força, a nova vida. Ela ainda tinha muito tempo pela frente.

— Combinado.

— Então vai ser assim: fazemos o nosso trabalho e voltamos para cá — eu disse ao grupo. — Talvez a gente possa comemo... Bom, não comemorar, mas, sei lá, fazer algo especial.

— Temos vinho — Elizabeth lembrou.

— E mais filmes — Padma acrescentou.

Segurei a mão dela.

— Ótimo. Noite de filme então.

— *Venha. Está próximo.*

Padma lançou um olhar por cima do meu ombro em direção ao mar e engoliu em seco.

— Vamos — disse minha irmã mais nova.

Senti orgulho da coragem dela e torci para que continuasse assim a noite inteira. Padma segurou a mão de Elizabeth enquanto caminhava para a Água.

— Parece que roubaram sua melhor amiga — comentei com Miaka.

— Que nada. Ela ainda me ama. Assim como você, mesmo quando está distraída.

— Estou distraída?

Ela apertou os lábios e me encarou como quem tem certeza do que diz.

— Você passa a maior parte dos dias com a cabeça longe. Mas não te culpo. E não culpo Elizabeth por levar Padma debaixo da asa. São elas que vão passar mais tempo juntas.

Soltei um suspiro.

— Por pouco.

Miaka me cutucou.

— Vamos. Já está na hora.

Mergulhamos e tomamos a corrente que nos levaria direto ao navio. O sal pinicava quando grudava no meu corpo para fazer o vestido. Era uma rotina tão familiar que eu nem pensava nisso. Até passarmos por algum lugar no litoral sul-americano. Foi lá que me senti sufocar.

— *Socorro!* — implorei, ainda sendo puxada.

— *Que foi?*

Comecei a me debater na Água na tentativa de chegar até o ar.

— *Não consigo respirar! Socorro!*

Acho que Ela não me levou a sério. Afinal, como seria possível? Minha visão foi diminuindo até sumir, senti minha consciência escapar e meus pulmões pareciam esmagados.

Então Ela mudou a direção e me levou para cima. Emergi resfolegando, deitada sobre Ela, cuspiendo água e puxando o ar.

— *Por que você fez isso?* — Ela quis saber. — *Como?*

— *Não sei como. Não sei o que aconteceu.*

— *O que houve?*

— *Precisei de oxigênio* — respondi enquanto endireitava o corpo. Minhas pernas ainda descansavam sobre a Água, e minha cabeça estava caída de exaustão. — *Senti que meus pulmões não aguentavam mais.*

— *Não é possível.*

— *Mas foi o que aconteceu! Nunca tinha sentido nada assim.*

— *Devo chamar as outras?*

— *Não* — respondi. — *Me deixe respirar um pouco. Depois eu alcanço as três.*

Pude notar a paciência dEla se esvair enquanto eu tentava recuperar o fôlego, mas não havia o que fazer. Mesmo quando voltei a me sentir normal, meu coração acelerava ao pensar que teria que voltar para debaixo da Água. Mas eu tinha consciência de qual era o meu trabalho — e de tudo que dependia dele —, então mergulhei esperando alcançar as outras antes de começarem a se preocupar.

— *Onde você estava?* — Elizabeth perguntou.

— *Difícil explicar.* — Me sentia tonta e enjoada. Não queria que elas soubessem o que tinha acontecido.

— *Fiquei com medo de você ter desobedecido.* — Miaka falou ao me abraçar.

— *Não. Como vocês mesmas já disseram, esse não é meu forte.*

— *O que aconteceu então?*

Como explicaria a ela e às outras que não tinha sido capaz de fazer algo que todas deveríamos conseguir?

— *Depois. Por enquanto, vamos nos preparar.*

Nadei desviando das rochas pontiagudas, consciente do que estava à espera bem debaixo de nós. Mas duvidava que o navio ao longe soubesse.

Me estiquei na Água, me sentindo péssima por ter perdido o fôlego.

Miaka ajoelhou atrás de mim, e Elizabeth abraçou Padma, que murmurava para si mesma:

— Não olhar para os rostos, não olhar para os rostos, não olhar para os rostos...

A canção preencheu o céu vazio conforme nossas vozes se erguiam na noite. Olhei para a bela luz das estrelas enquanto o navio colidia com as rochas a bombordo e tombava por causa da velocidade.

— Linda garota! — um homem gritou com a voz alegre enquanto nadava em nossa direção. Não o vi, mas a voz foi engrossando em gargarejos

conforme a água entrava pela boca dele. — Lin-da — ele entoou algumas vezes, então se calou.

Esperei o silêncio, a certeza de que tínhamos atingido cada alma, mas antes de as vozes dos passageiros sumirem, a minha falhou.

Tossi algumas vezes na tentativa de forçar a garganta, mas foi em vão. Movi os lábios com a canção, já que conhecia cada nota tão bem quanto as batidas do meu coração, mas só saía silêncio. Miaka me agarrou pelo braço, Elizabeth e Padma me lançaram olhares consternados, mas todas continuaram a cantar.

O naufrágio terminou e reconheci envergonhada a facilidade com que esqueci os rostos se afogando ao meu redor. Estava preocupada demais comigo mesma para pensar nos outros. Olhei para Padma, que soluçava nos ombros de Elizabeth.

— Já acabou. Vai ficar mais fácil com o tempo.

— Os gritos são terríveis! — ela chorava.

O olhar de Elizabeth cruzou com o meu antes de ela aproximar os lábios do ouvido de Padma.

— Não foi pior do que o que você fez com seu pai.

— Mas ele merecia! — Padma berrou.

A Água se agitou sob nós e nos puxou com tudo para baixo da superfície.

— *O QUÊ?* — Ela rugiu.

Padma se agarrou em Elizabeth e eu tremi. Todo aquele trabalho para nada.

— *Eu tinha dito não. Por que fizeram isso?* — A voz saiu carregada com toda a fúria e força mortal dEla.

— *Porque você estava errada!* — A acusação de Elizabeth estourou dentro da nossa cabeça. — *Entrei na casa de Padma. Vi como o pai dela era cruel, mas agora essa lembrança já era. Nós a destruímos. Nenhuma de nós podia permitir que ela vivesse no mesmo mundo que seus*

agressores. Agora eles se foram, ninguém desconfia, e você ainda nos tem ao dispor.

— *Kahlen, você sabia?* — Ela pareceu magoada diante da possibilidade da minha traição.

Olhei para cada uma das minhas irmãs, me perguntando o que aconteceria comigo.

— *Sim. Não fui com elas, mas ajudei.*

— *Era para você não deixar isso acontecer!*

— *Eu não conseguia viver com a tristeza de Padma. Ela voltou muito melhor. Agora a segunda vida dela é pra valer. Ela venceu os próprios demônios e é inteiramente sua.*

Senti o calor da raiva dEla nos envolver. Suas ondas batiam contra nosso corpo.

— *O que vou fazer com vocês?*

— *Vai nos condenar a mais tempo?* — Elizabeth caçoou. — *Que inteligente seria! Manter quatro rebeldes presas ao seu lado. Ou melhor ainda: mate todas nós! Quem serviria a você?*

— *Não, não poderia acabar com todas vocês* — a Água concordou com um tom frio e mortal na voz. Ela arrancou Padma dos braços de Elizabeth, apertando-a. Padma gritou, tentou mover os braços, mas estava completamente imobilizada.

— *Não!* — supliquei.

— *Pare!* — Elizabeth insistiu.

Miaka estava em choque. Seus pensamentos saíam como sons distorcidos em vez de palavras.

— *Prestem atenção: não posso acabar com todas de uma vez, mas sinto a devoção que têm por ela. Quebrem minhas regras de novo e ela vai pagar o preço.*

Elizabeth contorceu o rosto de raiva à espera de que Padma fosse devolvida.

— *Alguém mais tem algo a confessar?*

Quis ocultar Akinli com outros pensamentos, preocupada de acabar revelando alguma coisa errada. Afastei a lembrança da minha última viagem a Port Clyde, enterrando-a sob lembranças mais antigas dele.

— *Sinto saudade dele* — pensei, na esperança de que isso mascarasse meus outros pecados.

— *Eu sei.* — Ela ainda estava com raiva, mas começava a se acalmar.

Baixei a cabeça, desejando que eu fosse melhor. Eu era considerada a boazinha, então não deveria ser assim?

— *Muito bem.* — Ela lançou Padma de volta para Elizabeth, que a envolveu nos braços. Miaka correu para o lado delas. — *Voltem agora. Sem desvios.*

As outras partiram, mas eu permaneci.

— *Como você pôde? Você me desobedeceu de novo!* — Dava para perceber a decepção na voz dEla.

— *Sentia a dor dela. Era impossível viver daquele jeito. Você sempre disse que nos devolvia às nossas vidas. Ela nunca conseguiria aproveitar isso enquanto soubesse que os pais estavam por aí, felizes e bem, sem pagar pelo que fizeram.*

— *Sempre há pessoas cruéis, e nem todas recebem o que merecem.*

— *Sim, mas tínhamos a oportunidade de castigar duas pessoas que não seriam castigadas. Por favor, não fique brava. Ela não precisa do ódio de outra mãe.*

Senti a Água suspirar impaciente.

— *Por que você não cantou?*

— *Eu cantei! Até não conseguir mais. Não faço ideia do que aconteceu.*

— *Isso não é normal.* — Ela soava mais irritada do que preocupada. — *Você tem que conseguir cantar e nadar. É para isso que foi criada.*

— *Será que estou velha demais? Sei que ainda não completei um século, mas é possível que esteja perdendo a força?*

— Não — Ela respondeu seca. — *É mais provável que esteja me desobedecendo.*

— *Por que eu faria isso?*

— *Pelo mesmo motivo que levou você a ajudar Padma. Está com raiva de mim.*

Balancei a cabeça.

— *Sinto saudade de Akinli. Todo dia, mesmo quando tento não sentir. Mas você me deu sua palavra de que iria protegê-lo, e aceitei meu destino. A esta altura, você deveria saber que nunca ignoro suas ordens por interesse próprio.*

Ela refletiu por um instante. A vez que não cantei, a tentativa de tirar Akinli do mar, a viagem de Padma até os pais... Nada disso tinha sido só por mim.

— *É verdade.*

— *Posso me juntar às minhas irmãs? Com certeza Padma está se sentindo uma peça de um jogo agora, e quero que ela saiba que é amada.*

— Sim — Ela disse, mais calma. — *Diga que ela é amada. Não apenas por você, mas por mim também.*

Balancei a cabeça.

— *Posso dizer o que quiser a Padma, mas você deveria provar seu amor pessoalmente. Em breve.*

Segui minhas irmãs, exausta pela noite e grata por Ela ter me empurrado durante a maior parte do trajeto.

Em casa, encontrei as três no sofá. Elizabeth e Miaka abraçavam Padma entre carinhos e sussurros para tentar acalmar o choro.

— Ela não vai te matar — Elizabeth garantiu.

— Então por que disse aquilo? Deve existir algum fundo de verdade nas palavras — Padma replicou, tremendo de medo.

— Ela me pediu para dizer que te ama — eu disse baixo, com a sensação de ser mais espectadora do que participante da cena.

Padma balançou a cabeça. O rosto se contorcia de dor.

— Sei que não parece. Às vezes o amor dEla é uma tortura. Mas é real. Às vezes sinto até demais a atenção que Ela nos dá, mas a Água não faz ideia de como erra feio quando tenta demonstrar Seu amor.

Esfreguei as têmporas, tentando processar toda a estranheza daquele dia.

— Kahlen tem razão — Miaka disse, balançando a cabeça. — É inevitável. Mas Ela demonstra tão mal que às vezes parece ódio.

— Vocês estão tentando justificar o que Ela fez hoje? — Elizabeth perguntou, nervosa.

Miaka levantou.

— Não. Só estou tentando entender como Ela pode nos tirar tanta coisa e ainda achar que está sendo carinhosa.

— Não é como se Ela tivesse um semelhante com que praticar — comentei enquanto cutucava o sal do vestido. Quase senti pena dEla.

— Não quero voltar para a Água — Padma disse preocupada. — Não quero que Ela me machuque.

Elizabeth continuou a abraçá-la.

— Ela não vai. Porque vamos ser tão perfeitas daqui para a frente que Ela jamais terá motivo. Prometo.



ACORDEI COM O SOL BAIXO. Tinha dormido o dia inteiro, mas continuava me sentindo tonta, como se precisasse dormir ainda mais. Minha garganta e meu peito doíam, e me sentia quente e zozza.

— Miaka — chamei debilmente. — Miaka.

Em segundos, ela entrou correndo no meu quarto, alertada pelo tom preocupado da minha voz.

— O que aconteceu? Você está bem?

— Me sinto fraca. Mal consigo levantar.

Ela passou para o meu lado da cama, com um misto de preocupação e dúvida no rosto, e pôs a mão na minha testa.

— Kahlen, você está queimando de febre. Como pode? Devia ser impossível você ficar doente!

— Eu sei. Mas não é a primeira vez que algo assim acontece. Lembra da volta da Flórida? E ontem... — Fiz uma pausa, quase envergonhada de pronunciar as palavras. — A caminho do navio. Me atrasei porque não conseguia respirar. A Água teve que me levar para a superfície.

— E você também não conseguiu cantar até o fim.

Fiz que sim.

— Você pode me levar para a Água? — pedi.

Apesar dos nossos desentendimentos, ansiava por um abraço da Água. Ela poderia me ajudar, eu tinha certeza.

— Espere um pouquinho. Elizabeth!

Miaka correu para chamar nossa irmã. As três entraram no quarto cochichando, e Elizabeth arregalou os olhos quando me viu, chocada.

— Você está péssima!

— Me ajudem? Por favor? — grunhi com a garganta seca.

Miaka e Elizabeth me levantaram, cada uma me segurando de um lado, enquanto Padma ficou à frente de braços estendidos para garantir que eu não caísse. Caminhei sozinha, mas, se elas não estivessem comigo, com certeza teria caído mais de uma vez. Fomos até a Água, todas gritando por socorro.

— *O que houve?* — Senti as ondas agitadas de preocupação quando mergulhamos um pouco abaixo da superfície.

— *Alguma coisa está errada com Kahlen* — Miaka disse.

Como estávamos no mar, elas puderam me soltar e eu boiei sobre a Água, que me abraçava como uma mãe.

— *Estou muito cansada.*

— *Olha a pele dela* — Elizabeth disse. — *Está tão pálida... E ela dorme o tempo todo, como se precisasse.*

— *Ela está com febre também* — Miaka acrescentou. Eu percebia claramente que a minha temperatura não estava normal. Dava para sentir a Água esquentar ao redor do meu corpo.

Padma teve coragem de entrar no mar com a gente, mas permaneceu atrás de Elizabeth, como se pudesse se esconder. Os olhos de Miaka eram cuidadosos, observadores, mas as outras não conseguiam esconder a preocupação.

A Água me examinou. Levantou meus braços e me pediu para piscar.

— *Não é desobediência?*

— *Não* — pensei. — *Não consigo controlar.*

Ela se afligiu.

— *Isso nunca aconteceu antes. Não sei o que fazer.*

— *Talvez ajudaria se ela passasse um tempo com você* — Elizabeth sugeriu.

— *O que foi, Miaka?* — a Água perguntou de repente.

— *Nada* — minha irmã respondeu, embora parecesse mesmo esconder alguma coisa.

— *No que você estava pensando?*

— *Em nada* — Miaka insistiu. — *Só repassando algumas ideias, nada de mais. Acho que Elizabeth tem razão* — minha irmã continuou, nadando até mim. — *Voltamos aqui de hora em hora para ver como você está, até você querer voltar para a cama.*

Não quis comentar o quanto me incomodou ela ter dito “voltar para a cama” em vez de “voltar para casa”. Era como se ela soubesse que eu não ia ficar de pé sozinha tão cedo.

— *Tudo bem.*

Elas foram embora a fim de preparar a casa para a irmã debilitada.

— *Desculpa. Não sei o que está acontecendo.*

— *Há quanto tempo você se sente assim?* — A Água soava desconfortável, como se suspeitasse de algo e não quisesse falar.

Franzi a testa enquanto tentava lembrar.

— *Fiquei assim aos poucos. É difícil dizer.*

Ela então me aninhou em Si.

— *Apenas descanse. Estou aqui.*

Eu estava tão exausta que segui o conselho. Era tão irreal me sentir tão amada. Bem ali, entre a rigidez da Água e Sua necessidade absoluta de manter a ordem, eu A escutava pensar sobre o que sacrificaria para me manter viva. Um sentimento tão envolvente que bastou para que eu dormisse.

Acordei com Miaka tocando meu ombro.

— *Ei. Achamos que seria uma boa você comer. Se a sua força está diminuindo, talvez uma refeição ajude. Humanos precisam se alimentar.*

— *Não sou humana.*

Miaka sorriu.

— *Claro que é. Lá no fundo.*

— *Talvez o calor também ajude* — a Água acrescentou. — *Quero ser informada de tudo.*

— *Claro. Padma está com muito medo para vir sozinha, então provavelmente Elizabeth vai vir.*

— *Tudo bem, mas não demorem demais.*

— *Não vamos demorar.*

Miaka passou o braço por baixo do meu e me levou para casa.

— Está se sentindo melhor? — ela perguntou enquanto subíamos a encosta.

— Não me sinto pior, mas com certeza não me sinto indestrutível agora.

— Você não vai morrer. Não é possível.

— Esse tem sido o tema da minha vida ultimamente. E ainda é.

Em silêncio, Miaka me levou para dentro. Elizabeth estava na cozinha com um avental na cintura e uma concha na mão, despejando sopa numa tigela.

— Oi! — ela me cumprimentou, animada. — Fiz canja de galinha. Dizem que cura qualquer coisa.

Elas me vestiram com uma legging confortável e um casaco enorme que ainda estava com a etiqueta antes de me sentarem no sofá. Deixaram uma bandeja pequena na minha frente e, embora eu não quisesse comer, o medo no rosto delas me fez enfiar arroz, cenouras e tempero goela abaixo. Não consegui comer muito, mas eu não tinha sido feita para comer mesmo.

Quando disse que não queria mais, elas se entreolharam.

— Acho que é hora de contar pra ela — Miaka disse. — Ela precisa saber a história toda.

— Que história? — perguntei, imaginando o que elas estariam escondendo de mim.

— Eu não contei nada — Miaka jurou, sentando num pufe do outro lado da sala. — Elas descobriram sozinhas.

Franzi a testa.

— Descobriram o quê?

Elizabeth enfiou a mão no bolso da calça e sacou uma folha de papel.

— Ele.

Quase desmaiei ao ver o desenho dos olhos de Akinli.

— De onde você tirou isso?

— De você. Você jogou fora, lembra?

Fechei os olhos. Eu lembrava.

— É só um desenho. Bem ruim, por sinal. Nada perto do que Miaka faz.

Elizabeth fez que não com a cabeça.

— É bem mais do que um desenho. Eu o vi.

Perdi o chão.

— O que você quer dizer?

— Você fez esse desenho. Disse que estive numa cidade pequena, Port Clyde. Tudo o que sempre quis foi se apaixonar, e voltou numa depressão tão profunda que logo saquei tudo. Miaka só teve que confirmar.

— Como...? Me esforcei tanto... — Mal conseguia pensar de tão chocada.

— Quando estávamos em Nova York, você chorou por dois dias e apagou. Enquanto dormia, repetia a mesma palavra o tempo todo: “Akinli”

— Elizabeth disse, observando o desenho. — Primeiro pensei que fosse uma palavra inventada. Então pensei que fosse o nome de uma cidade ou de um prédio... Não percebi que se tratava de uma pessoa até você fazer isto. — Ela apontou para o papel gasto de tanto ser dobrado e desdobrado.

— Quando Elizabeth veio me perguntar, tive que contar a verdade, e decidimos encontrar o garoto. Você tinha dito o nome da cidade. Fomos para lá procurando um garoto chamado Akinli parecido com esse desenho

— Miaka explicou com um sorriso triste. — A cidade era pequena. Não foi difícil.

Lágrimas brotaram nos meus olhos.

— Vocês o viram de verdade?

Ambas confirmaram. Pensei em todas aquelas viagens, nas histórias que inventaram para saírem sem que eu soubesse.

— Como ele está? — perguntei, incapaz de conter a curiosidade. — Está bem? Voltou para a faculdade? Ainda mora com Ben e Julie? Está feliz? Dava para perceber? Está feliz?

As perguntas desabaram uma atrás da outra. Não conseguia segurar. Estava desesperada para saber. Minha sensação era de que uma única palavra bastaria para trazer conforto à minha alma.

Elizabeth engoliu em seco.

— Esse é o problema, Kahlen. A gente acha que ele está morrendo.

Elas disseram à Água que eu tinha comido, sem mencionar que coloquei tudo para fora pouco depois. Disseram que eu ainda estava acordada, sem comentar que era porque não conseguia parar de chorar. Essas meias verdades serviriam por ora, embora eu soubesse que Ela logo descobriria que eu estava bem pior do que imaginava ser possível.

— Como vocês sabem que ele está morrendo? — perguntei. — Não faz sentido. Ele era saudável. É câncer?

Essa parecia a única opção, um assassino silencioso que atacava até o mais forte dos humanos, derrubando-o de surpresa.

Miaka fez que não com a cabeça.

— Fizeram exames. Consideraram um monte de coisas.

— Mas como vocês sabem disso?

— Seguimos Akinli até o médico e ficamos na sala de espera; ouvimos o primo dar as notícias aos amigos no cais; marcamos uma hora com Julie...

Aliás, acho que ela sente sua falta.

— SÉRIO?

Minha dor até diminuiu um pouco enquanto eu tentava processar aquela informação.

— Fingi ser surda, claro, e não esperava que ela fosse falar nada. Mas falou sozinha sobre como eu parecia com uma garota linda que ela conhecia e que não falava. Comentou como foi bom ter outra garota em casa e como tinha medo de você ter se afogado.

Soltei um suspiro.

— Então é isso que eles acham que aconteceu comigo. Faz sentido.

— Mas a questão é a seguinte, Kahlen: os sintomas dele são parecidos com os seus. Ele está fraco e pálido. Está de cadeira de rodas.

Levei a mão à boca.

— Está cheio de hematomas, porque qualquer coisa o machuca: dormir, sentar, qualquer movimento. Os médicos não sabem o que fazer.

— Então estamos... doentes.

— Sim. Não sei como é possível vocês terem a mesma doença, principalmente porque em tese você não fica doente. Mas estou pesquisando. Se conseguirmos descobrir o nome, talvez encontremos alguém que saiba como tratar.

— Miaka... ele vai morrer disso?

Ela deu de ombros, desconsolada.

— Não sei. Nunca estudei medicina. Mas parece cada vez pior. Talvez você tenha aguentado melhor até agora por ser sereia. Pelo que entendi, ele começou a ficar assim uns três meses depois que vocês se separaram.

Baixei a cabeça. Tentei imaginar Akinli numa cadeira de rodas durante quase um ano por causa de uma doença inexplicável.

— É contagioso, então? Peguei dele?

Ela deu de ombros.

— É o nosso palpite. Estou pesquisando agora.

— Posso ajudar?

Ela inclinou a cabeça com um ar carinhoso.

— O que você precisa fazer é descansar. Precisamos que você fique o mais forte possível para estar pronta quando descobrirmos a cura.

— Como você sabe que vai encontrar a cura um dia?

Ela me encarou com o olhar cheio de determinação.

— Kahlen, tenho pena de qualquer um que se meter no meu caminho até o antídoto. Porque sou fatal. E, pela primeira vez em todos os tempos, acho que vou ter a autorização da Água para eliminar quem me atrapalhar.

Engoli em seco. Ela provavelmente estava certa.

— Me leve até Ela. Vou descansar lá. Vai ser melhor para vocês se eu ficar fora do caminho.

Foi Elizabeth quem me acompanhou até a praia enquanto Miaka permanecia concentrada nas pesquisas.

— Ouça, Kahlen, vamos descobrir o que é isso.

— Eu sei. Confio em vocês.

Elizabeth abriu um sorriso.

— Desculpa não ter contado para onde fomos quando desaparecemos. No começo tínhamos esperança de encontrar Akinli primeiro e então contar a você como ele estava, para te animar. Quando vimos como ele estava mal, preferimos esperar que ele melhorasse. Mas...

— Mas vocês viram que ele não estava melhorando.

Ela confirmou com a cabeça.

— Sinto muito.

Paramos bem à beira do mar e ela continuou me segurando. Eu estava cansada demais para chorar.

— Sei que não devia doer — eu disse. — Porque ele nunca poderia ser meu de qualquer jeito. Sei que toda vida chega ao fim e que não é o tempo que temos que a torna preciosa. Mas meu coração dói. Só queria a felicidade dele.

— O que dificulta as coisas para nós. Porque queremos a sua felicidade, que depende da dele.

Respirei fundo entre soluços.

— A vida não faz sentido. O amor não faz sentido. E ainda assim, será que eu viveria cada segundo de tudo isso de novo?

— Acredito que sim.

— Sem dúvida. Sim. Sim todas as vezes.

Ela sorriu para mim, para nossas vidas inúteis, e me ajudou a mergulhar.

— *Estava esperando notícias! É uma doença?* — A Água quis saber assim que o pé de Elizabeth tocou as ondas.

— *Miaka está pesquisando. Ainda não temos muitas respostas...* — ela respondeu.

— *Não é verdade* — interrompi, encarando minha irmã. — *Me deixe sozinha com Ela. Vou contar tudo o que sabemos.*

— *Se é o que você quer* — Elizabeth bufou.

Ela me deixou na Água com a maior delicadeza possível sem abrir mão da rapidez.

Eu sabia que ela estava preocupada consigo mesma, com Padma, mas aquela não era hora de guardar segredo.

— *Estou captando trechos dos seus pensamentos, mas estão muito dispersos.*

— *Desculpa.* — Um calafrio percorreu meu corpo. — *Ainda estou tentando organizá-los.*

— *Comece por Nova York. É o que vejo.*

Criei coragem.

— *Contei a Miaka sobre Akinli e o que aconteceu em Port Clyde. Pensei que tivesse escondido tudo das outras, mas parece que disse o nome dele durante o sono, desenhei um retrato dele sem pensar, e então comentei sobre a cidade. Elas perceberam que esse era o motivo da minha tristeza e partiram para me trazer notícias dele.*

— *Ah, então convivo com mais mentiras do que esperava.* — A voz dEla saiu carregada de censura.

— *Sim. Mas talvez você se alegre com essas mentiras.*

— *Como assim?*

— *Seja lá o que tenho, Akinli também tem* — informei. — *Então existe pelo menos mais um caso.*

Houve uma pausa longa e tensa.

— *Impossível.*

— *Ele tem os mesmos sintomas que eu. Ou seja, sabemos por onde começar. Se foi ele quem me passou a doença, podemos deduzir que é transmissível e forte. Também sabemos que os médicos estão à procura de respostas. Miaka está atrás de outros casos para ver se conseguimos chegar à origem da doença. As mentiras delas podem salvar minha vida.*

Ela suspirou aliviada.

— *Suas irmãs se preocupam com você, embora eu acredite que estejam erradas. Vou ignorar a desobediência.*

— *Obrigada.* — Meu corpo parecia pesado, como se eu estivesse prestes a afundar na areia a qualquer momento.

— *Você precisa de mais alguma coisa?*

— *Dormir.*

— *Claro.*

A Água se tornou minha cama, e produziu uma tensão sob o meu corpo para que eu ficasse confortável.

Tentei descansar, mas, por mais exausta que me sentisse, o sono não vinha. Por tanto tempo tinha sentido que a vida estava fora do meu controle. Naquele momento, ela realmente estava. Não era uma questão de liberdade ou de escolha, mas de sobrevivência. E não havia nada que eu pudesse fazer.

Odiava não ajudar na pesquisa, mais pela dor de Akinli do que pela minha. Quase um ano naquele sofrimento. Quanto tempo mais ele

aguentaria? Se o *meu* corpo estava sucumbindo, como...

Engasguei. Quando tentei respirar, engoli ainda mais água. Com a pouca energia que tinha, tentei nadar para a superfície. Mas sem dizer nada, a Água notou minha luta e me empurrou na direção do ar.

— *Miaka! Elizabeth! Padma!*

Fiquei estirada na superfície, vomitando água e a pouca comida que minhas irmãs me fizeram engolir. Definitivamente não queria mais saber de comer.

Eu estava perto o suficiente da casa para ver as garotas correndo. Quando tocaram a Água, Ela se solidificou para que pudessem chegar até mim mais rápido.

— Kahlen?! — Padma gritou.

— Ela está respirando! — As palavras de Elizabeth ecoaram até o meu ouvido.

— *Levem-na de volta. Ela não pode ficar comigo. Não consegue respirar em mim.*

Padma soltou um suspiro de espanto.

— Ah, não!

— É pior do que pensei — Miaka sussurrou.

Eu teria dito que ainda conseguia ouvi-la, mas falar me custava demais.

Elas me levantaram sem esforço e me carregaram pelo Pacífico até em casa. Reconheci o calor do chuveiro, o conforto das roupas limpas e a maneira carinhosa com que Padma me cobriu, mas eu estava tão exausta e tão assustada que nem consegui agradecer.



NO DIA SEGUINTE, eu já era capaz de sentar na cama. Sentia que poderia andar se fosse preciso, mas não tinha vontade de me mexer. Estava segura e aquecida, embora pouco confortável. Tinha plena consciência da corda que me atava a Akinli. E agora, mais do que nunca, sentia a tensão entre nossos corpos, separados em lados diferentes do país, com dores semelhantes.

Talvez fosse uma conexão presente desde o começo, ou talvez só surgira quando decidi ir para Port Clyde escondida. Havia momentos em que sentia algo similar a um hematoma latejante, e tinha certeza de que era a fraqueza dele ecoando em mim.

Semanas se passaram e os acontecimentos giravam ao meu redor. Enquanto permanecia na cama para conservar o resto de energia que ainda tinha, a Água pedia notícias constantemente. Ela ouvia os pensamentos de todos que nadavam num lago ou caminhavam perto das ondas. Quando os pescadores mergulhavam a mão no mar ou quando namorados sentavam à beira de um cais para trocar carícias, lá estava Ela. Ninguém mencionou nenhuma epidemia misteriosa e recente que roubava a vitalidade das pessoas e paralisava o corpo.

— *Estou à procura.* — Sua voz garantia, ecoando pelas paredes. — *Estou buscando respostas.*

Era uma pena que eu não pudesse responder à Água. Dava para ouvir a preocupação inimaginável e a agonia dEla porque eu, sua serva mais velha, definhava.

E mesmo assim, ainda tinha a sensação de que Ela escondia algo. Havia alguma coisa na Sua voz, como se Ela suspeitasse de uma coisa em que não queria acreditar. Eu tinha medo de perguntar. E se Ela soubesse que não havia cura?

Miaka me obrigou a subir na balança pela terceira vez na semana.

— Menos um quilo de novo. Como é possível você perder peso?

— Por favor, não me faça comer de novo.

Ela me tirou da balança, o que me fez pensar em como eu devia estar raquítica para ser erguida com tanta facilidade.

— E se te déssemos só líquidos? Muitos pacientes têm que recorrer a uma dieta líquida.

Pacientes? Havia muitas palavras que eu não gostava de usar para me definir. “Assassina”, “fictícia”, “cruel”... “Paciente” também entraria na lista.

— Como você sabe? — perguntei com a cabeça apoiada no ombro dela enquanto saíamos para o corredor.

— Porque faz um mês que estou parada na frente do computador tentando descobrir o que você tem.

Ela me pôs na cama de novo. Fazia um silêncio estranho na casa. Eu tinha me acostumado com os suspiros impacientes de Elizabeth e as fungadas baixinhas de Padma. Elas também se revezavam nas pesquisas, mas não tinham a mesma disciplina que Miaka.

— Onde estão as outras? — perguntei.

— Conferindo como Akinli está.

Padma havia se juntado a Elizabeth e Miaka na tarefa de monitorar a saúde dele.

Senti meu coração bater um pouco mais rápido.

— Sério?

— Sim. E com o consentimento da Água. Estou vasculhando por toda parte. Procuo pistas na OMS, fico atenta a rumores na internet, e até

acompanho as notícias de países em desenvolvimento para ver se encontro alguma doença semelhante à que vocês têm. Até agora nada. As outras foram se informar como ele está e, se possível, trazer o prontuário dele.

— Elas podem acabar na cadeia.

Miaka deu de ombros.

— Elas podem sair da cadeia.

Deixei escapar um riso solitário, sentindo que meus lábios tiveram que se esticar demais para isso.

— É provável.

— Precisamos saber qual é o diagnóstico dele, se é que existe um. É complicado, mas pode nos ajudar a curar você.

— Mesmo que o tratamento dele não esteja surtindo efeito?

Minha irmã suspirou.

— Vamos resolver isso para vocês dois.

Miaka afastou meu cabelo do rosto num gesto tão carinhoso que meu coração derreteu. Eu tinha ficado muito feliz quando ela entrou na irmandade. Sabia que a Água não tinha método para escolher sereias, mas quando Miaka se juntou a nós, tive a impressão de que era um presente para mim. Ela aliviou bastante a perda de Marilyn, e seu jeito tranquilo na época era perfeito para mim. Ela me manteve de pé por muito, muito tempo.

— Kahlen, pense com carinho na dieta líquida, por favor. Acho que um pouco de calorias faria um bem enorme para o seu corpo.

Eu odiava não deixar que ela me ajudasse, mas a minha expressão revelou meu ceticismo:

— Sou uma sereia. Mais do que um ser humano, mais do que uma garota. Não dá para curar o que eu e Akinli temos, seja lá o que for, com alimentação, que é uma necessidade humana.

Miaka respirou fundo, pronta para criticar minha postura, com uma expressão preocupada, mas parou de repente.

— Ah! Por que não pensei nisso antes?

— Nisso o quê?

Os olhos dela brilharam de entusiasmo. Ela levou a mão à boca e as engrenagens do seu cérebro começaram a girar.

— Estamos fazendo tudo ao contrário. Você tem razão. Você é uma sereia! Pensamos que Akinli tinha passado para você, então estávamos à procura de uma doença. Mas talvez tenha começado com você!

— Comigo?

— Claro! E se tivermos que tratar Akinli de algo que faz mal para as sereias? E se, ao curarmos isso, curarmos você?

Olhei para o vazio, tentando primeiro superar a culpa de talvez ter causado a doença de Akinli, depois tentando entender o que aquilo significava.

— Miaka... é brilhante. Só tem um problema.

— Qual?

— O que faz mal para sereias?

Os ombros da minha irmã caíram na hora.

— Boa pergunta — ela admitiu, batucando os dedos no queixo. — Preciso conversar com a Água. Ela *tem* que saber. Já foi servida por tantas sereias! Se há uma doença que nos atinge... Tudo bem se você ficar sozinha por um tempinho?

— Claro.

Ela saiu correndo, impulsionada por uma necessidade urgente de respostas.

Soltei um longo suspiro. Me amaldiçoei por talvez ser culpada pela doença de Akinli. Claro que eu dava valor à minha vida; tinha muitas esperanças para ela. Mas me comparava com ele e pensava em todo o mal que já tinha feito a tanta gente — não apenas ao matar as pessoas, mas ao forçar seus entes queridos a viver sem elas. Desejava que, se só um de nós pudesse ser salvo, que fosse ele.

Até então, minha existência só tinha me trazido tristeza. A dele tinha potencial para trazer muitas alegrias.

Fechei os olhos e foquei os pensamentos em Akinli. *Sinto muito*, disse à última imagem que tinha dele, o garoto saudável e feliz que me beijou na praia.

Quase instantaneamente senti uma onda de afeto percorrer meu corpo. Era como se Akinli estivesse próximo, como se pudéssemos cair nos braços um do outro. Com esse conforto, me deixei levar pelo sono de novo.

— Sem diagnóstico — Elizabeth disse ao jogar as cópias encharcadas do prontuário de Akinli sobre a mesa. — Fizeram exames para investigar câncer, falhas no fígado, disfunções na tireoide, todas as possibilidades. Até cogitaram depressão e luto, duas possibilidades bem plausíveis já que os pais dele morreram. Ainda mais se ele sente tanta saudade de você quanto você sente dele.

Sentei, me cobri com os cobertores e encarei a pilha de papéis.

— Como vão pagar por tudo isso? — me preocupei em voz alta.

Elizabeth revirou os olhos.

— Claro que é nisso que você pensa. Não se preocupe. Vamos arranjar uma doação anônima.

Assenti. Ao menos podíamos fazer isso.

— Vocês o viram? — perguntei, tentando não soar ansiosa demais. Em segredo, desejei que elas o tivessem ouvido falar de mim ou coisa parecida, embora soubesse que era improvável. — Ele está com uma aparência melhor?

Padma fixou os olhos no chão com ar de culpa, como se tivesse vergonha. Depois, tirou algumas fotos do bolso. Tomei-as da mão dela, ansiosa e nervosa ao mesmo tempo.

Reconheci os olhos azuis, o cabelo loiro bagunçado que despontava sob a touca de tricô que ele claramente precisava para se manter aquecido. Mas suas bochechas estavam angulosas pela magreza, e o rosto tinha um brilho difuso, ainda aceso, mas quase nada.

— Ah, não... — gemi, levando a mão à boca. Lágrimas quentes encheram meus olhos. — Não, Akinli.

As fotos tiradas da floresta em frente à casa dele mostravam que Ben e Julie tinham instalado uma rampa para cadeira de rodas que destoava por completo do resto da bela casa antiga.

— Estavam levando ele para um passeio. Chega a ser incrível, Kahlen — Elizabeth começou, e eu a encarei, confusa. O que podia haver de fascinante na incapacidade de andar do garoto que eu amava? — Mesmo nesse estado, todos que o viram estavam animados com a presença dele. Essa velha com o jardim bagunçado...

— A sra. Jenkins — completei com um sorriso.

— Isso. — Elizabeth sorriu também, sem demonstrar surpresa por eu saber o nome da velhinha. — Ela deixou uma bandeja de biscoitos no colo dele. Ele comeu um ou dois e deu o restante para as crianças perto do cais. Chegamos bem perto — ela continuou, apontando novamente para as fotos para que eu avançasse. — Akinli disse às crianças para não deixarem a velha saber que ele tinha dado os biscoitos. Não queria que ela ficasse chateada.

Balancei a cabeça.

— É a cara dele — comentei.

— Acho que fizemos um grande progresso enquanto vocês estiveram fora — Miaka começou com ar sério e prático. — Não me surpreende que o prontuário não diga nada. Começamos a pensar que não seja um caso médico, mas mítico.

Padma e Elizabeth trocaram um olhar, confusas.

— Estamos tentando curar Kahlen de uma doença humana. Mas ela não é humana, e não estamos chegando a lugar nenhum. Começamos a achar que não foi ele que passou alguma coisa para Kahlen, mas sim Kahlen que o deixou doente.

— Hum... — Elizabeth ruminou, intrigada e confusa ao mesmo tempo.
— Mas o quê? Como?

— Eis a questão. Perguntei à Água, mas Ela não tinha a resposta. Disse que isso nunca tinha acontecido. Então vamos mudar o foco: não vamos procurar um diagnóstico da medicina humana; vamos procurar uma história de sereia. Em algum lugar deve haver um indício de algo capaz de matar um humano e uma sereia ao mesmo tempo sem afetar as pessoas ao redor ou a própria Água.

Padma fez que sim com a cabeça.

— Eu ajudo, apesar de saber muito pouco comparada a vocês.

— Não se preocupe — Miaka começou. — No momento, todas nós não sabemos nada.

Fui levada de volta para a cama enquanto Elizabeth dirigia até a cidade para pegar livros na biblioteca e Miaka vasculhava a internet em busca de pistas.

Ninguém reparou que fiquei com as fotos e que apoiei uma delas no meu abajur — em que o rosto de Akinli aparecia mais de perto.

Vamos dar um jeito nisso, prometi. Não vou deixar você naufragar.

Fitei os olhos cansados dele, onde eu ainda enxergava beleza. Independente do que acontecesse, eu tinha encontrado a pessoa para mim, minha alma gêmea, apesar da idade, da distância e da impossibilidade. Encarei a foto como se estivéssemos tirando um cochilo lado a lado. E podia jurar que ouvi a voz de Akinli dizendo “Venha logo”.



MIAKA EXAMINAVA CADA DETALHE de todas as pinturas de sereia que encontrava, revirando toda a história da humanidade para achá-las. Ela ampliou alguns e pendurou na parede. Em um caderno, analisava cores, simbolismo e contexto histórico. Procurava descobrir quem eram os donos das obras, para saber se tinha sido feita por encomenda ou se era apenas fruto da inspiração do artista.

Por muito tempo não entendi por que Miaka fazia aquilo. Como a arte nos ajudaria?

— Talvez alguém tenha visto uma de nós — ela tentou explicar. — Quem sabe por acaso ou um sobrevivente que Ela não pegou. Talvez exista um registro. Não sei. Estou aceitando qualquer coisa.

Elizabeth encontrou referências a nós em alguns filmes a que assistiu repetidas vezes à procura de semelhanças. Para mim, aquilo parecia tão irrelevante naquele momento como tinha sido quando eu mesma tentara pesquisar sobre sereias. Mas Elizabeth não era estudiosa; era uma lutadora. E na falta de alguém contra quem lutar, aquilo era o melhor que podia fazer.

E Padma... A doce Padma começou a ler cada mito, fábula e conto de fadas. Muita gente ignorava as verdades contidas nos livros infantis.

Mantive minha pesquisa anterior sobre sereias em segredo. Não queria que minhas irmãs soubessem que eu estivera em busca de uma rota de fuga. Mas talvez eu devesse ter falado alguma coisa. Ao ver todas nós amontoadas, aprendendo coisas sobre nós mesmas que a Água jamais

ensinara... Fazia tempo que não ficávamos tão próximas, e senti vontade de chorar ao pensar que talvez só tivesse chegado a amar minhas irmãs à beira da morte.

Com elas descobri muito mais do que conseguira sozinha. Lemos sobre as *rusalki* eslavas, que eram almas de mulheres que se afogavam em rios ou córregos e os assombravam. Sobre as ondinas dos romanos, que não tinham alma mas podiam ter se casassem com um mortal. Sobre as melusinas de cabelo comprido e caudas encantadoras. Sobre as náiades, que só viviam em água doce, além dos vários deuses gregos dedicados exclusivamente à Água. Ainda assim, não importava o quanto avançássemos e nos perguntássemos se algum daqueles mitos seria uma referência a nós; não encontramos nada capaz de explicar minha doença.

Eu lia entre os acessos de sono irresistíveis. No começo, fiquei tão frustrada quanto no passado. Havia trechos que eu sabia que eram verdade: a quantidade de sereias, o canto, a morte inevitável. Mas o resto parecia ficção, coisas inventadas pelos homens para nos descrever como mulheres sem coração que existiam para seduzi-los, ideia que aparecia nos mitos sobre outras criaturas aquáticas também. Sempre mulheres, todas com desejos destrutivos.

Mas eu tinha um coração. Eu tinha um coração que estava se desmanchando.

Era nisso que estava pensando quando peguei uma antologia de contos. Reconheci o título, embora nunca tivesse lido. O livro tinha sido publicado mais ou menos na época em que eu fora transformada. Abri no texto de Franz Kafka chamado “O silêncio das sereias”. Tinha menos de duas páginas, mas mesmo assim eu não conseguia parar de pensar nas palavras, na ideia de que o silêncio de uma sereia era mais mortal que sua voz.

Zombei do conto no começo, mas depois não conseguia tirá-lo da cabeça. Como meu silêncio podia ser mortal? Meu silêncio era a única coisa que mantinha as pessoas vivas! Terminei a história e fui fazer outras

coisas, mas o pensamento não parava de voltar à minha mente, embora não soubesse muito bem o motivo.

Meu silêncio não tinha matado ninguém. Se a ausência da nossa canção era tão mortal, então qualquer pessoa com quem tivéssemos contato deveria estar como Akinli.

Repassei todos os laços que tinha com ele, preocupada por talvez não estar agindo com a rapidez necessária. Não foi culpa do nosso beijo, disso eu tinha certeza. Elizabeth havia ultrapassado a cota de beijos em humanos sem o menor efeito colateral. Não era o meu amor por ele, porque senão Aisling nunca teria conseguido rever Tova ou a bisneta. Então o que era? O que diferenciava Akinli das outras pessoas?

— Miaka — chamei. Minha voz estava tão rouca que me perguntei se meu canto surtiria efeito naquele exato momento.

— O quê? Está com fome? Enjoada? — ela perguntou, deixando tudo de lado para vir até mim.

— Você pode ler isso? É curto, mas algo me diz... — disse ao entregar o livro para ela, que o examinou brevemente. — Alguma coisa te ocorre?

Ela tomou o livro das minhas mãos frágeis e leu o conto muito mais rápido do que eu.

— Como nosso silêncio pode ser mais mortal do que nosso canto? — ela desdenhou.

— Exatamente.

Ela devolveu o livro.

— Vou pensar nisso.

— Deu sorte com a arte?

Ela bufou.

— Não. Na maioria dos casos somos demonizadas ou sexualizadas.

— Percebi.

— E pelo que deu pra perceber, ninguém viu uma sereia e viveu para contar a história.

— Deve existir alguém... — resmunguei ao me enrolar ainda mais nos cobertores. — Senão, como o mito teria começado?

— Bom, seja lá quem for, morreu há milhões de anos e deixou pouco mais do que já sabemos.

Suspirei. Minha mente estava exausta e senti meu coração esmorecer junto com ela.

Miaka pôs as mãos nos meus ombros. O calor era bem-vindo, mas me fez tomar consciência de como eu estava fria.

— Vamos decifrar isso, Kahlen — ela garantiu. — Sinto que estamos muito perto.

Concordei com a cabeça, embora não tivesse tanta certeza. Estava preocupada. Akinli estava ficando sem tempo, e seu corpo frágil era bem mais vulnerável do que o meu. Não conseguia parar de pensar no que aconteceria com o meu coração se o dele parasse de bater, já que a nossa doença estava interligada...

Elizabeth surgiu da sala.

— Não adianta. Não sou uma devoradora de homens — ela disse, apontando para a televisão.

— Bom, se fosse para apontar uma de nós... — Miaka começou em tom de piada.

Elizabeth esboçou um sorrisinho. A sensação de que podíamos brincar uma com a outra me ajudou.

Abri o maior sorriso que pude, que não foi muito grande, e senti uma dor aguda no canto da boca. Levei a mão até lá, na esperança de amenizar o ardor. Quando tirei a mão, havia algo vermelho brilhante na ponta dos meus dedos.

Observei o sangue horrorizada. Tinha sido pega desprevenida pela náusea e pelas febres, e a exaustão e as dores no corpo me deixavam chocadas. Mas aquilo era praticamente esfregar a mortalidade na minha cara. Pensava que ainda era incapaz de sangrar.

As garotas trocaram olhares nervosos, sem saber o que falar ou fazer. Padma trouxe um papel-toalha da cozinha e limpou minha mão e meus lábios. Todas lidávamos com o novo golpe em silêncio.

— O que não estamos enxergando? — Elizabeth perguntou desesperada. — O que não sabemos? Assistimos a todos os filmes, vimos todas as pinturas, lemos todos os livros... Já não sabemos todas as histórias?

— Bom, não — Padma disse como se o que tínhamos pulado fosse óbvio demais. — Não conheço a história dela — ela disse, apontando para mim.

— Fui transformada do mesmo jeito que você — comecei, dando de ombros. — Foi em 1933 e...

— Não, não! — Padma riu. — Estou falando da sua história com esse garoto. O que aconteceu entre vocês exatamente? Como vocês se conheceram?

— Na Flórida. Ele trabalhava na biblioteca. Nos encontramos algumas vezes. Na última vez, fizemos um bolo.

— Então vocês perderam contato?

Baixei os olhos.

— Gostei demais dele. Quando percebi que estava me apaixonando, decidi que precisava ir embora pelo bem de nós dois.

— E?

— Arrastei as garotas de Miami para Pawleys Island. Não estávamos lá havia muito tempo quando você chegou. — Fiz uma pausa para recuperar o fôlego. Estava ficando difícil respirar. — Pensei que eu estava indo bem, mas você viu o que aconteceu quando cantamos e a Água engoliu um cruzeiro com uma festa de casamento a bordo. Não consegui lidar com aquilo. Tudo o que mais queria era ser aquela noiva, e tirar a vida dela no dia em que ela conseguia o que sempre sonhei... Foi demais. Então abandonei a Água e fui para Port Clyde, onde Akinli mora. Acho que fui conduzida até lá por alguma coisa dentro de mim. Não esperava que ele estivesse lá ou que me encontrasse recém-saída do mar.

— Você passou bem pouco tempo com ele — Padma comentou ao se aproximar e apoiar a cabeça na mão para absorver aquilo tudo. Foi então que me dei conta de que Miaka tinha pegado o caderno para anotar tudo.

— Um dia. Pouco mais de vinte e quatro horas.

— Muito bem, descreva tudo — Miaka pediu. — Ele levou você para a casa dele?

Contei a ela sobre Ben e Julie, sobre como abriram a própria casa para mim. Contei sobre Akinli me fazendo café da manhã, sobre como descobri que nós dois quase morremos junto com nossos pais.

— Será que é isso? — Elizabeth perguntou. — É um ponto em comum bem estranho.

— Acho que não, mas vou anotar — Miaka disse. — E depois?

Falei da livraria, da história em língua de sinais e do sorvete.

— Vocês usaram a mesma colher ou algo assim? — Padma perguntou. — Será que isso espalharia um pouco daquele líquido que Ela pôs em nós?

Miaka balançou a cabeça.

— Vou anotar, mas é pouco provável. Se fosse simples assim, Elizabeth já teria matado dezenas de homens.

— Dezenas não! — ela protestou. — Mas é, já troquei muitos, hum, fluidos com humanos. E outras sereias fizeram o mesmo antes de nós. Nada como essa doença foi consequência.

— Como você pode ter certeza? — perguntei. — Não é como se alguma de nós tenha tido um relacionamento mais longo para saber.

— Eu... — Elizabeth gaguejou. — Havia um garoto que eu achava bem bonito. Voltei a sair com ele, meses depois do nosso primeiro encontro, e ele estava bem saudável.

— Muito bem. Registrado. Você sabe que a Água vai querer saber de tudo isto, né? — Miaka afirmou hesitante.

Elizabeth chegou a urrar ao pensar nisso.

— Tudo bem. O que mais?

Comentei da nossa breve tarde na casa dele, de como Julie estava grata pela minha presença e do nosso jantar.

— E como você foi embora?

Tive que fazer uma pausa. Pensar naquilo era quase tão doloroso quanto aquela doença desgastante.

— Ele me levou para a casa dele — comecei. — Não a de Ben, mas a que era dos pais. Ele sabia... Não sei como ligou os pontos, mas ele sabia que havia algo diferente em mim. Em vez de ter medo, se ofereceu para me proteger. Pediu que eu ficasse, e de repente achei que conseguiria ficar mesmo. Vivemos entre humanos o tempo todo, que diferença faria?

Nesse momento comecei a piscar para tentar conter as lágrimas, mas elas já rolavam bochecha abaixo.

— E então ele me beijou. Foi isso. Um beijo perfeito, atemporal. E depois, num momento de burrice completa, eu disse: “Uau!”. — Balancei a cabeça. — Os olhos dele ficaram estranhos e ele partiu para a Água. Tentei segurá-lo, mas ele ia cada vez mais para o fundo. Supliquei para Ela, prometi levar outros no lugar dele. Fico com vergonha de admitir, mas acho que faria isso se Ela pedisse. Qualquer coisa para mantê-lo vivo.

Sequei as lágrimas, envergonhada pela rapidez com que eu entregaria outras pessoas se fosse para salvar Akinli.

— Ela o deixou viver... Não era para eu contar isso a vocês, mas Ela o deixou viver. Eu o levei para a praia, dei um beijo na bochecha dele e voltei para a Água. Não o vejo desde então.

— Hum... Então nada muito bizarro, só um erro — Padma comentou.

Concordei com a cabeça.

— Esperem... O que vocês estavam falando sobre silêncio? — Elizabeth perguntou. — Vocês não estavam falando de um texto um pouco antes de eu entrar?

— Era um conto que dizia que o silêncio de uma sereia era mais mortal do que o seu canto, o que é bizarro se você...

Ela ergueu a mão para que eu me calasse e disparou:

— E se for isso?

— O quê?

— O seu silêncio.

Elizabeth estava incrivelmente empolgada, mas franzi a testa, sem conseguir acompanhar o raciocínio.

— Ele pode ser a única pessoa no mundo a ouvir a voz de uma sereia e sobreviver — ela explicou. — E se for esse o motivo da doença? O seu silêncio?

— Mas eu não poderia falar com ele o tempo inteiro — argumentei. — Aí sim ele morreria!

— Ainda que seja isso, não explica por que Kahlen também está doente — Miaka argumentou, agarrando o caderno. — Isso pode não significar nada.

Elizabeth deu de ombros.

— Mas é a nossa primeira pista de verdade.



EU TINHA UMA CONSCIÊNCIA HORRÍVEL E PARALISANTE de que a morte de Akinli estava próxima. A mesma ligação estranha que me dissera que ele não estava em Miami e que me trazia uma estranha sensação de paz me garantia isso.

Apertei bem os olhos, mas não tinha mais lágrimas para derramar. Meu corpo chacoalhou com os soluços secos. Se queria salvar Akinli, tinha que me apressar. A corda que sustentava nossas vidas e atava nossas almas estava prestes a arrebentar. Não sabia se o fim da vida dele implicaria o fim da minha, mas tinha certeza de que se meu corpo indestrutível pôde sucumbir daquele jeito, a morte chegaria cedo ou tarde.

— Ainda não entendo — falei rouca. — Se a nossa voz faz as pessoas se afogarem, por que meu silêncio estaria matando Akinli?

Miaka esfregou os olhos. Pensou, pensou e pensou.

— Não sei. Como tudo isso funciona, afinal?

— Talvez exista por onde começar. Podemos perguntar à Água sobre a nossa voz, sobre a canção — Elizabeth sugeriu, dando de ombros, tão frustrada quanto Miaka.

— Você vem comigo? — Miaka pediu a Elizabeth. — Foi você que achou que essa pista pode nos levar a algum lugar. Talvez faça uma pergunta em que eu jamais teria pensado.

— Claro — Elizabeth aceitou. — Precisa de alguma coisa? — ela me perguntou.

— Não. Tenho Padma se precisar.

Padma se aproximou de mim.

— Sempre.

— Vamos ficar bem.

Observei Elizabeth e Miaka saírem de mãos dadas.

Era tudo culpa minha. Tudo o que sempre quis foi seguir as regras, e foi isso o que recebi por quebrá-las. Minhas irmãs estavam acabadas de preocupação, eu não podia mais ir à Água e Akinli estava prestes a morrer. Tudo por minha causa.

— Desculpe ter arrastado você para essa confusão, Padma. Juro que esta vida não costuma ser tão conturbada — falei, soltando um riso fraco em seguida e secando os olhos onde as lágrimas deveriam estar.

— Não me importo. É bom ter um propósito. Sei que tenho um dever perante a Água e as minhas irmãs. Isso me satisfaz. A verdadeira questão é: o que vou fazer da vida quando você ficar boa?

— Agradeço o otimismo.

Ela apertou os lábios.

— Estou tentando. Foi difícil quando vocês me encontraram. Tive que abrir mão de muita coisa. A maioria já foi embora, e vocês me ajudaram a encontrar um pouco de paz, mas há outras coisas sobre mim que preciso reaprender.

— Por exemplo? — perguntei enquanto jogava parte do cobertor sobre ela para que pudéssemos ficar aninhadas.

— Que sou capaz de trabalhar de verdade. Que não sou um fardo. Que mereço uma chance na vida como todas as pessoas. Que é possível me amar.

Segurei sua mão.

— Ah, Padma, não é apenas possível. É inevitável. Você é preciosa para nós, e para a Água também.

— Eu sei. Por mais medo que eu tenha dEla, sinto o amor por trás da agressividade.

Apesar da raiva que eu sentia da Água pelo papel que tive de desempenhar por Ela, sabia que Ela cuidaria de Padma como cuidava de todas nós.

— Dê tempo à Água — eu disse —, e Ela será a mãe que você deveria ter tido.

— Nossas vozes são um veneno — Miaka disse.

— Veneno?

— Sim. Surtimos dois efeitos nos humanos. Primeiro, a canção os seduz para a morte. Depois, nossas vozes são tóxicas. Acho que foi isso o que aconteceu. Os vestígios da sua voz estão deteriorando o corpo de Akinli, e como o som não é sólido ou líquido, acho que os médicos não sabem pelo que procurar.

Assenti.

— Certo, veneno. E a canção? — perguntei.

Elizabeth cruzou os braços e começou a explicar:

— Agora faz sentido que ela seja composta de sons que reconhecemos sem entender direito. A canção contém um pouco de cada língua do mundo. A Água disse o que as palavras significam. É meio triste, na verdade.

Miaka recitou a letra com uma cadência leve, ecoando a melodia familiar, embora as sílabas não encaixassem direito.

Venha, lance o coração ao mar.

Sua alma se perde para outras salvar.

Beba-me até a exaustão.

Troque uma vida por um milhão.

Venha logo, beba sim.

Beba e afunde até o fim.

Beba e afunde até o fim.
Você deixa de ser, para ser mais;
Todos precisam descansar em paz.
Entregue-se à Água com bravura,
Deixe o mar ser sua sepultura.
Venha logo, beba sim.
Beba e afunde até o fim.
Beba e afunde até o fim.

Ficamos em silêncio, refletindo sobre o significado dos sons que sempre tínhamos produzido. Eu havia pensado várias vezes que se tratava de uma bela mistura de línguas, e agora sabia que era assim para que todos, independente da origem, ouvissem o chamado da morte.

— É uma cantiga de ninar para os que vão marchar para a morte — afirmei entre calafrios.

— Mas há uma promessa, e tudo é muito sedutor. “Troque uma vida por um milhão”. Quer dizer que uma morte sustenta as multidões. É de uma poesia assustadora — Miaka comentou, e dava para notar que ela estava em conflito consigo mesma. Sentia repulsa e admiração pela letra ao mesmo tempo.

— E o que isso significa? Isso nos dá alguma esperança para salvar Akinli?

Miaka mordeu o lábio.

— Não sei. Parece que falta alguma coisa. Nossas vozes são tóxicas e a canção seduz as pessoas à morte. Você não cantou para Akinli, e talvez seja por isso que ele ainda esteja vivo. Mas nada do que descobrimos explica você estar doente também.

Padma franziu a testa.

— O que mais a Água disse?

— Quando Ela explicou o funcionamento da nossa voz, pareceu concordar com o motivo da doença de Akinli — Elizabeth respondeu. — Mas quando perguntei sobre Kahlen, só disse que era impossível.

Pisquei, surpresa.

— Foi a mesma coisa que Ela me disse — falei ao recordar a conversa. Havia algo estranho na voz dEla. Um peso, uma hesitação, um tom que dava a entender que o problema não era realmente impossível, mas que Ela se recusava a acreditar.

Meu corpo parecia vulnerável e dolorido, e quando tentei levantar, o quarto girou até eu voltar a cair sem fôlego sobre os travesseiros.

— Pare com isso — Elizabeth ordenou. — O que você está tentando fazer?

Estendi os braços para minhas irmãs.

— Me levem até a Água — implorei. — Por favor.



FOI COM EXTREMO CUIDADO que minhas irmãs me retiraram da cama e me carregaram num cobertor até a Água. Eu tremia por causa do ar quase ártico, pensando que, se a vida não tivesse sido tão difícil nos últimos tempos, teria pedido para me mudar para um lugar mais quente, onde meu corpo frágil pudesse aguentar um pouco melhor.

Não tínhamos mais tempo. Minhas irmãs me contaram que Akinli não conseguia mais sair do quarto, e senti que eu mesma não estava longe dessa situação. Minha única esperança era que a Água percebesse de fato como eu estava próxima da morte e me revelasse o segredo que estava escondendo. Ela sabia de algo que não queria nos contar.

Eu tinha consciência de que era a única preocupação dEla no momento. Akinli era apenas o efeito colateral do meu erro, e se eu me recuperasse, Ela não se importaria com o futuro dele. Logo a Água saberia, se é que já não desconfiasse, que se eu me salvasse daria um jeito de salvar Akinli também. Estava cansada demais de esconder as coisas.

— Ah! — gritei ao mergulhar as pernas na água. — É como se várias facas perfurassem minha pele.

— *Espere.*

Continuamos imóveis e confusas na arrebentação. Como resolveríamos esse problema?

— *Agora. Tente de novo.*

Meus pés tocaram o mar, que, para minha surpresa, estava morno.

— *Assim vai ser mais confortável.*

— Devemos entrar? — Padma perguntou.

— Por que vocês duas não entram? — Miaka sugeriu. — Eu seguro Kahlen.

Não houve palavras no começo. Apenas uma sensação de preocupação enquanto a Água captava os pensamentos de Padma e Elizabeth.

— *Não fazia ideia de que você tinha piorado tanto. Faz tempo que você não vem até mim.* — A Água soava... assustada?

Me apoiei em Miaka. Meu peito subia e descia em uma respiração curta como a de um passarinho.

— *Vou morrer* — disse a Ela. — *Está pior agora.*

— *Você não vai morrer* — Miaka prometeu. — *Deve haver alguma coisa que não conseguimos enxergar.*

— *Ah.*

Sentia a Água revirar todos os meus pensamentos e lembranças sobre Akinli e trazê-los à superfície. Quase tudo de antes da minha transformação tinha se apagado, e a vida de sereia era tão longa que não havia muitos momentos marcantes. Mas Akinli... tudo o que se referia a ele surgia claro como um diamante.

Ela sentiu o carinho que eu havia sentido nas tentativas dele de conversar comigo na biblioteca. Sentiu como meu coração se entusiasmou quando dancei com ele perto da árvore. Viu as mensagens de texto no meu celular perdido, como minha mente voltava a ele quando nos separamos pela primeira vez. Sentiu como fui bem-vinda na casa dele, o calor de nossos corpos se tocando na livraria. Sentiu como meu primeiro beijo foi mágico. Aquele beijo ainda parecia tão belo... Um milagre que deveria ser guardado numa redoma de vidro e admirado pelas multidões.

E, como não pude mesmo segurar, Ela viu como eu sentia saudade dele. Eu a senti se encolher diante da tristeza que eu tentava combater, pelas minhas irmãs e por Ela.

Se não fossem os soluços entrecortados, não teria percebido o choro de Miaka. Ela balançava a cabeça e cobria a boca enquanto mantinha a outra mão firme nas minhas costas para me apoiar.

— Miaka?

— Desculpa. Culpei você todo esse tempo por não sair dessa situação que te deixava mal. E agora que senti... Kahlen, você se saiu melhor do que eu. É tão pesado...

Padma se agarrou às rochas e saiu da água como se fugisse de um monstro. Caiu de joelhos a três metros de nós entre soluços incontroláveis. Elizabeth também saiu, embora mais devagar, arrastando os pés até a praia.

— *Já vamos voltar* — ela disse. — *Não conseguimos aguentar e precisamos de uma pausa até os pensamentos mudarem. Não sei se o seu sentimento por Akinli é tão profundo assim ou se a Água está amplificando.*

— *Não estou. É tudo dela.*

Elizabeth fez que sim com a cabeça, arrasada demais para reagir de outra maneira. Ela pôs os pés na água e falou em voz alta para que nós também escutássemos.

— Será que ela não pode voltar para ele? — ela suplicou. — Ele está morrendo. Ela também. Os dois não podem ter uma vida juntos, mas podem pelo menos dividir o último momento.

— *Não. Kahlen é minha. Vamos curá-la.*

— Como? — Elizabeth insistiu em meio a lágrimas. — Não resta nada.

— Por favor... — eu pedi, baixando todas as barreiras, expondo até a última gota do amor que sentia por Akinli. — Agora você viu como me sinto. Compartilhei tudo, mas acho que você ainda esconde alguma coisa.

Várias sensações percorreram meu corpo enquanto Ela pensava. Culpa, descrença, preocupação, vergonha. E isso bastou para que eu soubesse que Ela guardava um segredo.

— Por favor. O que você não quer me dizer?

— *É impossível* — ela insistiu, e mais uma vez captei algo estranho em Sua voz. — *Nunca duvidei da sua capacidade de amar, mas que mortal seria capaz de amar de verdade uma garota que conhece há tão pouco tempo? Como pôde enxergar além da beleza com que cobri sua verdadeira identidade? Ainda mais quando você era incapaz de falar com ele?*

— O que você quer dizer? — Miaka disse, tensa. — Você sabia o tempo todo qual era o problema de Kahlen?

— Por favor... — pedi novamente. — Eu te amo. Você sempre me deu carinho. Por favor, me explique o que está acontecendo.

Enfim, a verdade apareceu.

— *É verdade. Sua voz o envenenou. Não posso mais negar isso. A única coisa capaz de curá-lo é a sua voz. Sua voz humana. Para salvá-lo...*

— Eu preciso ser transformada...

— *Sim. Mas além disso, ele é como uma sereia para você. A ausência da voz dele está te matando.*

Balancei a cabeça.

— Como isso é possível?

— *Não sei explicar como duas almas se unem. Nenhum homem, elemento ou deus saberia. Mas vocês estão atados. Por causa disso, por causa do seu amor verdadeiro, devoto e puro, vocês vão prosperar juntos... ou perecer juntos.*

— Não entendo — confessei, engolindo em seco, tentando encontrar algum sentido nas palavras dEla.

— *Se ele não tivesse ouvido sua voz, estaria bem. Mas assim que começasse a envelhecer, não importa daqui a quantos anos, você também começaria a se deteriorar. Ou se você me desobedecesse a ponto de eu ter de matá-la, ele morreria no mesmo instante. Vocês estão ligados por suas próprias almas. Agora, o que acontecer a um corpo, acontecerá ao outro. E como a sua voz tomou conta dele e o envenena aos poucos, você está*

sucumbindo junto com ele. Mais devagar, claro, porque ainda é minha. Mas cedo ou tarde a doença a consumirá do mesmo jeito.

Pensei em Aisling na hora. Senti uma imensa culpa por trair seu segredo naquele momento, mas não havia mais como esconder. Aquilo que estava acontecendo comigo não deveria ter acontecido com ela? Ela não deveria ter enfraquecido com a morte de Tova?

Mas, pensando melhor, não se tratava apenas de Tova. Ela tinha acompanhado o neto e a bisneta. Sorri um pouco ao ver essa falha no laço misterioso entre as sereias e seus entes queridos. O amor dela não tinha um foco único, e à medida que uma nova geração de sua família surgia, Aisling florescia junto.

— Você mentiu para nós! — Elizabeth rugiu. — Você sabia!

— *Não acreditava que uma coisa dessas pudesse acontecer. Como alguém poderia amar vocês como eu? Mais do que eu? Como duas pessoas de mundos tão distintos poderiam formar um laço sem palavras? Eu sabia que vocês tinham casos passageiros ou conhecidos de quem gostavam. Mas acreditava dar tanto a vocês que não haveria espaço para outro amor.*

— Sempre há espaço para o amor — Padma balbuciou. — Nem que seja uma frestinha.

Nossos olhares se cruzaram e lembrei de ter dito aquelas mesmas palavras a ela em Nova York. Como poderia saber o quanto viriam a significar para mim?

Abri um sorriso triste para minha irmã mais nova.

— É verdade. Eu encontrei um caminho. Eu o amo, e isso está nos matando.

Cobri a boca com a mão, mas não havia mais o que chorar.

— Não é culpa sua, Kahlen — Miaka insistiu.

Acenei com a cabeça.

— É sim. Se tivéssemos apenas nos apaixonado, talvez sentíssemos a tristeza ou a alegria do outro de tempos em tempos, ou talvez meu corpo deteriorasse daqui a cinquenta anos junto com o dele. Não haveria problema. — Fiz uma pausa para recuperar o fôlego. — Mas eu o deixei ouvir minha voz. Eu o envenenei, e é por isso que vamos morrer.

— *Sinto muito. Se ao menos eu tivesse evitado que você fugisse de mim... Talvez você jamais o reencontrasse.*

— Aconteceria de qualquer jeito. — Meus pulmões trabalhavam mais do que o normal para sustentar o meu esforço. — Pense em tudo o que fizemos. Todos os lugares em que estivemos. Vocês já encontraram alguém mais de uma vez?

Todas permaneceram caladas. Minha respiração desacelerou, me deixando com uma sensação de vazio.

— Estou cada vez mais convencida de que estávamos destinados um ao outro. E se tudo o que tivemos foi aquele único dia perfeito, meu coração morrerá feliz. — Balancei a cabeça. — É a vida *dele* que odeio sacrificar. Fui responsável por tantas mortes; é justo que a minha aconteça. Mas Akinli... ele é tão... tão...

Não havia uma palavra boa o suficiente para descrevê-lo. “Decente” daria a entender que ele só tinha o nível mínimo de educação. “Bom” não dava conta do afeto sincero que ele transmitia a todas as pessoas, mesmo quando estava mal. Até “perfeito” não era uma palavra justa, porque ele com certeza tinha defeitos, e essas falhas humanas me faziam amá-lo ainda mais.

— Nós sabemos — Miaka disse, encostando a cabeça na minha de leve. Engoli em seco.

— Acho que não consigo mais falar. Minha voz está cansada.

— Está mesmo — Miaka disse num tom carinhoso. — Você contou tudo até os últimos detalhes. Quer dizer, o único jeito é...

— *Não.*

— Mas você acabou de dizer...

— *Sei o que acabei de dizer. Mas podemos ter mais tempo. O corpo dela é mais forte do que o dele.*

Elizabeth interveio:

— Por que estamos discutindo isso? Kahlen e Akinli podem ser salvos. Você precisa deixá-la partir.

— *Posso estar errada. E se ela voltar a ser humana e sua voz não surtir efeito? O que vai acontecer?*

— Ela teria ao menos uns dias ou horas com a pessoa que ama.

— *Ela não vai se lembrar dele. Pode até ser que só piore as coisas.*

Elizabeth, arrasada, com toda a força esgotada, berrou com raiva para a Água:

— Como é possível piorar as coisas?!

— *Seria pior para mim!*

Embora nenhum humano fosse capaz de ouvir, a voz dEla ecoou no céu cavernoso, agitou as árvores e fez rochas desmoronarem.

Ela não tinha olhos. Era incapaz de produzir mais água, mas ainda assim todas sentimos Seu choro.

— *Vivo isolada. Não tenho semelhantes. Vocês são tudo o que tenho e me evitam sempre que possível. Entendo o motivo. Sei que odeiam o que são obrigadas a fazer. Já tentaram ao menos uma vez imaginar como me sinto?*

— Compreendemos o seu fardo! De verdade! — Miaka assegurou a Ela.
— Nós também o carregamos.

— *Não, vocês apenas me alimentam. Sou uma escrava que ninguém nota nem agradece. É raro alguma garota ao meu serviço pensar em mim sem ser chamada. É demais que eu me apegue a uma de vocês enquanto posso? Quando vocês partirem, não serei nada além de uma lembrança. Não estou pronta para ser esquecida.*

Engoli em seco, me sentindo dividida e amada. A minha vida e a da minha alma gêmea estavam acabando porque estávamos separados. Mas,

ao mesmo tempo, a ideia de deixar a Água sem a minha companhia parecia cruel.

A simpatia de Miaka irradiou até a Água, e eu A senti corresponder.

— Pense na dor que você acabou de sentir quando Kahlen lembrou do único amor — Miaka argumentou. — Sua dor seria ainda maior? Talvez. Mas pense que Kahlen fez exatamente isso. Ela o deixou. Ela fez o que estamos pedindo para você fazer, e fez pelo seu bem.

A Água ficou aparentemente imóvel. Me recusei a ter esperanças com as considerações de Miaka. Mesmo que fosse verdade, não havia como eu voltar para Akinli.

Padma, que se mantivera afastada de tudo, secou as lágrimas e se aproximou de nós em silêncio. Com um ar hesitante, pôs as mãos nas pequenas ondas e disse:

— Kahlen me falou que você poderia ser a mãe que eu mereço.

— *E eu posso!*

— Mas você ameaçou me matar. Minha mãe de verdade fez pior, mas isso não me motiva a amar você.

— *Mas eu amo você! Todas vocês são preciosas para mim.*

— Então, por favor, pare de nos afastar com a sua raiva — Elizabeth suplicou.

— *Então como vou conseguir a obediência de vocês? Ela já é precária assim.*

Elizabeth inclinou a cabeça.

— Sempre fui um pouco contestadora. Não consigo ser de outro jeito. Mas não somos Ifama ou uma das outras que você teve que eliminar. Escolhemos ficar. Ainda estamos aqui.

— Se você tivesse falado assim conosco anos atrás, hoje teria um punhado de filhas ansiosas para estar ao seu lado — Miaka disse, ainda me segurando forte, e eu podia sentir sua esperança acender.

Eu mal podia me concentrar nisso, porém, porque a Água chorava e chorava, se sentindo perdida por ter nos entendido tão mal, Suas próprias criaturas. Meus pés ainda estavam no mar, mas mergulhei as mãos também.

— Não pense que não vou sentir sua falta de alguma forma — prometi.
— Se eu viver o suficiente para ser retransformada daqui a setenta anos ou se eu morrer amanhã, não pense que não vou levar você comigo.

— *Vou sofrer por você. Todos os dias.*

— Eu sei. Mas quando eu morrer, você terá as outras. Elas entendem agora.

— *E logo vão partir também.*

— Mas não antes de ensinar às novas garotas a amar você como nós amamos.

— Eu ficaria mais tempo — Miaka disse.

Levantei o olhar para ela, sorrindo.

Ela deu de ombros, aparentemente envergonhada com a confissão.

— Ficaria mesmo. Sou feliz aqui. Sou feliz com você.

— Eu também ficaria mais tempo — Elizabeth propôs. — Toda família precisa de uma rebelde. Vamos ser sinceras, você ficaria entediada sem mim.

Houve um pequeno brilho de alegria em meio à tristeza dEla.

Padma se uniu às irmãs.

— Você sabe como era minha vida antes. Não estou com pressa de fugir de você.

— Podemos somar o tempo de Kahlen ao nosso se você quiser — Miaka disse, olhando para Elizabeth e Padma em busca de aprovação. As duas concordaram com a cabeça.

— Assumimos a dívida dela com alegria — Elizabeth disse.

Enterrei os dedos nos pedregulhos. Era a única maneira que eu tinha de sentir como se segurasse a mão dEla, de garantir que Ela nunca esteve só

de verdade. Havia uma calma na Água, como se nos contemplasse, como se mudasse em torno de uma nova verdade.

— *Prometi a você que a sua voz jamais seria o fim dele, que a morte dele não viria pelas minhas mãos. Não imaginei que as coisas fossem se desenrolar desse jeito, mas a única forma de demonstrar meu amor por você é cumprir a promessa. É o que me resta.*

Os pensamentos dela giraram e se transformaram em ação.

— *Vocês precisam de um plano. Terei que fazer a mudança perto do Maine. Levarei vocês até lá quando estiverem prontas.*

— Cuidarei de tudo — Miaka garantiu. — Vou deixar o mínimo possível ao acaso.

— *Agora vão. Preciso preparar tudo.*

— Você vai ficar bem? — perguntei.

— *Tenho que ficar. Vá, minha querida. Isto é tudo o que posso lhe dar. Você finalmente compreenderá o quanto amo você.*



A PRIMEIRA COISA DE QUE TOMEI CONSCIÊNCIA foi a fome. A sensação era de que meu estômago iria digerir a si mesmo, e a falta de comida era dolorosa. Ao mesmo tempo, achava a dor estranha, como se fosse típica para os outros, mas não para mim.

Então senti meu corpo balançar. Me movia, mas estava escuro e não conseguia saber onde estava ou como estava sendo levada. Não usava as pernas. Minhas pernas pareciam detonadas; meu corpo inteiro, na verdade. Não conseguiria usá-las nem se precisasse.

— Oi? — falei com muito custo. Minha garganta queimava; parecia arranhada, como se tivesse engolido água salgada. Precisei de toda a minha energia para erguer a cabeça.

Foi então que consegui ver como estava me movendo. Três garotas me carregavam: duas apoiavam meu tronco e uma segurava as pernas.

— Para onde estão me levando? — minha voz saiu fraca e trêmula.

Ao fazer a pergunta, percebi que eu ignorava questões ainda mais importantes. Não conseguia lembrar meu próprio nome. Ellen? Katlyn? Nenhum deles soava certo na minha cabeça. Não sabia onde minha família estava; não sabia onde ela deveria estar. Não conseguia lembrar de nomes e rostos, mas sentia que tinha perdido algo ou alguém.

Minha respiração começou a acelerar à medida que o medo se apoderava de mim. Meu instinto era correr, mas eu mal conseguia manter a cabeça erguida.

— Por favor, não me machuquem.

Nenhuma resposta.

Quando nos aproximamos de uma casa, comecei a pensar se aquele seria meu destino final. Luzes brilhavam através das janelas. Embora a visão me passasse uma sensação reconfortante, não confiei naquele sentimento. Gemi quando elas começaram a subir a varanda, embora as três se movessem com suavidade e tentassem evitar me chacoalhar muito. A garota à minha direita, uma asiática belíssima com o cabelo tão negro quanto as roupas que vestia, acenou três vezes com a cabeça e todas me baixaram em sincronia.

Me deixaram apoiada sobre os cotovelos, sem fôlego.

— Onde estamos? O que vocês querem? — balbuciei, rouca.

A garota aos meus pés, outra deusa de rosto exótico, dirigiu um olhar triste para as outras e depois para mim, como se eu tivesse acabado de fracassar numa prova.

— Estou tão confusa — choraminguei. — Por favor, o que está acontecendo?

A última garota, maravilhosa com seu cabelo cheio, apontou para a casa.

— É a minha casa?

Seu rosto assumiu uma expressão estranha, como se ela não soubesse o que responder. A asiática tocou meu braço para chamar a minha atenção e fez que sim com a cabeça.

Como se estivesse prestes a perder alguma coisa, ela tocou minha bochecha. A mão estava encharcada. A garota aos meus pés juntou as mãos abertas, como numa oração, e fez uma reverência. A última acariciou meu cabelo e sorriu.

Sem palavras, elas levantaram e correram para o lado da casa.

— Esperem! — gritei o mais alto que pude. — Quem são vocês? Quem sou *eu*?

Comecei a chorar, aterrorizada. O que eu ia fazer?

O barulho deve ter chamado a atenção de alguém. A porta se escancarou, e a luz de dentro quase me cegou.

— Kahlen? — um homem perguntou. — Julie! Julie, venha cá! É a Kahlen!

— Me ajudem! — supliquei. — Por favor.

— Ah, que bom! — uma mulher gritou ao chegar à porta. — Pensamos que tivesse morrido!

— Não parece faltar muito para isso — o homem sussurrou.

— Quietos! Pelo amor dos céus, Ben, me ajude a levar Kahlen para dentro.

Ele me pegou no colo e me levou para dentro da casa. Depois, me colocou com cuidado num sofá bem macio.

— Querida, por onde você andou? Akinli está morrendo de preocupação. Todos estamos.

A mulher — Julie — tirou uma manta de trás do sofá e me cobriu, para em seguida pôr os dedos no meu pulso e olhar para o relógio.

— Quem? — perguntei com a voz rouca e baixa, me agarrando à manta. Houve uma pausa em que um misto de choque e tristeza passou pelo rosto de ambos. — Desculpem. Podem me dar um pouco de água?

Ben correu à cozinha e Julia agachou ao meu lado para prender o cobertor melhor.

— Kahlen, você lembra de mim?

Fiz que não com a cabeça.

— As garotas me disseram que aqui era a minha casa, mas não te conheço.

— Que garotas?

— Não sei. Elas correram.

— Aqui está — Ben disse ao surgir do corredor com um copo.

Levantei com dificuldade e tomei o copo num gole só. Estava desesperada por água.

— Me sinto melhor — eu disse, levando a mão à cabeça na tentativa de endireitar os pensamentos.

— Ela não lembra de nada.

Ben esboçou um riso.

— Bom, pelo menos você consegue falar agora — ele disse animado.

Franzi a testa.

— Como assim?

Julie levou a mão à boca.

— Não sei nem por onde começar a explicar.

— Talvez fosse melhor se Akinli explicasse — Ben propôs.

— Duvido que tenha forças.

— Pfff! — Ben desdenhou. — Ele encontraria forças por ela.

A expressão de Julie revelava a verdade daquelas palavras.

— Você consegue andar?

— Acho que não.

— Tudo bem — Ben disse antes de se aproximar com cuidado e me pegar no colo. — Já estou bom nisso.

Julie subiu a escada na frente, e os degraus eram tão estreitos que precisei encolher a cabeça no ombro de Ben. Julie nos levou até o fim do corredor e bateu de leve numa porta. A luz estava baixa e ouvi um ruído de fundo.

— Ei. Como você está? — ela perguntou com a voz doce.

— Está de brincadeira? — alguém provocou de um jeito amável. A voz soava tão gasta quanto a minha. — Sou capaz de correr uma maratona.

Ela riu.

— Você tem visita. Topa?

A pessoa tomou um fôlego trêmulo e chiado.

— Claro.

Julie acenou para Ben, que entrou comigo no quarto, enquanto ela ajeitava uma cadeira para mim.

— Obrigada — eu disse, tentando não gemer ao descer do colo. Ben perdeu o equilíbrio e não foi tão delicado quanto queria.

Então vi o garoto na cama. Estava deitado de lado, com um tubo no nariz e outro na veia. As bochechas estavam magras, e a pele, branca como a de um fantasma. O cabelo devia ter sido loiro um dia, mas desbotava em cinza, então não dava para ter certeza. A única parte do garoto que ainda tinha um pouco de vida eram os olhos, que se encheram de lágrimas ao me ver.

— Kahlen?

Permaneci imóvel na cadeira. Três pessoas já tinham me chamado pelo mesmo nome, que soava parecido com Katlyn e Ellen. Isso me fez acreditar que elas talvez me conhecessem de verdade.

— Para onde você foi? Onde esteve? Pensei que você tivesse morrido — ele disparou. Seu peito trabalhava duro para acompanhar a boca que transbordava de palavras.

— Vocês podem trazer uma caneta para ela? Por favor? — ele pediu erguendo o braço; era só pele e ossos. — Preciso muito saber.

— Caneta? — perguntei.

Mais uma vez o olhar dele se acendeu.

— Você consegue falar?

Encarei aquele garoto, extasiado com a minha capacidade de fazer uma coisa tão simples.

— Parece que sim — respondi com um sorriso.

Ele deitou as costas na cama com tudo e soltou uma gargalhada sincera. Pelas lágrimas de Julie, imaginei que ela tinha esperado muito tempo para ver aquilo mais uma vez.

— Não parei de sonhar com aquele som. — Ele não desgrudava os olhos de mim, extremamente feliz simplesmente por estarmos no mesmo quarto. — Estou tão feliz por você estar bem.

Olhei para ele e para as duas pessoas cujos nomes eu tinha acabado de aprender.

— Então... aqui é a minha casa?

Akinli me encarou perplexo e depois se voltou para Ben e Julie.

— Ela disse que algumas garotas a deixaram aqui e disseram que era a casa dela. É tudo o que sabe. Nem reconheceu você — Julie explicou enquanto secava as lágrimas e tentava se acalmar.

Ele voltou a me encarar o mais rápido que pôde.

— Kahlen? Você lembra de mim, certo?

Olhei bem para o rosto dele à procura de algo familiar. Não reconhecia o ângulo do seu queixo, nem o comprimento dos seus dedos. Nunca tinha visto seus ombros nem o formato dos seus lábios.

— Akinli, certo? — perguntei.

Coitado. Sentia pena dele do fundo do coração. Com certeza ele tinha sofrido muito, e dava para ver seu último fio de força morrer com aquelas palavras.

— Sim.

— Não lembro de ter te visto antes. Sinto muito.

Ele apertou os lábios como se engolisse a vontade de chorar.

— Mas conheço sua voz — continuei. Conheço como se fosse a minha.

Akinli, o garoto desconhecido cuja vida parecia depender daquilo, se esforçou para levantar da cama.

Julie suspirou chocada ao ver os braços dele tremerem sob o peso do corpo, apesar da magreza. Ele fechou os olhos com força para se concentrar e conseguir se erguer.

Ouvi Ben murmurar consigo mesmo:

— Vamos, vamos...

Quando Akinli estava quase de pé, resfolegando como se tivesse mesmo acabado de correr uma maratona, estendeu o braço para mim.

Aceitei sem medo.

Ficamos apoiados um no outro, já que nenhum dos dois estava forte o bastante para ficar de pé sozinho.

— Pensei que nunca mais ia ver você sentar — Julie chorou.

Ambos olhamos para ela e sorrimos diante das lágrimas de felicidade em seu rosto.

— Estou me sentindo bem, na medida do possível — Akinli disse.

— Tudo bem, não vamos abusar — Ben disse antes de se aproximar e ajudá-lo a deitar de novo.

Me senti um pouco melhor. Ainda havia um zunido de confusão na minha cabeça, mas era bem-vinda ali, e a voz de Akinli me nutria mais do que comida.

Comecei a fungar quando umas poucas lágrimas escaparam. Levantei a mão para afastá-las e foi então que percebi as únicas pistas deixadas por quem quer que tivesse me levado até aquela casa.

Alguém tinha escrito num dos meus pulsos “Você se chama Kahlen”, e no outro “Ele se chama Akinli”.

Girei as mãos várias vezes e procurei mais informações nos meus braços.

— Vejam — falei ao estender os braços.

— Letra bonita — Ben comentou.

Julie lhe deu um tapa, mas parecia de brincadeira.

— Sêrio? — ela disse.

— É tudo o que você tem? — Akinli perguntou.

— Parece que sim. Então só sei quem sou eu e quem é você.

Encarei os olhos dele, daquele tom azul brilhante, e senti que era tudo o que importava.

EPÍLOGO

OS MÉDICOS DISSERAM QUE FOI UM MILAGRE. Dia após dia, a doença de Akinli deixava seu corpo. Cedia lugar a um entusiasmo pela vida e a um desejo de recuperar o tempo perdido.

Ainda que ninguém tivesse feito meu diagnóstico, eu sabia que estava me recuperando de alguma coisa também. Meu caminho até a cura era mais curto do que o dele, mas não menos fascinante.

Akinli se tornou a única história que eu tinha. Ele me contou que uma vez dançamos embaixo de uma árvore enquanto os outros assistiam com inveja. Me contou uma história impressionante sobre um vestido lindo que eu tinha e que se desmanchou em pó no quarto de hóspedes, deixando uma mancha branca no assoalho. E me contou sobre nosso primeiro beijo, que foi lindo e desastroso ao mesmo tempo, e como todos os outros depois desse tinham a mesma magia estranha.

Eu ouvia tudo, gravando as palavras no coração. Por mais que repassasse as histórias, nunca entendi como nossos caminhos haviam se cruzado daquele jeito. Só podia concluir que era o destino.

Assim que nos recuperamos dos acontecimentos daquela noite, Julie encontrou uma mala na varanda, que supomos ter sido deixada pelas mesmas três garotas que me levaram até lá. Só me deixaram dois bens materiais. O primeiro era uma pilha de dinheiro que entreguei de imediato a Ben e Julie como compensação por terem me acolhido. A maior parte

serviu para pagar as despesas médicas de Akinli, o que não era problema para mim. Não conhecia nenhuma expressão mais forte que “alma gêmea”, que desse a entender a sensação de estar tão unido a alguém que é difícil dizer onde termina essa pessoa e onde você começa. Se essa expressão existisse, pertencia a Akinli e a mim.

O segundo item que me deixaram era uma garrafa de água. Era uma água tão exótica, de um azul escuro e brilhante ao mesmo tempo, espessa demais para ser transparente, mas translúcida mesmo assim. Não importava a estação, estava sempre fria, e havia pequenas conchas dentro que nunca ficavam no fundo da garrafa.

Às vezes eu dormia com a garrafa, embora ela fosse fria o suficiente para me acordar se encostasse nela sem querer. Era a única pista que eu tinha sobre a minha identidade antes da noite em que fui deixada na varanda daquela casa, e amava a garrafa só um pouquinho menos do que amava Akinli.

Por algum motivo, sabia que esse amor era importante, como se cuidar daquela água com carinho significasse cuidar de mim mesma. E foi o que fiz. Amava meu corpo em recuperação. Amava minha alma gêmea de olhos azuis. E amava minha família adotiva.

Apertei a garrafa de água contra o peito e amei a sensação.



DUSTIN COHEN

KIERA CASS nasceu em 1981, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formou-se em história na Universidade de Radford, na Virginia, e atualmente mora em Christiansburg. É autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil.

Copyright do texto © 2016 by Kiera Cass

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Siren

CAPA © 2016 by Gustavo Marx/Merge Left Reps, Inc.

ARTE DE CAPA © Erin Fitzsimmons

PREPARAÇÃO Gabriela Ubrig Tonelli

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0484-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Epílogo

Sobre a autora

Créditos